

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**“A MÚSICA INTEGRADA À SALA DE AULA NUMA
PERSPECTIVA DE FORMAÇÃO CONTINUADA PARA
PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: REDIMENSIONANDO A PRÁTICA
PEDAGÓGICA”**

KEILA DE MELLO TARGAS

SÃO CARLOS
2003

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**“A MÚSICA INTEGRADA À SALA DE AULA NUMA
PERSPECTIVA DE FORMAÇÃO CONTINUADA PARA
PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: REDIMENSIONANDO A PRÁTICA
PEDAGÓGICA”**

KEILA DE MELLO TARGAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação (Área de concentração: Metodologia de Ensino), orientada pela Prof^a. Dr^a. Ilza Zenker Leme Joly.

São Carlos
2003

**Fi cha cat al ogr á fi ca el ab or ad a pel o DePT da
Bi bl i o te ca Co mu ni tá ri a da UFSCar**

T185mi

Targas, Keila de Mello.

A música integrada à sala de aula numa perspectiva de formação continuada para professores dos anos iniciais do ensino fundamental: redimensionando a prática pedagógica / Keila de Mello Targas. -- São Carlos : UFSCar, 2003.
166 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2003.

1. Música na educação. 2. Formação continuada de professores. 3. Reflexão docente. 4. Educação musical. 5. Aprendizagem profissional da docência. I. Título.

CDD: 372.87 (20^a)

"Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr sua força a serviço de nossos sonhos"

Paulo freire

Dedico este trabalho, em primeiro lugar, a Deus, criador e mantenedor deste Universo; ao meu marido, Marcelo, e à minha filha, Thatiana, que com carinho e paciência contribuíram para torná-lo possível.

AGRADECIMENTOS

À Prof^a. Dr^a. Ilza Zenker Leme Joly, amiga e orientadora, pela dedicação e apoio, sobretudo quando as dificuldades pareciam impedir a jornada.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) pelo auxílio na realização deste estudo.

À Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES) pelo auxílio financeiro no desenvolvimento da pesquisa.

Às professoras Inês, Elsa, Ana Maria, Luciana, Márcia e Cristiane e Rose (diretora) da EMEB “Antonio Stella Moruzzi” pelo engajamento e companheirismo.

Ao meu esposo, Marcelo, e minha filha, Thatiana, pelo incentivo contínuo.

Aos meus pais e sogros, pelo especial apoio, incentivo e auxílio.

A todos os familiares e amigos que, de alguma forma, contribuíram para que esse trabalho se tornasse possível.

RESUMO

O estudo teve por objetivo investigar que contribuições um programa de formação continuada em educação musical, para professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental, pode trazer para essas professoras no sentido de desenvolver habilidades e a reflexão como parte do processo de ensino-aprendizagem e da prática pedagógica. De que maneira possibilita um contato com a música por parte do professor unidocente e o quanto isso pode ser importante no cotidiano da sala de aula em termos de um redirecionamento da prática pedagógica. Como objetivos específicos, buscamos analisar o progresso dos professores envolvidos no processo em relação às aprendizagens ocorridas, ao desenvolvimento de novas habilidades, à transformação da prática pedagógica, à conquista de um espaço escolar diferenciado no qual a experimentação, trocas de experiências, leituras e reflexões fossem aspectos mais valorizados. Com esse intuito, foi elaborada e desenvolvida uma oficina musical com professores da rede municipal de ensino, com duração de 23 semanas, cujo objetivo foi possibilitar aos participantes a aquisição de conhecimentos musicais básicos por meio da vivência de atividades práticas e reflexões teórico-metodológicas. Ao mesmo tempo em que eram vivenciados jogos e brincadeiras musicais, havia espaço para discussão das atividades, leituras e reflexões. Tais processos permitiram às professoras a experimentação de novas possibilidades de trabalho com a música em sala de aula, com a inclusão de inovações e adaptações a partir das experiências vivenciadas na oficina, assim como a aplicação dessas inovações em sala de aula e a reflexão sobre esse processo. Os resultados da oficina possibilitaram a análise da questão proposta para esse estudo. Foi possível verificar que, ao participar de um programa de formação continuada, por meio do qual seja possível vivenciar novas experiências, o professor pode construir novos conhecimentos, desenvolver novas habilidades, aprender a lidar com os conteúdos de maneiras diferentes, ampliar sua capacidade de adaptar, adequar, inovar de acordo com as necessidades de sua sala de aula, aprender a refletir mais frequentemente sobre a própria atuação docente e redirecionar sua atuação com base nessas reflexões. Foi possível observar também que os alunos, quando incentivados pelo professor a tomar contato com a música por meio de jogos e brincadeiras, desenvolveram capacidades de percepção auditiva e rítmica, expressão vocal e corporal, assim como aprenderam a melhor interagir e se organizar no grupo. O programa de formação continuada desenvolvido mostrou ser um importante instrumento para o incentivo de novas aprendizagens docentes, o desenvolvimento da prática reflexiva e uma nova maneira de perceber a educação musical.

ABSTRACT

The aim of the study was to investigate which contributions a continuing education program in music, for Elementary School teachers, could offer. We intended to investigate if such a program could lead to new learning and reflections as part of their teaching process and pedagogical practice. In which way it makes possible a contact with the music by generalist teacher and how this can be important in a classroom's everyday routine in terms of reorganizing the pedagogical practice. As specific goals, we tried to analyse the progress of the teachers involved in the process related to the learnings obtained, to the development of new abilities, to the transformation of pedagogical practice, to the conquest of a differentiated school space in which experimentation, share of experiences, readings and reflections were aspects taken into higher account. With this goal, a music workshop was designed and developed with teachers (City Hall schools). It lasted 23 weeks and intended making possible for the participants the acquisition of basic musical knowledge through the development of practical activities. At the same time that musical games and plays were developed, there was also space for discussion of the activities, readings and reflections. These processes made possible for the teachers to experience new alternatives for teaching music in the classroom, including innovating and adapting educational practices, based on the experiences lived on the workshop, as well as applying these innovations in the classroom and reflection on this process. Regarding the proposed research question the results (of intervention and research) we could observe that the participation in the program, made possible for the teachers to acquire new experiences, build up new knowledge, develop new abilities, learn to deal with the contents in different ways, increase their capacity of adapting, adequing, and innovating according to the necessities of the classroom, learn to reflect more frequently about their own pedagogical performances and redirect them based on these reflections. It was also possible to observe that the student, when motivated by the teacher to get in contact with music through games and plays, develops capacities of audio and rhythmic perception, vocal and body expression, as well as learn how to better interact and get organized in group. The program of continuing education was an important tool to the encouragement of new learnings by the teachers, to develop reflective practice, and for them to perceive in a new way music education.

LISTA DE QUADROS

CAPÍTULO 4

| | |
|--|----|
| Quadro 4.1 – Atividade desenvolvida com as professoras em 01/10/2001..... | 32 |
| Quadro 4.2 – Atividade desenvolvida com as professoras em 08/10/2001..... | 33 |
| Quadro 4.3 – Atividade desenvolvida com as professoras em 08/10/2001..... | 34 |
| Quadro 4.4 – Atividade desenvolvida com as professoras em 22/10/2001..... | 35 |
| Quadro 4.5 – Atividade desenvolvida com as professoras em 29/10/2001..... | 36 |
| Quadro 4.6 – Atividade desenvolvida com as professoras em 26/11/2001..... | 39 |
| Quadro 4.7 – Roteiro da apresentação das professoras..... | 40 |
| Quadro 4.8 – Atividade desenvolvida com as professoras em 25/02/2002..... | 44 |
| Quadro 4.9 – Atividade desenvolvida com as professoras em 04/03/2002..... | 45 |
| Quadro 4.10 – Atividade desenvolvida com as professoras em 04/03/2002..... | 48 |
| Quadro 4.11 – Atividade desenvolvida com as professoras em 11/03/2002..... | 49 |
| Quadro 4.12 – Atividade desenvolvida com as professoras em 25/03/2002..... | 62 |
| Quadro 4.13 – Atividade desenvolvida com as professoras em 08/04/2002..... | 68 |
| Quadro 4.14 – Atividade desenvolvida com as professoras em 07/05/2002..... | 74 |
| Quadro 4.15 – Atividade desenvolvida com as professoras em 13/05/2002..... | 76 |
| Quadro 4.16 – Atividade desenvolvida com as professoras em 20/05/2002..... | 81 |
| Quadro 4.17 – Atividade (A) desenvolvida com as professoras em 27/05/2002..... | 82 |
| Quadro 4.18 – Atividade (B) desenvolvida com as professoras em 27/05/2002..... | 83 |
| Quadro 4.19 – Atividade desenvolvida com as professoras em 03/06/2002..... | 86 |
| Quadro 4.20 – Atividade desenvolvida com as professoras em 10/06/2002..... | 91 |
| Quadro 4.21 – Características dos alunos mencionadas pelas professoras participantes da oficina..... | 96 |

| | |
|--|-----|
| Quadro 4.22 – Experiências musicais das professoras anteriores à oficina..... | 103 |
| Quadro 4.23 – Expectativas das professoras em relação à oficina de música..... | 122 |

LISTA DE FIGURAS

CAPÍTULO 4

| | |
|---|----|
| Figura 4.1 – Professoras realizando a atividade prática com a canção “Passa, passa, gavião”..... | 84 |
| Figura 4.2 – Professoras em momentos de leitura e discussão | 85 |
| Figura 4.3 – Alunos da 1ª série (Elsa) realizando atividade com a canção “Passa, passa gavião”..... | 89 |
| Figura 4.4 – Alunos da 4ª série (Luciana) apresentando uma nova melodia para a canção “A Natureza”..... | 89 |
| Figura 4.5 – Alunos da 2ª série (Márcia) apresentando uma nova letra para a canção “Epitáfio incentivando a valorização do meio ambiente..... | 90 |

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1

| | |
|--|---|
| O PROFESSOR E SUA FORMAÇÃO: O PAPEL DA REFLEXÃO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA..... | 1 |
|--|---|

CAPÍTULO 2

| | |
|--|---|
| A MÚSICA NO CONTEXTO ESCOLAR: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES..... | 9 |
|--|---|

CAPÍTULO 3

| | |
|--|----|
| ELABORANDO UM PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA: A OFICINA DE MÚSICA NA EMEB “ANTONIO STELLA MORUZZI”..... | 20 |
|--|----|

| | |
|---|----|
| 3.1) Conhecendo as professoras da EMEB “Antonio Stella Moruzzi..... | 22 |
|---|----|

| | |
|-------------------------------------|----|
| 3.2) Abrangendo a sala de aula..... | 25 |
|-------------------------------------|----|

| | |
|-------------------------------|----|
| 3.3) Avaliando a oficina..... | 28 |
|-------------------------------|----|

| | |
|------------------------------------|----|
| 3.4) Procedimentos de análise..... | 29 |
|------------------------------------|----|

CAPÍTULO 4

| | |
|--|----|
| A OFICINA DE MÚSICA: PROPICIANDO APRENDIZAGENS, TRANSFORMANDO O ESPAÇO ESCOLAR E A PRÁTICA PEDAGÓGICA..... | 31 |
|--|----|

| | |
|---|----|
| 4.1) As experiências vivenciadas pelas professoras na oficina musical: expectativas e impressões..... | 91 |
|---|----|

| | |
|--|----|
| 4.1.1) Trocando experiências e enriquecendo o diálogo..... | 92 |
|--|----|

| | |
|--|----|
| 4.1.2) Superando dificuldades do cotidiano escolar por meio da aplicação de atividades musicais..... | 94 |
|--|----|

| | |
|--|-----|
| 4.1.3) Aprofundando o contato com a linguagem musical..... | 101 |
|--|-----|

| | |
|---|-----|
| 4.1.4) Desenvolvendo a atenção, a sensibilidade e a capacidade de improvisação das professoras e seus alunos..... | 105 |
|---|-----|

| | |
|---|-----|
| 4.1.5) Redirecionando a prática pedagógica..... | 109 |
|---|-----|

| | |
|---|-----|
| 4.1.6) Estabelecendo conexões entre a linguagem musical e os conteúdos desenvolvidos em sala de aula..... | 113 |
|---|-----|

| | |
|--|-----|
| 4.1.7) Estimulando a discussão de temas transversais..... | 116 |
| 4.1.8) Refletindo sobre a prática pedagógica e as novas aprendizagens..... | 119 |

CAPÍTULO 5

| | |
|--|-----|
| AVALIANDO APRENDIZAGENS E DISCUTINDO NOVAS PERSPECTIVAS..... | 124 |
| 5.1) O ensino musical, o ambiente escolar, o professor e o aluno: algumas considerações..... | 124 |
| 5.2) A formação continuada possibilitando novas aprendizagens e novas formas de ensinar..... | 128 |
| 5.3) As experiências vivenciadas sob o ponto de vista das professoras..... | 133 |
| 5.4) Modificando e ampliando o espaço escolar: novas perspectivas geradas pela oficina..... | 137 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 140 |
| NOVAS PERSPECTIVAS..... | 144 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 145 |
| ANEXOS..... | 148 |

INTRODUÇÃO

“Nem todas as crianças nascem obrigatoriamente com dotes artísticos, mas todas têm direito ao conhecimento da arte e a serem despertadas e encaminhadas, por cuidados especiais, nesse sentido” (Jeandot, 1990:132).

Lecionando nos anos iniciais do Ensino Fundamental, na área musical, pude verificar a importância do papel estabelecido pela música na formação da criança, estimulando não só o desenvolvimento da percepção espacial, rítmica e auditiva, como também a sociabilização, audição e experimentação da sonoridade que está ao seu redor, a sonoridade do próprio corpo, uma vez que a música, segundo Jeandot (1993), constitui uma possibilidade expressiva privilegiada para a criança, atingindo diretamente sua sensibilidade afetiva e sensorial.

Os referenciais teóricos formados a partir de estudos da literatura e da minha experiência vivida enquanto docente permitem afirmar que as atividades lúdicas envolvendo música, de fato, proporcionam à criança um ambiente escolar mais abrangente, no qual não apenas o ler, escrever e contar tenham espaço, mas outros elementos importantes, tais como: a interação com o outro, consigo mesmo, capacidade de criar, experimentar, valorização da auto-estima. Permitem também afirmar que a integração da música ao programa escolar é possível, na medida em que uma simples canção é capaz de gerar inúmeras atividades musicais, que, por sua vez, geram inúmeras possibilidades de dinamizar a aprendizagem de conteúdos do currículo formal da escola. Nesse sentido, a música, além de proporcionar alegria ao ambiente escolar, é capaz de estimular a comunicação, a concentração, a capacidade de trabalhar e se relacionar melhor em grupo, a sensibilidade estética e artística, a imaginação. Como afirma Joly (2001), “canções, histórias, jogos e danças estabelecem a fundamentação para o amadurecimento social, emocional, físico cognitivo da criança. Música também é uma meio de fazer a criança participar de atividades de grupo” (Joly, 2001: 03).

A literatura mostra que a música, inserida na escola, pode, além de dar oportunidade à criança para que experimente esta arte, proporcionar melhor desenvolvimento em outras áreas curriculares (estímulo à concentração, à comunicação),

oportunidade de contato com a música enquanto bem cultural – inserida no contexto histórico-cultural – além de ser um momento prazeroso para a criança. Brincando e aprendendo com música, a criança, na verdade, está se desenvolvendo também em outras áreas do currículo formal da escola, o que torna a construção do conhecimento e a própria sala de aula mais prazerosas. Nessa direção, Feres (1989) afirma que o ideal seria que o curso de musicalização¹ fosse dado na mesma escola onde a criança aprendesse a ler, escrever e contar e lá, através de jogos, brincadeiras e cirandas, ela pudesse gozar essa etapa tão importante da vida do ser humano que é a infância.

No entanto, na atual configuração de nossas escolas públicas, a música dificilmente tem feito parte das áreas do conhecimento consideradas importantes à formação da criança apesar das iniciativas nesse sentido. Embora a música esteja presente nos Documentos dos Parâmetros Curriculares Nacionais para Arte², como uma das grandes temáticas a ser trabalhada no Ensino Fundamental, estudos indicam que isso ainda se encontra em fase inicial. Apesar da comprovada importância da música no processo de formação da criança, a viabilização para que efetivamente passe a fazer parte do cotidiano escolar ainda necessita de muito investimento. Não há uma tradição curricular na área musical pois a proposta ainda é recente, o que torna importante o investimento no professor que já atua em sala de aula – responsável, no caso dos professores de séries iniciais, por todas as áreas do currículo formal – por meio da formação continuada.

Baseado nesses pressupostos, o presente estudo se propõe a analisar que contribuições um programa de formação continuada em educação musical, para professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, pode trazer para esse professor no sentido de estimular novas aprendizagens da docência e a reflexão como parte do processo de ensino-aprendizagem.

O objetivo geral deste trabalho, portanto, consiste em investigar que contribuições esse programa de formação continuada pode oferecer ao professor e ao aluno

¹ A autora explica que a palavra musicalização tem um sentido mais amplo do que ensinar noções de leitura e escrita musical. Um pessoa musicalizada então seria aquela que tem a sensibilidade mais desenvolvida para perceber os fenômenos musicais e que sabe expressar-se por meio da música cantando, assobiando ou tocando um instrumento (Feres, 1989:3).

² Os Parâmetros Curriculares são documentos da nova política pública que organiza os Ensinos Fundamental e Médio. Tais documentos têm como objetivo auxiliar o professor na tarefa de refletir e discutir aspectos do cotidiano da prática pedagógica. Para cada área do conhecimento há um volume correspondente contendo

ao permitir a vivência de atividades envolvendo música no ambiente escolar. De que maneira possibilita um contato com a música por parte do professor unidocente e o quanto isso pode ser importante no cotidiano da sala de aula em termos de um redirecionamento da prática pedagógica. Como objetivos específicos, buscamos analisar o progresso dos professores envolvidos no processo em relação às aprendizagens ocorridas, ao desenvolvimento de novas habilidades, à transformação da prática pedagógica, à conquista de um espaço para experimentação, leituras e reflexões, ou seja, à reorganização do espaço já existente.

Tendo em vista tais objetivos, no primeiro capítulo, tecemos algumas considerações referentes à formação do professor e ao papel da reflexão na prática pedagógica, discutindo a importância da prática reflexiva, a valorização do saber e experiências docentes. No segundo capítulo, traçamos algumas linhas sobre o ensino musical, contextualizando-o ao longo da História, destacando seus diferentes momentos, apresentando também algumas considerações sobre os rumos que tem tomado atualmente diante da nova política pública reguladora do Ensino Fundamental – Parâmetros Curriculares Nacionais. No terceiro capítulo, apresentamos o método utilizado na busca de respostas para a questão desta pesquisa, destacando o principal instrumento para a sua discussão: a oficina de música. Para tanto, apresentamos uma caracterização geral da escola, das participantes da oficina, do ambiente no qual foi desenvolvida, do material e da metodologia adotada. No quarto capítulo, apresentamos e discutimos os resultados da oficina, evidenciando as experiências vivenciadas pelas professoras, suas expectativas e impressões a partir das quais realizamos algumas considerações sobre as contribuições geradas pela oficina em relação às transformações da prática pedagógica e do espaço escolar. No quinto capítulo, apresentamos os resultados das entrevistas realizadas com as professoras participantes e a diretora da instituição, ao final da oficina, avaliando o processo ocorrido, discutindo a relação ensino musical/escola/professor/aluno, a formação continuada enquanto um incentivo para novas experiências, reflexões e transformação da prática, as contribuições da oficina no olhar das professoras participantes, a modificação e ampliação do espaço escolar a partir do desenvolvimento da oficina. Encerrando o trabalho, apresentamos nossas considerações finais a respeito do estudo realizado,

caracterização da área, objetivos gerais, conteúdos, critérios de avaliação, orientações didáticas. A música

contribuições geradas pelo programa de formação continuada, por meio da oficina de música, para as professoras participantes e seus alunos, bem como para o espaço escolar como um todo.

1

O PROFESSOR E SUA FORMAÇÃO: O PAPEL DA REFLEXÃO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Quando pensamos em educação – seus problemas e seus ideais – imediatamente nos remetemos à questão da formação do professor, por ser ele o principal mediador entre os conhecimentos socialmente construídos e os alunos. Segundo Mizukami (1996), o professor é fonte de modelos, crenças, valores, conceitos e pré-conceitos, atitudes que constituem, juntamente com conteúdos da disciplina ensinada, outros tipos de conteúdos por ele mediados. Como afirma a autora,

“Conhecer quem é esse profissional, sua trajetória escolar, sua formação básica, como ele se desenvolve ao longo de sua trajetória profissional é (...) de fundamental importância quando se pensa em oferecer um ensino de qualidade a toda população, assumindo isso como função social da escola” (Mizukami,1996:60).

Estudos sobre o pensamento do professor, sobre ensino reflexivo, sobre base de conhecimento para o ensino, embora produtos de referenciais teóricos e metodológicos diversos, apontam para o caráter de construção do conhecimento profissional, para o desenvolvimento profissional ao longo do próprio exercício da docência e para a construção pessoal desse tipo de conhecimento. Os processos de aprender a ensinar e de aprender a profissão são, pois, processos de longa duração e sem um estágio final preestabelecido (Mizukami,1996). Ainda sob o ponto de vista da autora, esses estudos também têm indicado que os conhecimentos, as crenças e as metas dos professores são elementos fundamentais na determinação do que fazem em sala de aula e de por que o fazem; indicam que aprender a ensinar é “desenvolvimental” e requer tempo e recursos para que os professores modifiquem suas práticas; que as mudanças que os professores precisam

realizar vão além de aprender novas técnicas e implicam revisões conceituais dos processos educacional e instrucional e da própria prática (Mizukami et al., 2002:48).

Nesse sentido, Paulo Freire (2000) afirma que

“Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática” (Paulo Freire, 2000:58).

A formação permanente do professor, para o autor, assume então importância fundamental no que diz respeito à transformação da escola, pois não podemos pensar em mudar a “cara” da escola – tornando-a mais “competente” e “alegre” – sem pensar na formação permanente do educador, o que se faz preponderantemente através da reflexão sobre a prática. Como ele afirma, o professor tem o dever de “reviver”, de “renascer” a cada momento de sua prática docente para que os conteúdos que ensina sejam algo vivo e não noções “petrificadas”:

“Por esta razão estou convencido de que uma das mais importantes tarefas em que a formação permanente dos educadores se deveria centrar seria convidá-los a pensar criticamente sobre o que fazem” (Paulo Freire, 2000:123).

Sobre esse aspecto, Mizukami et al. (2002) afirmam que, embora não haja consenso na literatura acerca da natureza da reflexão, há um acordo geral no sentido de que o professor reflexivo é aquele capaz de analisar a própria prática e o contexto no qual ela ocorre, de avaliar diferentes situações de ensino, de tomar decisões e tornar-se responsável por elas.

García (1992), ao discutir a formação de professores, também aponta para a necessidade de se conceber a formação como um *continuum*. Apesar de ser composto por fases claramente diferenciadas do ponto de vista curricular, a formação de professores é um processo que tem de manter alguns princípios éticos, didáticos e pedagógicos comuns, independentemente do nível de formação em causa. Nessa perspectiva, segundo o autor, não se deve pretender que a formação inicial ofereça produtos acabados, mas sim a primeira fase de um longo e diferenciado processo de desenvolvimento profissional.

Nóvoa (1992), nessa mesma direção, ressalta que a formação deve ser encarada como um processo permanente, integrado no dia-a-dia dos professores e das

escolas, pois a mudança no cenário educacional depende dos professores e da sua formação, bem como da transformação das práticas pedagógicas na sala de aula. O desafio consiste pois em conceber a escola como um ambiente educativo, no qual trabalhar e formar não sejam atividades distintas.

A formação continuada, pois, de acordo com Mizukami et al. (2002), deve buscar novos caminhos de desenvolvimento, tratando os problemas educacionais por meio de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas pedagógicas e de uma permanente (re)construção da identidade do docente. Como afirma Candau (1996), todo processo de formação continuada tem que ter como referência fundamental o saber docente, o reconhecimento e a valorização do saber docente. Para a autora, os saberes da experiência representam o núcleo vital do saber docente, a partir do qual o professor dialoga com as disciplinas e os saberes curriculares:

“Os saberes da experiência fundamentam-se no trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio. São saberes que brotam da experiência e são por ela validados. (...) É por meio desses saberes que os professores julgam a formação que adquiriram, a pertinência ou o realismo dos planos e das reformas que lhes são propostas e concebem os modelos de excelência profissional” (Candau, 1996:146).

A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva que permita aos professores um pensamento autônomo. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e projeto próprios, com vistas à construção de uma identidade – que é também uma identidade profissional (Nóvoa, 1992). O autor alerta para a valorização de paradigmas de formação que promovam a preparação de professores reflexivos, que assumam a responsabilidade do seu próprio desenvolvimento profissional e que participem como protagonistas na implementação das políticas educativas.

Sobre o ensino reflexivo, Mizukami (1996) o define como sendo um ensino que considera as crenças, os valores e as suposições que os professores têm sobre o ensino, matéria, conteúdo curricular, alunos e aprendizagem na prática docente:

“A reflexão oferece a eles (professores) a oportunidade de se tornarem conscientes de suas crenças e suposições subjacentes a essa prática. Possibilita, igualmente, o exame de validade de suas práticas na obtenção de metas estabelecidas. Pela reflexão eles

aprendem a articular suas próprias compreensões e a reconhecê-las em seu desenvolvimento pessoal” (Mizukami,1996:61).

Porém, para um ensino reflexivo, são necessárias algumas atitudes que estimulem a reflexividade crítica sobre a prática pedagógica. A primeira atitude, segundo Dewey, citado por García (1992), consiste em possuir a “mentalidade aberta”, ou seja, uma mentalidade em que haja ausência de preconceitos, de parcialidades e de qualquer hábito que limite a mente e a impeça de considerar novos problemas e de assumir novas idéias e que, ao mesmo tempo, escute mais do que um lado, acolha os fatos independentemente da sua fonte, preste atenção a todas as alternativas. Essa atitude obriga a escuta e o respeito a diferentes perspectivas, prestando atenção às alternativas disponíveis, a procurar várias respostas para a mesma pergunta, a refletir sobre a forma de melhorar o que já existe.

A segunda atitude a ser tomada consiste na responsabilidade, lembrando que o autor se refere à responsabilidade intelectual e não moral. É preciso, segundo Dewey, considerar as conseqüências de um passo projetado. A responsabilidade intelectual assegura a integridade, ou seja, a coerência e a harmonia daquilo que se defende. Significa também a procura dos propósitos éticos e educativos da própria conduta docente e não apenas os utilitários.

A terceira e última atitude a que se refere Dewey é o entusiasmo, que constitui na predisposição para afrontar a atividade com curiosidade, energia, capacidade de renovação e de luta contra a rotina.

Pérez-Gómez (1992), também discutindo a questão da reflexão na formação do professor, afirma que este deve atuar refletindo na ação, criando uma nova realidade, experimentando, corrigindo e inventando através do diálogo que estabelece com essa realidade. De acordo com o autor, no processo de reflexão-na-ação, o professor aprende a construir e comparar novas estratégias de ação, novas fórmulas de pesquisa, novas teorias e categorias de compreensão, novos modos de enfrentar e definir os problemas.

Cabe, entretanto, discutir o que seja *reflexão, conhecimento-na-ação, reflexão-na-ação* e a *reflexão sobre a ação e sobre a reflexão-na-ação*, conceitos que se fazem presentes em diversos estudos referentes à formação de professores.

A *reflexão*, como afirma Pérez-Gómez (1992), não é apenas um processo psicológico individual, passível de ser estudado a partir de esquemas formais, independentes do conteúdo, do contexto e das interações:

“A *reflexão* implica a imersão consciente do homem no mundo da sua experiência, um mundo carregado de conotações, valores, intercâmbios simbólicos, correspondências afetivas, interesses sociais e cenários políticos” (Pérez-Gómez, 1992:103).

O autor ressalta também que a *reflexão* não é um conhecimento “puro”, mas sim um conhecimento “contaminado” pelas contingências que rodeiam e impregnam a própria existência vital.

Os conceitos *conhecimento-na-ação*, *reflexão-na-ação*, *reflexão sobre a ação e sobre a reflexão-na-ação* integram o pensamento prático³ do professor, sendo que o *conhecimento-na-ação* refere-se ao componente inteligente que orienta toda a atividade humana e se manifesta no *saber fazer*, ou seja, existe um tipo de conhecimento em qualquer ação inteligente, ainda que este conhecimento, fruto de experiências e reflexões passadas, tenha se consolidado como rotina. A *reflexão-na-ação* refere-se à nossa atitude de refletir sobre o que fazemos no momento em que realizamos a ação. É um processo de reflexão sem o rigor, a sistematização e o distanciamento requeridos pela análise racional, mas com a riqueza da captação viva e imediata de variáveis, e com a grandeza da improvisação e criação. Já a *reflexão sobre a ação e sobre a reflexão-na-ação* refere-se à análise que o indivíduo realiza, posteriormente à sua ação, sobre as características e processos de sua própria ação:

“Na *reflexão sobre a ação*, o profissional prático, liberto dos condicionamentos da situação prática, pode aplicar os instrumentos conceituais e as estratégias de análise no sentido da compreensão e da reconstrução da sua prática” (Pérez-Gómez, 1992:105).

O autor atenta para o fato de que esses três processos – *conhecimento-na-ação*, *reflexão-na-ação* e *reflexão sobre a ação e sobre a reflexão-na-ação* – não são independentes; ao contrário, completam-se entre si. Esses processos, pois, permeiam a prática docente orientando-a.

³ O termo, segundo Pérez-Gómez (1992) refere-se ao pensamento autônomo, reflexivo do professor, que toma decisões e que cria durante sua própria ação.

Mizukami (1996) dá um exemplo de como o professor lida com as situações inesperadas em sala de aula mostrando o papel da reflexão-na-ação nesse contexto. Segundo a autora, a sala de aula possui uma dinâmica complexa, caracterizada pela “multidimensionalidade”, “simultaneidade de eventos”, “imprevisibilidade”, “imediatividade” e “unicidade”. Os professores continuamente enfrentam interesses que competem entre si, e as decisões tomadas representam um equilíbrio entre custos e benefícios. Eventos inesperados, interrupções variadas podem mudar a condução de um processo instrucional. Nem sempre as aulas saem como o planejado e, diante da dinâmica do cotidiano de uma sala de aula, há pouca oportunidade para que eles possam refletir sobre os problemas e trazer seus conhecimentos à tona para análise e interpretação. Nesse contexto, o conceito de reflexão-na-ação é de fundamental importância na consideração de grande parte das situações em que o professor toma decisões ao longo da aula, a partir de interpretações “não previstas” das situações práticas. As tomadas de decisões são feitas a partir do equilíbrio entre custos e benefícios, a partir de leituras diferentes da realidade encontrada.

Todas essas considerações nos remetem à questão do que tem sido possível em termos de possibilitar ao professor uma formação na qual a reflexão sobre a prática pedagógica seja devidamente considerada e incentivada, na qual as suas experiências pessoais sejam valorizadas. Nesse sentido Torres, citada por Mizukami et al. (2002) alertam para o fato de que construir uma escola diferente implica um compromisso prioritário com a transformação tradicional da formação docente, ou seja, não se pode exigir que docentes realizem em suas aulas o que não vêm aplicado na própria formação. Assim, a autora propõe alguns princípios norteadores no campo da formação docente que possibilitem essa transformação. Um primeiro princípio refere-se à consideração do “docente como sujeito e não como beneficiário”, ou seja, os docentes enquanto sujeitos que detêm um saber e uma experiência. Um segundo princípio refere-se à “visão estratégica e estratégia a longo prazo”: formar recursos humanos é um investimento de longo prazo que exige esforços “sistemáticos” e “sustentáveis”, o que implica uma visão estratégica que transcenda a mentalidade de que o número de horas, cursos, créditos é mais importante, dentro da qual a formação docente passe a ser pensada como uma estratégia. O terceiro princípio refere-se à “articulação entre a formação inicial e a formação em serviço”,

articulação essa inerente à própria concepção de aprendizagem e de desenvolvimento profissional da docência encarada como um contínuo no decorrer da vida. Um quarto princípio está em “recuperar a prática como espaço privilegiado de formação e reflexão”, o que significa considerar a prática pedagógica como espaço mais importante, permanente e efetivo de formação docente. O quinto princípio refere-se à “articulação entre pontos de partida e pontos de chegada”, ou seja, articular a perspectiva a partir da qual se tende a aplicar o que se ensina (ponto de chegada) à perspectiva na qual se aplica o que se aprende (ponto de partida). O sexto princípio relaciona-se ao sistema de “formação docente unificado e ao mesmo tempo diversificado”: é preciso diversificar (conteúdos, tecnologias, pedagogias) mais do que uniformizar a formação docente buscando a unidade e coerência da formação docente como um sistema. Por fim, como último princípio, a autora coloca a “formação mais que treinamento”, ou seja, uma formação não limitada à transferência de conteúdos, métodos e técnicas; ao contrário, orientada para o aprender a pensar, o refletir criticamente, identificar e resolver problemas, investigar, aprender, ensinar.

De fato, as idéias expostas até o momento referentes à formação do professor, ao papel da reflexão na prática pedagógica, ao pensamento do professor, às aprendizagens docentes e à valorização das experiências docentes nos levam a considerar a necessidade da formação do professor como um continuum no qual a reflexão esteja presente, gerando novas aprendizagens e uma prática pedagógica mais consciente e coerente, bem como salas de aula mais alegres. Porém, uma nova postura por parte do professor não acontece sem que haja investimento em sua formação e, além disso, é necessário tempo para que de fato haja modificações na prática. Como afirma Mizukami et al. (2002), os professores necessitam de tempo e de oportunidade para aprender sobre sua própria área de conhecimento, sobre processos de aprendizagem dos alunos, sobre ensino para alunos diversos, sobre organização da classe, sobre gestão da escola, sobre tecnologia e sobre envolvimento dos pais e da comunidade com a educação e com a escola. Os professores precisam ter oportunidades para pensar sobre uma variedade de questões tais como: o que as políticas públicas solicitam que eles façam; como as novas atuações se comparam às atuais e anteriores; que mudanças devem ser feitas dentre as atividades que já realizam; quais atividades devem ser mantidas; quando e como realizarão as mudanças

projetadas; o que os colegas têm feito e o que os administradores e pais esperam que eles façam.

Mudanças não ocorrem facilmente e, como ressalta a autora, a resistência é particularmente forte entre aqueles que consideram boas as formas como estão acostumados a fazer as coisas. Por isso torna-se importante a investigação do processo de aprendizagem do professor no contexto das políticas públicas educacionais.

Nesse sentido, dando seqüência ao estudo, apresentamos algumas considerações sobre a educação musical no contexto educacional ao longo da História discutindo também a implementação da nova política pública que regulamenta o Ensino Fundamental, sobretudo no que se refere aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Artes, abordando a necessidade de os professores trabalharem com as diversas linguagens artísticas (artes visuais, música, teatro, dança), bem como as dificuldades que enfrentam ao lidar com conteúdos sobre os quais ainda não possuem segurança para desenvolver com os alunos.

2

A MÚSICA NO CONTEXTO ESCOLAR: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A música, compreendida nesse trabalho como uma linguagem através da qual os indivíduos comunicam-se entre si, como tal pode expressar impressões, sentimentos, estados de ânimo. De acordo com Gainza (1964), a música, como meio de comunicação, possui infinitas possibilidades: é capaz de despertar sentimentos sublimes, como também sensações menos espirituais. Em nosso cotidiano, é possível observar o que a autora informa, ou seja, a música, enquanto linguagem, permite aos indivíduos a expressão das mais diversas emoções. Também a literatura mostra que tal veículo de comunicação fez e continua a fazer parte do cotidiano das diferentes culturas da humanidade, seja no aspecto formal ou informal.

Estudos sobre os primórdios da música revelam que as primeiras manifestações musicais não deixaram muitos vestígios, sendo praticamente impossível precisar a data do seu nascimento. No entanto, provas arqueológicas citadas por Ardley (1996) sugerem que o homem primitivo já se utilizava de instrumentos rudimentares – flautas feitas a partir de ossos ocos, conchas, apitos feitos com ossos de rena, tambores feitos com peles de animais – como forma de comunicação.

Na civilização egípcia, a música fazia parte do cotidiano, sendo tocada em templos, nas próprias casas, em banquetes, procissões e cerimônias fúnebres. Também para os judeus, a música desempenhava importante papel principalmente nas cerimônias religiosas, sendo citado, no Segundo Livro das Crônicas da Bíblia, que a consagração do templo do rei Salomão foi acompanhada de cantos e trombetas (cf. Ardley, 1996:55). A Bíblia traz uma série de passagens que se referem à música nos antigos cultos judaicos,

sendo exemplo dessa referência o Livro de Salmos, no qual se encontram os cânticos do rei Davi (Solti, 1997:26).

Para a civilização grega, a música também se fazia bastante presente e era considerada importante para a formação dos cidadãos – a própria palavra “música” deriva do termo grego *mousike*, que significava as artes da música, dança e poesia. Segundo Manacorda (1992), na Grécia do período clássico, a educação dos cidadãos de Creta e Esparta era baseada na música e na ginástica. Nessas cidades a educação era tarefa do Estado e era realizada coletivamente nas tropas (*aghélai*) ou nos coros (*chorói*). Através dessa iniciação coral e social, efetuava-se a preparação dos adolescentes para as tarefas da vida adulta do cidadão. Na Grécia do século VI a.C., nasce a escola de Pitágoras, cujo princípio era que frente aos bens não-transmissíveis como a força, a saúde, a beleza, a coragem, ou transmissíveis como a propriedade, os cargos, existia um bem que se transmitia sem perdê-lo: a educação (*paidéia*). Na escola de Pitágoras distinguiam-se quatro graus: o “acústico”, no qual os alunos tinham acesso à primeira educação musical, com mitos, cultos e cantos religiosos, memorização de poesias, instrumentos musicais, danças e ginástica; o “matemático”, no qual tinham acesso à aritmética, geometria, astrologia e música; o “físico”, no qual eram introduzidos aos estudos da natureza ou filosóficos; e o “sebático”, no qual eram introduzidos na ciência sagrada ou esotérica. Também em Atenas, existiam formas de educação baseadas na música, com o mestre de cítara (*kitharistés*) e de flauta (*haulétes*), e na ginástica com o *paidotribes* (Manacorda, 1992:47/48).

Já para os romanos, a educação possuía uma seqüência, na qual inicialmente o indivíduo era livrado do analfabetismo passando à instrução propriamente dita, por meio da gramática, e à retórica – parte educacional que dotava os indivíduos “das armas da eloqüência” (Manacorda, 1992). No entanto, além desses conhecimentos, a poesia, a música, a geometria, a dialética e a filosofia se faziam presentes na educação romana. O autor menciona que a escola de gramática era uma escola de cultura geral, de toda a cultura necessária para a plena e correta compreensão dos textos. Cita também algumas idéias do pensador romano Quintiliano para expressar o quanto os conhecimentos estabeleciam conexões entre si. Quintiliano afirma:

.... “A gramática, tendo que tratar dos metros e dos ritmos, não pode ser perfeita sem a música e, ignorando o movimento dos astros, não poderia entender os poetas e outros textos que, muitas vezes, para esclarecer os tempos, falam do levantar e pôr dos astros, como também não pode desconhecer a filosofia pelas numerosíssimas passagens, especialmente poéticas, que se baseiam nos mais profundos raciocínios sobre questões naturais (...) e precisa muito da eloquência para poder falar com propriedade e elegância...” (Quintiliano, In: Manacorda, 1992:87)

Para ser, portanto, um homem culto, capaz de falar bem e entender os autores, era necessário ter conhecimento de muitas coisas que se resumiam em algumas disciplinas fundamentais. No entender de Quintiliano, elas eram a música, a astronomia, a filosofia natural, ou seja, as ciências, e a eloquência. O indivíduo que passasse por todos esses conhecimentos teria o que Quintiliano denominava de “cultura completa” (*enkyklios paideia*).

Ainda segundo Manacorda (1992), no período da Alta Idade Média, no que concerne ao campo de instrução, verificam-se dois paralelos: por um lado, há o gradual desaparecimento da escola clássica e, por outro, a formação da escola cristã⁴. Apesar das exceções, porém, o empobrecimento cultural era visível quer entre os povos bárbaros, quer entre os homens da Igreja, quer entre os representantes do Império. As artes liberais – compostas pela gramática, retórica, lógica, aritmética, geografia, astronomia e música – embora ainda estivessem presentes de algum modo, eram aprendidas somente para entender mais profundamente as “palavras divinas” (Manacorda, 1992:124). Conquanto no século VIII houvesse uma revalorização da cultura literária descendente da cultura clássica, tal como ocorrera nas artes liberais, esta deveria estar sempre voltada para a religião.

Na Baixa Idade Média, a religião continuava à frente da razão, sendo a Igreja de Roma a maior autoridade principalmente no campo instrucional. No entanto, após o ano 1000, com a interrupção das últimas incursões de povos bárbaros, com a reconciliação entre o poder papal e o imperial, com o surgimento de novos centros urbanos, verifica-se um despertar de toda atividade cultural e educativa. O autor afirma que, paralelamente ao surgimento da economia mercantil das cidades e à sua organização em comunas, um novo

⁴ A escola cristã dividia-se em escola episcopal (para o clero secular) nas cidades e escola cenobítica (para o clero regular) nos campos.

processo se introduz na instrução com o aparecimento dos “mestres livres”. Estes eram indivíduos pertencentes ao clero ou leigos que ensinavam especialmente as artes liberais do trívio (gramática, retórica e dialética) e quadrívio (aritmética, astronomia, música e geometria).

Os séculos XIV e XV trazem mudanças no que diz respeito ao campo educacional. Segundo Manacorda (1992), os protagonistas do período não são mais os antigos clérigos, homens do clero regular ou secular, mas os “novos” clérigos, por força dos quais esta mesma palavra que os define perde o seu velho significado de homens da igreja e assume o de intelectual. Nesse período surge o Humanismo, movimento de cunho aristocrático, caracterizado, entre outros aspectos, pela revalorização de outras literaturas que não somente religiosas. Assim, há uma volta às leituras dos clássicos latinos e gregos. Os humanistas pregavam uma nova forma de educação e instrução. Características da pedagogia humanística eram a leitura direta dos textos, o amor pela poesia, disciplina baseada no respeito pelos adolescentes, uma ampla série de aprendizagens que ia do estudo sobre os livros à música, às artes e aos exercícios físicos.

Nos séculos XVI e XVII, ocorre uma evolução quantitativa da instrução decorrente da invenção da arte da imprensa e do desenvolvimento econômico e social. Importante lembrar os movimentos da Reforma Protestante e Contra-Reforma, também responsáveis por mudanças no panorama educacional. Manacorda (1992) afirma que

“Tradicionalmente os movimentos heréticos promoveram a difusão da instrução a fim de que cada um pudesse ler e interpretar pessoalmente a Bíblia, sem a mediação do clero (...) Esta será, apesar de suas contradições, uma característica comum aos povos que se rebelaram contra a Igreja de Roma. Justamente deles surgirá, e não dos países católicos, não obstante o forte empenho de novas Ordens Religiosas, a iniciativa mais avançada de novos modelos de instrução popular e moderna” (Manacorda, 1992:194).

No âmbito instrucional, a música continuou fazendo parte dos conhecimentos difundidos na época e, segundo Gainza (1964), os métodos de ensino musical foram revisados de forma que abrangessem um maior número de pessoas.

No século XVIII, a Revolução Industrial evolui de forma rápida principalmente na Inglaterra, mudando não somente os modos de produção mas também os modos de vida dos homens, transformando suas idéias e sua moral, bem como as formas de

instrução (Manacorda, 1992:249). Pestalozzi, um dos representantes do período, defende a música como um dos meios mais saudáveis da educação pela eficácia em suscitar e alimentar os mais elevados sentimentos de que o homem é capaz. Segundo Pestalozzi, a educação deveria ser física e ao mesmo tempo intelectual. Deveria ser um meio para conseguir um elevadíssimo objetivo, que consiste em preparar o ser humano para o uso livre e integral de todas as suas faculdades. Por outro lado, as faculdades do homem deveriam ser desenvolvidas de tal forma que nenhuma delas predominasse em prejuízo das outras:

“O aluno, seja qual for a classe social a que pertença e a profissão a que esteja destinado, participa de certos elementos da natureza humana que são comuns a todos e constituem o fundamento das forças humanas. Nós não temos direito algum de limitar a qualquer homem a possibilidade de desenvolver todas as suas faculdades (...) não temos o direito de negar à criança a possibilidade de desenvolver nem que seja uma só faculdade, nem mesmo aquela que, no momento, julgamos não essencial para a sua futura profissão ou para o lugar que ele terá na vida” (Pestalozzi, In: Manacorda, 1992:266).

No século XIX, o processo de transformação do trabalho humano, em virtude da Revolução Industrial, desloca grande parte da população não somente das oficinas artesanais para as fábricas, mas também dos campos para a cidade provocando conflitos sociais, transformações culturais e revoluções morais. A Revolução Industrial muda também as condições e as exigências da formação humana. A instrução, que antes era privilégio de poucos, passa a ser reconhecida como necessidade, obrigação da humanidade (Manacorda, 1992:275). Nesse contexto, em defesa da música como elemento importante dentro do sistema educacional estão Decroly e Montessori, entre outros autores. A defesa era pela música enquanto linguagem necessária e acessível a todas as pessoas e não apenas aos considerados bem dotados.

No século XX, o campo educacional adquire novos contornos. Paralelamente ao progresso da Revolução Industrial, há um desenvolvimento da instrução técnico-científica. Nas primeiras décadas do século, surge o movimento da “escola nova” ou “escola ativa” em defesa da democratização da educação. A “escola nova” tinha como objetivo abrir a mente para uma cultura geral, baseando o ensino nos fatos e nas experiências surgidos dos interesses espontâneos da criança. O ambiente escolar deveria ser

bonito e atraente, no qual a música coletiva exercesse uma influência purificadora (Manacorda, 1992).

No Brasil, no mesmo período, temos um ensino de Arte voltado essencialmente para o domínio técnico, mais centrado na figura do professor:

“Competia a ele (professor) “transmitir” aos alunos os códigos, conceitos e categorias, ligados a padrões estéticos que variavam de linguagem para linguagem mas que tinham em comum, sempre, a reprodução de modelos” (PCN, Vol.6, 1997:25).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para Artes, a disciplina Desenho, apresentada sob a forma de Desenho Geométrico, Desenho do Natural e Desenho Pedagógico, visava muito mais uma aplicação imediata e a qualificação para o trabalho do que uma experiência em arte. As atividades de teatro e dança eram reconhecidas quando faziam parte das festividades escolares. Em música havia o canto orfeônico que, juntamente com as disciplinas desenho, trabalhos manuais, fazia parte do currículo dos ensinos primário e secundário. Projeto preparado pelo compositor Heitor Villa-Lobos, cujo objetivo era levar a linguagem musical de maneira consistente e sistemática a todo o país, o canto orfeônico difundia idéias de coletividade e civismo, princípios condizentes com o momento político de então. Depois de cerca de trinta anos de atividades em todo o Brasil, o canto orfeônico deixa de existir, sendo substituído pela educação musical, criada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) de 1961, vigorando a partir de meados da década de 60 (cf. PCN, Vol.6 1997:26).

Em 1971, por meio da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a arte passa a ser incorporada ao currículo escolar com o título de educação artística, sendo extinta a educação musical. A educação artística é então introduzida enquanto “atividade educativa” e não disciplina, sendo seu ensino não obrigatório. Conquanto a introdução da educação artística no currículo escolar caracterizasse um avanço em termos de levar em consideração a necessidade do contato do aluno com as várias linguagens artísticas, segundo os PCN para Artes(1997), muitos professores não estavam habilitados e, menos ainda, preparados para o domínio das várias linguagens, que deveriam ser incluídas no conjunto das atividades artísticas (artes plásticas, educação musical, artes cênicas). Os professores passaram a atuar em todas as áreas artísticas, independentemente de sua formação e habilitação, o que não garantia que os objetivos fossem alcançados. Os

problemas na área artística indicavam que havia problemas no próprio sistema educacional vigente:

“A Educação Artística demonstrava, em sua concepção e desenrolar, que o sistema educacional vigente estava enfrentando dificuldades de base na relação entre teoria e prática” (PCN, Vol. 6:28).

De maneira geral, entre os anos 70 e 80, os antigos professores de Artes Plásticas, Desenho, Música, Artes Industriais, Artes Cênicas e os recém-formados em Educação Artística, viram-se responsabilizados por educar os alunos, no ensino médio, em todas as linguagens artísticas, configurando-se a formação do professor polivalente em arte. Diante disso, muitos professores deixaram suas áreas específicas de formação procurando assimilar superficialmente as demais na tentativa de dominá-las em seu conjunto. Em consequência, a tendência passou a ser a diminuição qualitativa dos saberes referentes às especificidades de cada uma das formas de arte e, no lugar destas, desenvolveu-se a crença de que bastavam propostas de atividades expressivas espontâneas para que os alunos conhecessem muito bem música, artes plásticas, artes cênicas, dança, etc (PCN, vol.6:29).

A partir dos anos 80 constitui-se o movimento Arte-Educação, inicialmente com a finalidade de conscientizar e organizar os profissionais. Tal movimento permitiu que se ampliassem as discussões sobre a valorização e o aprimoramento do professor que, como afirmam os PCN de Artes (1997), reconhecia a sua insuficiência de conhecimentos e competências na área.

Com a Lei n.9.394/96, o ensino de arte se constitui componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, com o objetivo de promover o desenvolvimento cultural dos alunos (PCN, vol.6, 1997:30).

Atualmente, por meio da nova Lei de Diretrizes e Bases (Lei Federal n. 9.394), vê-se reforçada a necessidade de propiciar a todos uma formação básica comum, “indispensável à cidadania”. Nesse sentido são desenvolvidos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que visam, entre outros objetivos, proporcionar

“O acesso de todos à totalidade dos recursos culturais relevantes para a intervenção e a participação responsável na vida social, desde o domínio da língua falada e escrita, dos princípios da reflexão matemática, das coordenadas espaciais e temporais que organizam a percepção do mundo, dos princípios da explicação científica, das

condições de fruição da arte e das mensagens estéticas...” (PCN, 1997, Vol.1: p. 33)

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para arte, referente ao ensino fundamental, há que se resgatar um ensino mais abrangente nas escolas no qual a arte possua uma função tão importante quanto a dos outros conhecimentos no processo de ensino e aprendizagem, uma vez que a arte

(...) “ propicia o desenvolvimento do pensamento artístico da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas” (PCN/Vol.6, 1997: 19).

O Documento objetiva dinamizar o ensino de artes nas escolas de ensino fundamental, incentivando a vivência do aluno nas diversas modalidades da área de artes, ou seja, artes visuais, dança, música e teatro:

“É desejável que o aluno, ao longo da escolaridade, tenha oportunidade de vivenciar o maior número de formas de arte: entretanto, isso precisa ocorrer de modo que cada modalidade artística possa ser desenvolvida e aprofundada”(PCN/Vol.6, 1997: 55).

Além do mais, afirmam que o conhecimento da arte abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente: a arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, que é preciso mudar referências a cada momento, ser flexível, o que permite dizer que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender.

Nesse sentido, propõem que em música, para que ela seja fundamental na formação de cidadãos, deve haver participação ativa de todos como ouvintes, intérpretes, compositores e improvisadores, dentro e fora da sala de aula:

“Envolvendo pessoas de fora no enriquecimento do ensino e promovendo interação com os grupos musicais e artísticos das localidades, a escola pode contribuir para que os alunos se tornem ouvintes sensíveis, amadores talentosos ou músicos profissionais” (PCN/Vol.6, 1997:74)

O Documento procura formular princípios que orientem os professores no que se refere à natureza do conhecimento artístico e na delimitação do espaço que a área de arte pode ocupar no ensino fundamental, sem deixar de admitir limitações na viabilização de suas propostas:

“O que se observa (...) é uma espécie de círculo vicioso no qual um sistema extremamente precário de formação reforça o espaço pouco definido da área em relação às outras disciplinas do currículo escolar. Sem uma consciência clara de sua função e sem uma fundamentação consistente de arte como área de conhecimento com conteúdos específicos, os professores não conseguem formular um quadro de referências conceituais e metodológicas para alicerçar sua ação pedagógica; não há material adequado para as aulas práticas, nem material didático de qualidade para dar suporte às aulas teóricas” (PCN, vol.6:32).

Penna (1998), em seus estudos, também menciona algumas dificuldades no que diz respeito à viabilização dos referenciais propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais em Arte. Sob seu ponto de vista, há problemas relativos à formação de profissionais, à orientação pedagógica, à pequena carga horária destinada à arte, à falta de ambiente físico e recursos materiais necessários, entre outros fatores. Porém, apesar desses entraves, a autora ressalta o valor dos Documentos para a área artística dentro das escolas, ou seja, apesar das limitações, admite que houve uma expansão em relação à presença da arte na educação fundamental, com a dança sendo acrescentada como área específica, ampliação das artes plásticas para artes visuais, englobando fotografia, vídeo, cinema, ainda que nem sempre isso se consolide na prática⁵.

Dalben (2002) também discute as dificuldades que o ensino de arte, sobretudo no que se refere à música, enfrenta em nosso sistema educacional. Segundo a autora, gradualmente a música deixa de fazer parte do universo da sala de aula, deixando de ser considerada um conteúdo fundamental a ser trabalhado pela escola, um conteúdo que faz parte do universo cultural dos alunos. Porém, ao deixar a música de lado, a escola está

⁵ Segundo a autora, alguns professores dedicam as aulas de arte apenas ao desenho geométrico, enquanto outros destinam as aulas de arte para trabalhos manuais. O resultado é que muitas vezes o ensino de arte fica restrito às artes plásticas, impedindo que o aluno tenha contato com as demais linguagens artísticas, entre elas a música.

deixando de considerar a arte como uma forma de expressão cultural e, neste processo, autoritariamente passa a privilegiar outras formas de expressão.

De acordo com o MEC, existe a preocupação em garantir que o objetivo de proporcionar uma educação de qualidade – que possa assegurar às crianças, mesmo em locais com pouca infra-estrutura e condições socioeconômicas desfavoráveis, o acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania – seja alcançado por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Com o propósito de intensificar a implantação dessa política pública nos estados e municípios, a Secretaria de Educação Fundamental tem divulgado o programa Parâmetros em Ação. Tal programa, segundo o MEC, tem como propósito apoiar e incentivar o desenvolvimento profissional de professores e especialistas em educação incentivando o desenvolvimento do gosto pela construção coletiva do conhecimento pedagógico, possibilitando a criação de novas possibilidades de trabalho com os alunos, melhorando a qualidade do ensino-aprendizagem. Não nos foi possível, no entanto, analisar o alcance desse programa, nem tampouco saber o quanto ele abrange a área específica da música.

Porém, nesse contexto, cabe discutir sobre a maneira como os professores aprendem a lidar com os conteúdos e metodologias propostas por novas políticas públicas. McDiarmid, citado por Mizukami et al. (2002), afirma que um processo de aprendizagem profissional dirigido ao aprender a ensinar de novas maneiras ocorre em níveis. Em um primeiro nível, os professores obtêm informações, a partir de diferentes fontes, sobre as políticas públicas. Em um segundo nível, interpretam o que essas políticas significam para eles e para seus alunos, considerando sua prática atual à luz dessa interpretação, e ensaiam diferentes práticas alternativas em sala de aula. Um terceiro nível implica processo de auto-avaliação reflexiva, a qual requer comprometimento explícito com o ensino e com a política pública. Assim, existem algumas condições relacionadas ao aprender a ensinar de novas formas que são necessárias aos professores: oportunidades para experimentar o ensino e para observar tais experiências; oportunidades para desenvolver novas compreensões das matérias, dos conteúdos que ensinam, dos papéis que desempenham na escola e na sala de aula; oportunidades para repensar as matérias que ensinam e as implicações dos produtos de sua aprendizagem, assistindo os alunos na construção de significados por si próprios; empreender avaliação crítica de suas práticas para aprender a ensinar de novas maneiras, o

que implica dedicar um espaço de tempo para poderem questionar, ler, discutir, obter informações, observar, pensar, escrever e experimentar; pertencer a uma comunidade de colegas que influencie suas tentativas de repensar ou mudar suas práticas ou mesmo aprender novas práticas; apoio e liderança do diretor da escola, que tem de entender as implicações das políticas públicas e a dinâmica da aprendizagem do professor para aprender a ensinar de novas formas; ser parte de uma comunidade de aprendizagem mais ampla; políticas de apoio a seu desenvolvimento profissional (McDiarmid, In: Mizukami et al., 2002:78/79).

Orientada por esses pressupostos e em busca de respostas para a questão desse estudo, foi elaborada e desenvolvida uma oficina de música com professores das séries iniciais do ensino fundamental, na qual pudessem ser construídos espaços para diálogos, leituras, reflexões, experimentações, possibilitando às professoras potencializarem o ensino musical em sala de aula. Nos capítulos seguintes, apresentamos como se deu o processo e o que representou em termos de transformação da sala de aula, do espaço escolar como um todo e da prática pedagógica.

3

ELABORANDO UM PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA: A OFICINA DE MÚSICA NA EMEB “ANTONIO STELLA MORUZZI”

O presente trabalho teve por objetivo geral investigar que contribuições um programa de formação continuada pode oferecer ao professor e ao aluno, ao permitir a vivência de atividades envolvendo música no ambiente escolar. De que maneira possibilita um contato com a música por parte do professor unidocente e o quanto isso pode ser importante no cotidiano da sala de aula em termos de um redirecionamento da prática pedagógica. Em busca de respostas para nossa questão de pesquisa – que contribuições um programa de formação continuada em educação musical, para professores dos anos iniciais do ensino fundamental, pode trazer para esse professor no sentido de estimular novas aprendizagens da docência, novas reflexões sobre sua própria prática pedagógica – procuramos estabelecer contato com uma escola de ensino fundamental na qual houvesse interesse em participar de projetos nesse sentido. A escola escolhida foi a EMEB “Antonio Stella Moruzzi”⁶ Tivemos o primeiro contato com as professoras dessa instituição em 25/09/2001 e, a partir desse contato, passamos a elaborar nossa intervenção: num primeiro momento, visando a aproximação com as professoras, bem como a sondagem dos interesses e expectativas do corpo docente e, num segundo momento, uma intervenção abrangendo a sala de aula das professoras participantes.

⁶ As professoras dessa escola já haviam tido oportunidade de travar um contato diferenciado com atividades musicais por meio de uma oficina musical desenvolvida pela professora Ilza Z.L.Joly (orientadora desta pesquisa) há alguns meses antes e demonstraram à diretora, Rose, desejo em aprofundar os conhecimentos na área por meio de uma nova oficina de música.

Com os dados obtidos no momento da aproximação, tivemos subsídios para elaborar uma intervenção que possibilitasse contato não apenas com as professoras mas com os seus alunos. Assim, elaboramos uma oficina⁷ de música cujos objetivos foram permitir aos professores participantes a vivência de atividades musicais que possibilitassem a si próprios e a seus alunos o desenvolvimento da percepção rítmica e auditiva, sensibilidade estética, expressão vocal e corporal, bem como a construção de um espaço, no cotidiano escolar, para diálogos, leituras, reflexões, experimentações, que pudesse dar aos professores segurança para desenvolver atividades musicais em sala de aula junto aos alunos bem como possibilidade de reflexão sobre o processo. Também programamos entrevistas, as quais foram realizadas ao final da oficina de música, com o objetivo de avaliar o impacto da intervenção sob o ponto de vista das professoras e diretora da instituição. Nossa intervenção, pois, abrangeu os períodos de outubro a dezembro de 2001 (totalizando 8 encontros), e de fevereiro a junho de 2002 (totalizando 15 encontros). Após o período de contato com as professoras e alunos, organizamos os resultados da primeira e segunda etapas da oficina, das entrevistas e, confrontando esses resultados com a literatura investigada, discutimos a questão desse estudo.

Neste capítulo, temos como objetivo também apresentar, mais detalhadamente, como foi elaborada e aplicada a oficina de música junto às professoras da EMEB “Antonio Stella Moruzzi, esboçando uma caracterização geral da escola, os sujeitos participantes da primeira e segunda etapas da oficina, os ambientes nos quais foram desenvolvidas as atividades, a metodologia adotada. Também apresentamos a metodologia das entrevistas e os procedimentos de análise dos resultados da oficina e entrevistas.

A EMEB “Antonio Stella Moruzzi oferece as quatro séries iniciais do ensino fundamental (seguindo a atual política pública da educação estadual, a progressão continuada), bem como classes de educação para adultos e jovens, sendo seu funcionamento em dois turnos diurnos (para as séries iniciais do ensino fundamental) e um noturno (para a alfabetização de adultos e jovens). Uma grande parte da alunos da escola (cerca de 60%) provém da zona rural. A escola conta com o trabalho de 18 professores, 1

⁷ O termo “oficina” foi utilizado, por acreditarmos expressar melhor o trabalho realizado junto à escola: todas as atividades desenvolvidas contavam com a participação direta das professoras participantes, tanto no que diz respeito às atividades práticas, como nas discussões e reflexões, propostas de novas atividades, adaptações de atividades vivenciadas, retorno do trabalho que estava sendo desenvolvido em sala de aula junto aos alunos.

auxiliar administrativo, 4 funcionários para serviços gerais e 1 servente merendeira. Possui uma sala de leitura que também é o espaço utilizado pelas professoras para assistirem vídeos com seus alunos. Alguns materiais de apoio, como aparelhos de som portáteis, permanecem nessa sala. Recentemente, a escola começou a estruturação de uma sala de computação (numa das salas de aula da escola), na qual estarão à disposição dos professores e alunos, diversos computadores. A escola possui também uma secretaria, uma sala para a diretoria, uma sala para os professores, conta com um pátio interno, coberto, no qual se localizam os bebedouros e os banheiros para os alunos, uma cozinha e um refeitório, no qual é servida a merenda, e um pátio externo amplo, que dá acesso também a uma quadra de esportes, utilizada pelos alunos e também pela comunidade. Durante o período em que a oficina pedagógica foi desenvolvida, encontrava-se em construção a nova biblioteca⁸ da escola e, temporariamente, a sala de leitura funcionava também como local para os professores se reunirem, uma vez que a sala dos professores estava sendo utilizada como sala de aula.

3.1 CONHECENDO AS PROFESSORAS DA EMEB “ANTONIO STELLA MORUZZI”

O primeiro contato com a escola ocorreu no segundo semestre de 2001. As professoras já haviam tido oportunidade de vivenciar algumas atividades musicais por meio de uma oficina de musicalização infantil aplicada à educação, coordenada pela orientadora desse trabalho, professora Ilza Z. L. Joly, alguns meses antes de iniciarmos nossa participação. Após esse convívio, cogitou-se a possibilidade de essa escola participar de uma nova oficina pedagógica, também em educação musical, uma vez que as professoras desejavam aprofundar seus conhecimentos na área.

A oficina, cujo objetivo, em termos musicais, foi possibilitar um maior contato com música, por parte das professoras e seus alunos, permitindo a aquisição de conhecimentos musicais básicos por meio da vivência de atividades práticas, foi coordenada de forma que ao mesmo tempo em que eram vivenciados jogos e brincadeiras musicais, havia espaço para discussão e reflexão em torno das atividades e textos

⁸ Atualmente a biblioteca já se encontra em funcionamento.

propostos, assim como para reflexões sobre as dificuldades e facilidades de as professoras aplicarem atividades musicais com os alunos – momento em que elas contavam a reação dos alunos, as adequações e alterações que haviam realizado nos procedimentos aplicados, as novas sugestões de canções e atividades que poderiam ser desenvolvidas com os alunos, etc.

No dia 25 de setembro de 2001, às 18:00hs, horário de HTP⁹ coletivo dos professores dessa instituição, tivemos oportunidade de conhecer as professoras das séries iniciais do ensino fundamental da escola. Foi um contato importante por permitir a exposição dos objetivos da oficina e um primeiro diálogo com o corpo docente. A presença da diretora demonstrou aceitação dos objetivos e incentivo à realização da intervenção. A oficina teve início ainda naquele semestre, sendo que nesse período não abrangeu a sala de aula diretamente, pois nossos objetivos, para esse momento, visavam proporcionar às professoras uma aproximação com a linguagem musical através de pequenas atividades práticas, a partir das quais também refletíamos sobre o quanto e em que sentido a música, como um todo, poderia contribuir no cotidiano escolar para o desenvolvimento das professoras e seus alunos. Num momento posterior, ficou combinado que as brincadeiras, atividades de expressão corporal e jogos musicais seriam estendidos também às crianças. Diante da aceitação de participação da maioria dos professores presentes ali naquela ocasião, optamos por um horário no qual todas as professoras interessadas pudessem participar. Passamos a ter encontros semanais, com a participação de aproximadamente 16 professoras (o número variava nos encontros) no período de outubro a dezembro de 2001. Tínhamos representantes das quatro séries iniciais, o que enriquecia o desenvolvimento não apenas das atividades práticas como também das reflexões em torno da importância de repensarmos a prática pedagógica e das contribuições da música nesse sentido. As reuniões eram realizadas na sala de leitura da escola, logo à entrada. Essa sala, razoavelmente espaçosa e bem iluminada, possuía algumas mesas e cadeiras, estantes contendo diversos livros e um tapete de borracha forrando uma parte do piso. Um teclado, cedido pelo Departamento de Artes da UFSCar, foi nosso principal instrumento. Com ele ensinávamos

⁹ Horário de Trabalho Pedagógico, reunião semanal, na qual as professoras preparam aulas, discutem e refletem sobre o cotidiano da sala de aula, assistem palestras, sendo que um dos horários é destinado para trabalhos pedagógicos individuais e outro para trabalhos pedagógicos coletivos. A presente pesquisa desenvolveu-se no HTP individual das professoras participantes.

e acompanhávamos canções. Também utilizamos, com frequência, CD's com músicas folclóricas e eruditas para atividades de expressão corporal. Tivemos oportunidade de improvisar pequenos instrumentos como chocalhos (feitos de copos plásticos contendo feijão para criar o som) e tambores (improvisados com pequenos recipientes para lixo e potes de sorvete vazios).

Todas as atividades realizadas eram armazenadas em um disquete, colocado aos cuidados da diretora, Rose, que distribuía o material impresso às professoras participantes. Esse procedimento foi adotado com o objetivo de não deixar que as atividades vivenciadas fossem esquecidas. Além do mais, sendo as atividades registradas, outras professoras que não estivessem participando da pesquisa ou que não pudessem estar presentes eventualmente poderiam tomar conhecimento do que estava sendo proposto.

Semanalmente vivenciávamos atividades musicais cujos objetivos eram unir o grupo participante e a pesquisadora, bem como desenvolver a capacidade de percepção auditiva e rítmica, expressão corporal das participantes da oficina, por meio do canto, dança, brincadeiras e jogos musicais. Outro objetivo era estimular a reflexão sobre o cotidiano escolar e a prática pedagógica, sobre o quanto o uso da música possibilitava um ambiente escolar mais agradável. As atividades foram programadas tendo em vista os objetivos citados, mas também nos baseamos em sugestões apontadas pelas professoras. Um exemplo foi a idéia de desenvolvermos uma apresentação especial para os alunos no final do ano letivo. Com essa apresentação, as professoras esperavam estimular seus alunos a também se aproximarem do universo da música, aguçando sua curiosidade e mostrando-lhes que isso era possível e agradável e o quanto estavam envolvidas nesse projeto. Diante da idéia, passamos a preparar algumas atividades musicais, jogos¹⁰ e canções natalinas. Nessa fase da oficina, ainda não havia proximidade suficiente que permitisse o uso de gravador ou filmadora. Assim, os registros eram feitos, semanalmente, com base nos acontecimentos de cada reunião para que não fossem esquecidos. Esse procedimento também possibilitava a reflexão sobre a ação ocorrida, direcionando os próximos passos.

¹⁰ Os jogos eram desenvolvidos pela também pesquisadora Suselaine A. Z. Mascioli (aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar) pois nesse primeiro momento ambas as pesquisas foram desenvolvidas no mesmo horário, tendo como participantes o mesmo grupo de professoras. As reuniões eram alternadas, de forma que os temas – música e jogo – eram trabalhados com as mesmas professoras no horário já estabelecido.

Uma pré-análise dos dados também era feita após a descrição dos acontecimentos, o que facilitou a organização e análise dos resultados da oficina.

As atividades desenvolvidas no período de outubro a dezembro mostraram-se fundamentais para o estabelecimento de um contato mais próximo com as professoras e diretora, sendo também um período de investigação das necessidades das professoras, com o objetivo de, num momento posterior, viabilizar a aplicação de atividades musicais com as crianças.

3.2 ABRANGENDO A SALA DE AULA

No primeiro semestre de 2002, tivemos oportunidade de participar numa das reuniões de planejamento da escola, ocorrida no dia 15 de fevereiro. Nessa ocasião, nosso objetivo era integrar as atividades desenvolvidas na oficina ao planejamento anual das professoras, de forma que não houvesse interferência no andamento do seu trabalho e também não houvesse prejuízo de nossos objetivos em relação à continuidade da intervenção. Nesse sentido, algumas novas diretrizes tornaram-se necessárias. Não foi possível continuar com o mesmo grupo de professoras na íntegra, pois o tempo destinado ao desenvolvimento das atividades não estava sendo suficiente e não havia outro horário comum no qual todas as professoras pudessem participar. O horário utilizado no semestre anterior (2º/2001) coincidia com o almoço de muitas professoras, o que causava atrasos e dificultava o andamento das reuniões. Para aquele momento, esse fator, embora dificultasse, não era um agravante. No entanto, para um melhor aproveitamento das atividades por parte das professoras mostrou-se necessária a realização de reuniões mais direcionadas, com um grupo preestabelecido, tornando impossível a abrangência de todas as professoras participantes do primeiro momento da oficina. Diante disso, prosseguimos com a participação de seis professoras: Elsa, Inês, Cristiane, Ana Maria, Luciana e Márcia.

Elsa e Inês, professoras da 1ª e 2ª séries, respectivamente, foram as primeiras a iniciar a participação na oficina, nesse segundo momento, estando presentes já na reunião de planejamento. Cristiane, encarregada de uma 3ª série, foi a próxima professora a ingressar no programa, logo após ser contratada pela escola. Luciana e Márcia, professoras da 4ª e 2ª séries, respectivamente, também contratadas pela escola, passaram a participar da oficina assim que ingressaram na escola. Por último, tivemos o ingresso de Ana Maria,

professora de 1ª série, também contratada pela escola após o início das aulas. Das professoras participantes, Elsa e Inês eram professoras efetivas na rede pública de ensino, sendo que Cristiane, Luciana, Márcia e Ana Maria encontram-se vinculadas à escola temporariamente. Além das professoras já mencionadas, tivemos a participação da diretora da escola, Rose, sempre que possível e de várias maneiras: tanto nas reuniões realizadas com as professoras como nas atividades realizadas junto aos alunos.

Dessas professoras, apenas Elsa teve participação no primeiro momento da oficina. Inês não pôde participar por estar em licença e as demais por não pertencerem ao corpo docente até então. Cabe destacar que desse momento participaram não apenas as professoras mencionadas mas também seus respectivos alunos, uma vez que o programa previa a aplicação de atividades musicais em sala de aula tanto por parte da pesquisadora quanto por parte das professoras.

As reuniões¹¹ ocorriam semanalmente numa sala de aula que não era utilizada no período da tarde – apenas duas reuniões foram realizadas na sala de leitura. Essa sala também comportava os computadores recém-adquiridos pela escola, mas ainda não instalados. O espaço era pequeno mas, devido ao número reduzido de participantes, foi possível realizar satisfatoriamente todas as atividades práticas propostas. Eventualmente, realizávamos alguma atividade no pátio externo (quando a atividade se referia à escuta, pesquisa de sons ou exigia um espaço mais amplo).

Cabe mencionar que também tínhamos como ambiente as salas de aulas das professoras participantes, uma vez que foi realizado um acompanhamento das atividades musicais realizadas por essas professoras junto aos alunos. Também utilizamos diversas vezes o pátio interno e externo para a realização de filmagens com as crianças.

Os materiais empregados no desenvolvimento das atividades foram o teclado já utilizado na etapa anterior e CD's com canções infantis e músicas populares brasileiras (alguns pertencentes à escola, outros por mim providenciados e outros ainda adquiridos pela escola durante o desenvolvimento da oficina). Também foi fornecido às professoras participantes um material impresso contendo as propostas de atividades – o material incluía letras das canções a serem trabalhadas e a partir das quais originavam-se as atividades com voz, expressão corporal, etc., propostas de atividades e objetivos a serem alcançados com

¹¹ Nesse momento da oficina o número de reuniões foi preestabelecido: 15 reuniões.

elas, espaço livre para anotações de adaptações, variações das atividades – material esse que foi sendo acumulado pelas professoras e transformado em pequenas apostilas. Posteriormente, enviamos o material, na íntegra, à direção da escola, possibilitando que as demais professoras da instituição e não apenas as que participaram da oficina tivessem acesso às atividades sugeridas. Nessa segunda etapa, utilizamos uma filmadora com a qual registramos as atividades desenvolvidas pelas professoras e também as realizadas pelos alunos das professoras participantes; máquina fotográfica, com a qual registramos alguns momentos interessantes das reuniões e das crianças em atividades musicais; e um gravador, instrumento que permitiu registrar todos os diálogos entre pesquisadora e professoras, e que foi valioso no momento da transcrição e análise dos resultados obtidos. As filmagens, contendo as participações das professoras e alunos em atividades musicais diversas, foram editadas em uma fita VHS, que agora pertence à escola.

As reuniões, nessa etapa da oficina, tinham 1 hora de duração, sendo que muitas vezes esse tempo se estendia para 1 hora e meia. Para cada encontro reservávamos tempo para ouvir diversas canções, cantá-las, dançar, realizar atividades a partir delas, fazer leituras de pequenos textos relacionados à temática música/criança/escola, tempo para dialogarmos e refletirmos a respeito da prática pedagógica e o cotidiano escolar.

No início da participação de cada professora junto à oficina, era-lhes solicitado que respondessem um questionário cujo objetivo era conhecer um pouco mais da realidade de cada profissional ali envolvido e direcionar ainda mais as atividades da oficina: as perguntas relacionavam-se às experiências musicais já vivenciadas pelas professoras, à caracterização de seus alunos, às expectativas em relação à oficina. Além desse procedimento, a cada semana discutíamos novas possibilidades de atividades, e novas necessidades eram apontadas, possibilitando adequações e direcionamentos.

Optamos por trabalhar com canções infantis brasileiras devido ao diálogo estabelecido com as professoras, no qual elas afirmaram que gostariam de conhecer mais canções que tivessem como tema “animais” e “natureza”, pois o projeto da escola para aquele ano (2002) estava relacionado à natureza¹². Diante dessa proposta, foram

¹² A cada ano a escola desenvolve um projeto. No ano passado (2001), o tema era “Arte” e cada professora desenvolveu, com seus alunos, alguma atividade voltada para o tema e posteriormente cada classe apresentou seu trabalho. Infelizmente pudemos acompanhar apenas a parte final desse projeto. Nesse ano, o tema do projeto que a escola está desenvolvendo é “Natureza”, tendo como objetivo alertar para a proteção ao meio ambiente.

escolhidas canções infantis brasileiras que contemplassem tais temas e permitissem que, a partir delas, propuséssemos atividades de expressão vocal e corporal, de percepção auditiva e rítmica. Algumas canções sugeridas e vivenciadas tinham melodia e letra bastante simples visando os alunos de 1ª e 2ª séries, ao passo que outras possuíam letra e melodia mais complexas e estavam mais voltadas aos alunos de 3ª e 4ª séries. As atividades vivenciadas pelas professoras nos encontros eram, em sua maioria, aplicadas com seus respectivos alunos e posteriormente, durante as reuniões, tínhamos os relatos dessas experiências: como havia sido realizada a atividade, como havia sido a participação dos alunos, se os momentos dedicados às atividades musicais eram apreciados pelas crianças ou não, o que permitia que assim inferissem, que modificações puderam ser observadas nas atitudes dos alunos a partir das atividades desenvolvidas, que dificuldades foram enfrentadas, etc. A partir desses relatos, discutíamos sobre a inserção de atividades musicais em sala de aula, o quanto contribuía na construção de um cotidiano mais prazeroso e alegre, que tipos de aprendizagem permitia aos alunos e professoras, que mudanças provocava na atuação docente, que novas necessidades gerava.

3.3 AVALIANDO A OFICINA

Posteriormente à realização das 15 reuniões semanais, no intuito de avaliar a oficina desenvolvida e verificar as aprendizagens e demais contribuições geradas por ela, tanto para as professoras como para os alunos envolvidos, elaboramos um roteiro de entrevista a partir do qual pudéssemos dialogar com as participantes a esse respeito.

Entrevistamos a diretora, Rose, e as professoras Elsa, Inês, Ana Maria, Luciana e Márcia¹³ nos dias 10/06/2002 e 17/06/2002. No primeiro dia, a entrevista ocorreu na mesma sala de aula que vínhamos utilizando para as reuniões semanais e tivemos a participação de Elsa, Inês e Ana Maria. No segundo dia, na sala de leitura (que estava temporariamente funcionando como sala dos professores), com as professoras Luciana e Márcia. Posteriormente, nesse mesmo dia, também entrevistamos a diretora, Rose, em sua sala. Todas as entrevistas, gravadas em fitas cassete, contemplaram questões referentes às expectativas e opiniões sobre a oficina desenvolvida, experiências musicais já vivenciadas

pelas professoras, influências dessas experiências na atuação profissional, contribuições geradas pela oficina de educação musical às professoras e seus alunos.

Na semana que antecedeu a entrevista, foi entregue às professoras um roteiro com as questões que seriam contempladas. Esse roteiro, entregue antecipadamente, teve por objetivo diminuir a ansiedade no momento do diálogo: conhecendo o tipo de questões para as quais buscávamos respostas, o receio no momento da entrevista pareceu diminuir. Para Rose, diretora da escola, elaboramos um roteiro diferenciado, que contemplou questões referentes ao impacto da oficina na escola como um todo, suas contribuições e dificuldades, uma vez que em seu cotidiano estabelecia contato com professoras e alunos que haviam participado da oficina bem como com os que não haviam participado.

As entrevistas foram realizadas em pequenos grupos, porque não havia tempo suficiente para entrevistar todas as professoras em horários separados devido à aproximação do final do semestre letivo e à necessidade de fechamento das notas dos alunos. Outro motivo que nos levou a assim proceder foi o fato de as professoras manifestarem receio em participar individualmente das entrevistas, dizendo que se sentiriam mais à vontade respondendo às questões com mais pessoas. Diante das argumentações, realizamos as entrevistas, iniciando-as uma semana antes do esperado: no 15º encontro, o último dessa etapa da oficina, Luciana e Márcia não puderam comparecer, e as atividades programadas para o dia necessitavam do grupo todo. Assim, achamos melhor realizar a entrevista naquele mesmo dia.

3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

A análise dos resultados da oficina foi sendo realizada durante o desenvolvimento do processo. No período de outubro a dezembro de 2001, como não houve a possibilidade de gravação dos diálogos ocorridos durante as reuniões, semanalmente, logo após o término delas, resgatávamos os seus momentos mais importantes fazendo um registro por escrito, sempre acompanhado de uma pré-análise. Esses registros foram sendo armazenados no computador. No momento posterior, primeiro semestre de 2002, com a possibilidade de utilização do gravador, a recuperação dos

¹³ No período em que foram realizadas as entrevistas, a professora Cristiane já havia deixado de participar da

diálogos foi facilitada mas, ainda assim, todas as fitas foram sendo totalmente transcritas no decorrer do processo. Para cada reunião transcrita, também fazíamos uma pré-análise dos acontecimentos, procurando relacioná-las à questão de pesquisa. Ao final tínhamos um registro minucioso de todas as reuniões com os respectivos diálogos e pré-análises. Com as entrevistas tivemos o mesmo procedimento. Assim, ao final da coleta dos dados, tínhamos muitas informações já registradas. Posteriormente, todos esses dados foram impressos para uma releitura, classificados por categorias para a análise dos resultados. Após essa classificação, voltamos à literatura referente às categorias levantadas, o que nos permitiu melhor fundamentar a análise e discutir a questão proposta por este estudo.

4

A OFICINA DE MÚSICA: PROPICIANDO APRENDIZAGENS, TRANSFORMANDO O ESPAÇO ESCOLAR E A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Diante do objetivo da pesquisa – investigar que contribuições um programa de formação continuada (em educação musical) pode oferecer ao professor e ao aluno, ao permitir a vivência de atividades envolvendo música no ambiente escolar e de que maneira possibilita um contato com a música por parte do professor polivalente e o quanto isso pode ser importante no cotidiano da sala de aula em termos de um redirecionamento da prática pedagógica. – fazia-se necessário, antes de uma intervenção propriamente dita, um período de aproximação. Esse permitiria que a oficina fosse mais bem direcionada, na medida em que estaríamos verificando que necessidades importavam ser atendidas, quais as expectativas por parte das professoras em relação à essa oficina. Assim, inicialmente tivemos como intuito não só uma aproximação entre pesquisadora e professoras, mas também uma aproximação das professoras com a linguagem musical.

O primeiro contato com as professoras da EMEB “Antonio Stella Moruzzi” mostrou-se promissor. A reunião da qual participamos para apresentar a proposta da oficina de música, no horário de HTP das professoras, teve início com a diretora, Rose, avisando as professoras de cursos que estavam sendo oferecidos e anotando os nomes das professoras interessadas em participar deles. Muitas afirmaram já estar inscritas em diversos cursos enquanto outras estavam para se inscrever. Nossa proposta, então, foi apresentada e aparentemente bem aceita pelo grupo, embora no início as professoras não se manifestassem verbalmente. Após expormos a proposta de trabalho, quando perguntamos que dia e horário seriam mais adequados para trabalharmos, as professoras começaram a se colocar. Aos poucos, o diálogo foi se constituindo e verificamos que havia possibilidade de iniciar nosso trabalho já naquele semestre. No entanto, segundo as professoras ali presentes,

a participação dos alunos teria que ser adiada, pois já nos encontrávamos no final do último bimestre letivo, e as professoras achavam que o tempo era escasso para realizar os compromissos já existentes e ainda desenvolver a proposta da oficina no sentido de estender as atividades a eles. Dessa maneira, a intervenção, nesse primeiro momento, abrangeu apenas as professoras.

Na 1ª reunião, ocorrida em 01/10/2001, contamos com a maioria das professoras presentes ao primeiro contato com a escola, inclusive com a diretora. Tendo como ambiente a sala de leitura, inicialmente realizamos uma atividade de reconhecimento de timbres¹⁴ (Quadro 4.1).

| ATIVIDADE | OBJETIVOS DA ATIVIDADE |
|--|---|
| <p>RECONHECIMENTO DE TIMBRES – Foram distribuídas, entre as participantes, fichas contendo figuras diversas (instrumentos musicais, animais, etc.). Cada um deveria pegar sua ficha e não deixar que os demais participantes a vissem. Em seguida, uma das participantes deu início à brincadeira imitando, com a voz, o som da figura que pegou, de forma que os outros colegas pudessem identificar que objeto ou animal, ou instrumento estava sendo imitado. Se ninguém conseguisse identificar apenas pelo som, a participante que estivesse apresentando poderia fazer mímica e assim facilitar a identificação. A primeira participante que conseguisse adivinhar o que estava sendo imitado, seria a próxima a imitar o som de sua ficha. A dinâmica prosseguiu até que todas tivessem participado.</p> | <p>Por meio da vivência dessa atividade, os participantes deveriam ser capazes de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificar diferentes fontes sonoras; • Reconhecer diferentes timbres; • Expressar diferentes timbres por meio da voz; • Expressar-se, por meio de movimentos corporais, realizando mímicas. |

Quadro 4.1 – Atividade desenvolvida com as professoras em 01/10/2001

Todas as participantes criaram sons para representar as figuras das fichas, não sendo necessária a utilização de mímicas para que as demais adivinhassem que objeto, instrumento ou animal estava sendo imitado. A seguir, realizamos uma atividade de apresentação para melhor conhecermos as professoras participantes e, ainda nessa primeira reunião, ensinamos duas canções de Natal:

¹⁴ Timbre refere-se à qualidade do som que permite que discriminemos, por meio da audição, as diversas fontes sonoras que estão ao nosso redor, como exemplo, um instrumento musical de outro, ou a voz de uma pessoa da de outra.

NATAL! NATAL!

Música: Dinah Bezerra de Barros
Letra: Maria Tereza A. Cunha

Nas oficinas de Papai Noel!
Que são no céu! Que são no Céu!
Os anõezinhos com pressa e segredo!
Fazem lindos brinquedos!

Quando o trabalho estiver acabado
Cada menino bem comportado
Terá brinquedo de louça ou de pau!
Feliz Natal! Feliz Natal!

MENINO JESUS

Música: Lucy Kobalt
Letra: Dinah de Bezerra Barros

Um meninozinho,
Nasceu num dia assim!
Seu berço era tão pobre,
Era de capim!

Deram-lhe o nome,
Bonito de Jesus!
É ele o Salvador,
Que nos trouxe a luz!

No início da reunião, o diálogo ainda era bem acanhado, mas tão logo iniciamos a atividade de reconhecimento e expressão de timbres, as professoras foram se desinibindo e participando cada vez mais, o que contribuiu para o início de uma integração entre pesquisadora e o grupo de professoras. As canções natalinas também foram muito bem recebidas pelas professoras, que tiveram facilidade para aprendê-las.

Iniciamos a 2ª reunião, ocorrida em 08/10/2001, realizando uma atividade de relaxamento, que consistia em andar livremente pela sala ao som de uma canção do compositor Camille Saint-Saëns¹⁵. Em seguida fizemos, em grupos, uma dramatização e sonorização de ambientes do nosso cotidiano (Quadro 4.2), os quais foram sugeridos pelas próprias professoras.

| ATIVIDADE | OBJETIVOS DA ATIVIDADE |
|--|---|
| TIMBRES E INTENSIDADE DO SOM: Atividade realizada em grupos com 3 ou 4 integrantes. Cada grupo dramatizou um ambiente reproduzindo sons característicos dele, procurando evidenciar as diferenças entre os sons quanto à sua intensidade (forte ou fraco). Por exemplo, o grupo que ficasse responsável pelo ambiente da cozinha, deveria se organizar de tal forma que cada integrante conseguisse identificar, sonorizar e imitar movimentos de objetos que produzissem sons fortes e sons fracos nesse ambiente. Os ambientes a serem dramatizados poderiam ser escolhidos pelas participantes ou previamente sorteados entre os grupos. | Por meio da vivência dessa atividade, os participantes deveriam ser capazes de: <ul style="list-style-type: none">• Interagir e se organizar grupalmente;• Diferenciar os sons quanto à intensidade (fortes ou fracos) partindo de situações do cotidiano;• Elaborar uma pequena dramatização sonorizada do ambiente escolhido pelo grupo;• Expressar-se corporalmente sonorizando e dramatizando esse ambiente. |

Quadro 4.2 – Atividade desenvolvida com as professoras em 08/10/2001

¹⁵ “Aquário”, parte integrante da obra “Carnaval dos Animais”.

O resultado da atividade ficou muito interessante em termos de criação e expressão: o primeiro grupo reproduziu sons contidos num zoológico, imitando os movimentos dos animais escolhidos para representar o zoológico; o segundo reproduziu sons de uma tempestade; o terceiro reproduziu sons de roupas no varal agitadas pelo vento, sendo que as participantes balançavam para um lado e para o outro imitando os movimentos das roupas no varal, e o quarto grupo reproduziu sons de uma festa junina. Todas as professoras participaram e pareceram totalmente envolvidas na atividade. Como última atividade prática, com as professoras dispostas em círculo, realizamos uma atividade de percepção auditiva e expressão vocal (Quadro 4.3).

| ATIVIDADE | OBJETIVOS DA ATIVIDADE |
|---|---|
| <p>ALTURA E DURAÇÃO DO SOM: Cada participante disse seu próprio nome combinando sons longos e curtos, bem como alturas diferentes. Por exemplo, uma sílaba do nome poderia ser curta e aguda enquanto outra poderia ser longa e grave. A atividade prosseguiu até que todos “cantaram” o nome.</p> | <p>Vivenciando essa atividade, os participantes deveriam ser capazes de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Diferenciar e classificar os sons quanto à sua altura (sons graves e sons agudos); • Diferenciar e classificar os sons quanto à sua duração (sons longos e sons curtos); • Expressar-se oralmente, experimentando as diversas possibilidades da voz. |

Quadro 4.3 – Atividade desenvolvida com as professoras em 08/10/2001

Todas as participantes conseguiram expressar, por meio da voz, variações do som quanto à altura¹⁶ e à duração¹⁷. No início da atividade havia um pouco de receio em participar, porém, no final, todas aderiram a ela. Vale mencionar que, nessa reunião, foi possível observar uma maior participação das professoras do que na anterior, tanto nos momentos das atividades práticas quanto nos diálogos, o que permite observarmos que a primeira etapa da oficina estava de fato alcançando o objetivo de conhecer o cotidiano das professoras participantes para atuar abrangendo também as salas de aulas. Ainda reservamos alguns momentos para discutir as atividades desenvolvidas, refletindo sobre a aplicação de atividades como as que havíamos vivenciado junto aos alunos: que contribuições trariam e em que sentido? As professoras afirmaram que, através de

¹⁶ Qualidade do som referente que permite que diferenciá-lo quanto à sua altura: grave, médio ou agudo.

¹⁷ Qualidade do som que permite distingui-lo quanto à sua duração, por exemplo: curto ou longo.

atividades como essas, seria possível desenvolver a sensibilidade auditiva dos alunos, ao estimular a discriminação dos diferentes sons que estão ao nosso redor, a expressão corporal e vocal, bem como desenvolver a capacidade de organização das crianças, uma vez que na atividade de dramatização e sonorização de ambientes, por exemplo, houve formação de grupos. A formação de grupos, por sua vez, auxiliaria no sentido de que cada participante teria uma função e todos estariam participando, até mesmo os mais inibidos. A participação das professoras nos diálogos foi bem maior que na primeira reunião realizada, e mais professoras expressaram sua opinião, o que possibilita afirmarmos que os momentos nos quais vivenciávamos atividades musicais não só permitiram a aquisição de conhecimentos musicais como também a troca de experiências e opiniões, o repensar sobre a própria dinâmica da sala de aula.

A 3ª reunião, ocorrida em 22/10/2001, foi coordenada pela também pesquisadora Suselaine Mascioli¹⁸, sendo desenvolvida, nesse dia, uma atividade cujo objetivo era conhecer o que as professoras achavam necessário desenvolver, em termos de formação, em seus alunos (Quadro 4.4).

| ATIVIDADE | OBJETIVOS DA ATIVIDADE |
|--|--|
| <p>“O QUE DESEJO DESENVOLVER NO MEU ALUNO” – Em círculo, o grupo levantou elementos considerados importantes à formação de seus alunos, anotando-os em tarjetas que foram fixadas num mural. Este mural passaria a fazer parte de outros encontros podendo ser complementado e construído ao longo dos mesmos.</p> | <p>Vivenciando essa atividade, os participantes deveriam ser capazes de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificar aspectos necessários à formação de alunos das séries iniciais do ensino fundamental confrontando necessidades particulares (que cada participante considera importante) com as necessidades apontadas pelo grupo; • Classificar tais aspectos em ordem de prioridade; • Expressar-se oralmente emitindo sua opinião sobre as necessidades apontadas pelo grupo. |

Quadro 4.4 – Atividade desenvolvida com as professoras em 22/10/2001

Após alguns minutos de silêncio e reflexão, as professoras emitiram suas sugestões: música, desenho, jogos educativos, dança, pintura, teatro, dança, entre outros conteúdos. Ao final, tínhamos um cartaz bem repleto de sugestões do que as professoras gostariam de estar desenvolvendo com seus alunos, o que permitiu discutirmos sobre elas. Temas como dificuldade com a limitação de espaço para a realização de atividades

envolvendo música e jogos com as crianças surgiram no decorrer do diálogo, sendo que as próprias professoras afirmaram como possibilidade de superação para essa dificuldade a adequação do ambiente já disponível e também a procura de novos espaços na escola. A procura por novos espaços, que não apenas a sala de aula, nos quais professores e alunos pudessem interagir mostra a preocupação em ampliar e valorizar o ambiente escolar. O espaço escolar não se restringe à sala de aula, e isso parece ter sido uma importante aprendizagem realizada pelas professoras. O diálogo em torno da atividade foi importante no sentido de estimular reflexões sobre a formação da criança, para a qual não apenas o ler, escrever e contar fossem importantes, mas outros elementos tão fundamentais quanto esses para sua vida presente e futura. Além do mais, foi importante para compreendermos um pouco mais sobre o cotidiano e as necessidades da escola, e procurarmos direcionar as atividades da oficina no sentido dessas necessidades apontadas.

Na 4ª reunião, ocorrida em 29/10/2001, vivenciamos algumas atividades práticas envolvendo jogos educativos e música. Em música, desenvolvemos uma atividade de percepção rítmica e auditiva (Quadro 4.5).

| ATIVIDADE | OBJETIVOS DA ATIVIDADE |
|---|--|
| <p>RITMO¹⁹ (PULSAÇÃO DO SOM²⁰)- Em círculo, todas as participantes bateram palmas do início ao fim da atividade, de maneira regular. Cada participante disse seu próprio nome procurando combinar sons longos e sons curtos, com alturas diferentes (por exemplo, uma sílaba do nome pode ser curta e aguda enquanto outra pode ser longa e grave, grossa) procurando enquadrar-se no ritmo das palmas. Em seguida todos procuraram imitar os sons produzidos pela mesma participante. A atividade prosseguiu até que todas houvessem participado.</p> | <p>Vivenciando essa atividade os participantes deveriam ser capazes de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Expressar sons diferenciando-os quanto à sua duração em longos e curtos; • Expressar sons diferenciando-os quanto à sua altura em grave e agudo; • Enquadrar-se no pulso regular proposto pelo grupo ao dizer o nome; • Reproduzir os sons criados pelos demais participantes |

Quadro 4.5 – Atividade desenvolvida com as professoras em 29/10/2001

Na primeira vez em que a atividade foi realizada, as professoras mostraram-se tímidas, porém todas conseguiram atingir os objetivos propostos. Na segunda vez, foi

¹⁸ Responsável pela oficina de jogos educativos.

¹⁹ Termo que se refere ao padrão estabelecido pela duração das notas, longas ou curtas, numa música.

²⁰ O pulso se refere à marcação regular da música, enquanto o ritmo da melodia é a marcação que acompanha cada nota cantada ou tocada na música, sendo alterada conforme a melodia.

possível observar uma participação mais tranqüila, o que também permitiu explorarmos, junto com elas, a importância de repetir atividades mais complexas com as crianças. Nesse dia, a pedido das professoras, encerramos a reunião recordando e aprendendo novas canções de natal. As novas canções foram:

É NATAL

É Natal, Deus Menino nasceu
Vê-se ao longe uma estrela a brilhar
São os reis, são os reis, são os reis
Vêm a Belém para o visitar.

ERA DIA DE NATAL

Menino Jesus quero hoje te cantar
Esta melodia que prá ti fiz a sonhar.
Sonhei que contigo
Eu brincava num jardim.
E ouvia um sino
A tocar dim, dim, dim, dim!
Aleluia, aleluia!
Aleluia, aleluia!

Além de as cantarmos, nos movimentamos pela sala procurando acompanhar, com passos, o ritmo das canções. Cantar revelou ser uma atividade importante para as professoras pois, através das canções, além de estarem experimentando a voz, o ritmo do próprio corpo, elas estavam também se familiarizando com conceitos musicais básicos: ritmo da melodia, pulso, altura, duração e intensidade do som. Foi possível observar que, além de permitir a vivência de conceitos musicais na prática, cantar era um momento de descontração agradável. Essa identificação das professoras com o canto permitiu que discutíssemos a importância da canção no cotidiano escolar, pois, além de ser um momento prazeroso, também possibilitaria diversas aprendizagens ao aluno: por meio de canções, a criança poderia desenvolver sua capacidade de expressão oral, a leitura, interpretação de texto, percepção auditiva e rítmica, noção de conjunto, uma vez que estaria cantando e interagindo com outras crianças.

Na 5ª reunião, ocorrida em 05/11/2001, iniciamos recordando as canções já aprendidas nas semanas anteriores. Cantamos andando livremente pela sala, marcando o pulso das músicas. Com isso, procurávamos explorar todos os cantos da sala, conhecer novos detalhes do ambiente. Na seqüência foram desenvolvidas algumas possibilidades de movimentos a partir da canção “Escravos de Jó” pela pesquisadora Suselaine. As sugestões e reflexões foram ocorrendo conforme o desenvolvimento das atividades e foi possível observar uma maior participação verbal por parte das professoras. O fato de todas já conhecerem a canção “Escravos de Jó” estimulou a participação e permitiu que elas contassem um pouco sobre as maneiras como já haviam trabalhado com essa canção ou

gostariam de fazê-lo. Algumas mencionaram haver brincado com a canção na infância, porém nem sempre a utilizarem na prática pedagógica. O resultado da atividade foi interessante, porque permitiu verificarmos que canções aprendidas na infância de fato marcam esse período a ponto de não serem mais esquecidas. Assim, também nossa intenção estava em proporcionar às professoras subsídios para ampliarem seus próprios repertórios bem como o das crianças, de forma que o que a mídia oferece não fosse a única fonte sonora para professores e alunos.

A 6ª reunião, ocorrida em 26/11/2001, foi dedicada à elaboração de uma pequena apresentação de natal para os alunos. Ficamos duas semanas sem nos reunirmos, a pedido das professoras, devido à finalização e apresentação do projeto anual da escola. Em 2001, o tema foi “Arte”, e os alunos desenvolveram diversas atividades relacionadas à vida e à obra de alguns artistas. No início da reunião, dedicamos alguns minutos para que as professoras contassem como havia sido a apresentação dos trabalhos desenvolvidos pelas crianças. As crianças realizaram dramatizações e reproduções das obras dos artistas estudados durante o ano, e as professoras afirmaram que a experiência foi enriquecedora ao permitir maior contato das crianças com a arte. Enquanto aguardávamos a presença de todas as professoras participantes, analisamos, em conjunto, a melhor data para a apresentação aos alunos. A data escolhida foi o dia 13 de dezembro, e o salão do refeitório foi definido como local para a apresentação. Selecionados dia, horário e local, realizamos uma atividade de relaxamento com balões (Quadro 4.6).

Após a atividade, reservamos novamente alguns minutos para dialogar sobre o quanto a atividade vivenciada poderia estar contribuindo para a valorização da alegria no espaço escolar. As professoras expressaram suas opiniões dizendo que a atividade proporcionou momentos agradáveis e, sem dúvida, os alunos também teriam essa opinião se a vivenciassem. Além da agradabilidade por ser uma atividade de expressão corporal, as professoras afirmaram que ela também auxiliaria as crianças ao desenvolver a percepção rítmica e sensibilidade auditiva, atenção, respeito ao outro ao dividir o mesmo espaço. As colocações das professoras revelaram que a música não se restringe a possibilitar momentos de alegria, mas promove o desenvolvimento de vários aspectos importantes para a formação da criança, ou seja, por meio da música é possível brincar e aprender ao mesmo tempo.

| ATIVIDADES | OBJETIVOS DA ATIVIDADE |
|--|---|
| <p>“DANÇANDO COM BALÕES” – Cada participante recebeu um balão de ar. Ao som de uma música leve, todas dançaram, cada qual com seu balão, se movimentando por todo o espaço usado para a brincadeira, sem deixar cair o balão e sem trombar com os demais participantes. Em seguida, outras músicas, com diferentes andamentos foram tocadas e as participantes dançaram com os balões procurando acompanhar, com o corpo, as variações de andamento. Durante a atividade as participantes não poderiam conversar, para que houvesse concentração e atenção à música tocada.</p> | <p>Vivenciando essa atividade, os participantes deveriam ser capazes de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificar os diferentes andamentos das músicas tocadas; • Movimentar-se de acordo com os andamentos sugeridos pelas músicas; • Respeitar o espaço dos outros participantes, explorando o ambiente sem trombar com os demais participantes. |

Quadro 4.6 – Atividade desenvolvida com as professoras em 26/11/2001

A 7ª reunião, ocorrida em 03/12/2001, contou com a presença reduzida das professoras em relação às reuniões anteriores e foi dedicada ao ensaio para a apresentação aos alunos. Mesmo com poucas participantes, desenvolvemos as propostas de atividades previstas para a reunião: cantamos as canções de Natal, realizamos exercícios de expressão corporal, tocamos instrumentos improvisados (chocalhos feitos com copos plásticos e tambores feitos com latas de sorvete ou cestos de lixo). Em cada uma das atividades vivenciadas houve grande envolvimento das professoras, sendo que muitas sugestões para a programação partiram delas, ficando a pequena apresentação com a configuração esboçada no Quadro 4.7.

A apresentação, portanto, contemplaria algumas canções de natal aprendidas nas reuniões e algumas possibilidades de jogos com a canção “Escravos de Jó”, o que permitiria às professoras uma apresentação do que haviam desenvolvido em termos de expressão vocal e corporal.

**ROTEIRO DA APRESENTAÇÃO DE NATAL DAS PROFESSORAS DA
EMEB “ANTONIO STELLA MORUZZI**

- 1) Música “É Natal!” – Todas as professoras entram cantando a música, acompanhando com chocalhos (pulso) e tambores (acento) e vão se posicionando até que terminem a música.
- 2) Música “Menino Jesus” – Já nos lugares, as professoras cantam a música ainda com os instrumentos: tambores marcam o acento e chocalhos marcam o pulso.
- 3) “Escravos de Jó” – As professoras realizam várias possibilidades com esse jogo: sentadas, em pé (em duplas) e com o próprio corpo.
- 4) Música “Nas oficinas de Papai Noel” – A apresentação encerra com as professoras cantando essa música e se retirando do local da apresentação.

Quadro 4.7 – Roteiro da apresentação das professoras

A 8ª e última reunião desse momento da oficina ocorreu no dia 10/12/2001, e as professoras demoraram a chegar. Quando a maioria das professoras já se encontrava na sala, Rose, em nome delas, pediu que adiássemos a apresentação, pois não seria possível realizá-la como havíamos planejado. Com o final do bimestre, as notas já haviam sido fechadas e muitos alunos já não estavam mais freqüentando as aulas, o que desviaria o objetivo da apresentação, ou seja, estimular os alunos a valorizarem a vivência com a música e o jogo educativo no cotidiano escolar. Diante dessa dificuldade, decidimos não realizar a apresentação, pelo menos naquele momento, pois o objetivo realmente não seria totalmente alcançado. Nos minutos que restaram, discutimos sobre o que havíamos realizado até então fazendo uma breve avaliação do que havíamos desenvolvido nos dois meses de intervenção. Fizemos um grande círculo e cada professora teve oportunidade de expressar sua opinião. Algumas preferiram apenas ouvir e não se expressaram verbalmente, enquanto outras deram contribuições fundamentais para a continuidade da oficina, sinalizando o que aguardavam para a próxima etapa dela. Uma das professoras mencionou que o tempo era curto para vivenciarmos as atividades práticas e sugeriu que o horário das reuniões fosse alterado para um horário que não coincidissem com o almoço das professoras, porém não achava interessante utilizarmos o horário de HTP coletivo (às terças-feiras, no final da tarde), pois, apesar de ser um horário comum a todas as professoras, também era o momento no qual dialogam sobre o cotidiano da sala de aula. Além do mais, cria ser necessário delimitar melhor o grupo participante, pois as faltas não estavam sendo positivas

para o grupo. Sobre esse aspecto Rose (diretora) também opinou, dizendo que realmente seria necessário um compromisso maior das pessoas que desejassem continuar participando. Nessa ocasião, relembramos às professoras que a próxima etapa da intervenção necessitava da participação também dos alunos, ou seja, não somente elas estariam desenvolvendo atividades musicais, mas as estenderiam também a eles. Houve, então, sugestões no sentido de que participássemos do planejamento que ocorreria no início do próximo ano letivo (2002), quando então discutiríamos um novo horário para as reuniões, além de integrarmos melhor a proposta da oficina ao planejamento das professoras. Despedimo-nos temporariamente, com a certeza de que o momento preliminar tivera seus objetivos alcançados.

Um dos objetivos alcançados foi o de nos aproximarmos das professoras e conhecermos um pouco mais suas necessidades tanto o que diz respeito ao campo musical quanto ao cotidiano da sala de aula. Verificamos, por exemplo, que de modo geral as professoras não possuíam muitos conhecimentos prévios sobre a parte específica da música, mas demonstraram bastante facilidade em se adequar às propostas da oficina: por meio de atividades e brincadeiras musicais, os conceitos básicos na área musical foram sendo desenvolvidos. Foi possível observar que, mesmo quando não havia domínio de algum conteúdo específico em música, elas aprendiam-no com facilidade, e a capacidade de expressarem-se corporalmente foi bastante desenvolvida. Verificamos também que o fato de uma boa parte dos alunos pertencer ao meio rural dificultava atividades com eles crianças fora do horário de aula, o que nos deu pistas para investirmos em atividades musicais no próprio horário de aula. A convivência e diálogo com as professoras, bem como observações do ambiente escolar, permitiram que tivéssemos mais conhecimento da escola como um todo. Foi um contato que, ao menos para mim, não havia ocorrido anteriormente, pois já havia ministrado aulas em escolas particulares mas não tinha conhecimento do cotidiano de uma escola pública. Portanto, o momento mostrou-se fundamental ao permitir a vivência de uma realidade até então desconhecida.

Apesar do pouco tempo destinado às reuniões (menos de 1 hora) – sendo o horário disponível para as reuniões o horário de almoço das professoras, dificilmente conseguíamos iniciar no horário previsto, às 12:00hs, não sendo possível, muitas vezes, realizar o que havia sido planejado em sua totalidade, embora tivéssemos um bom

aproveitamento do tempo de que dispúnhamos – é possível afirmar que muitos avanços puderam ser observados já nesse primeiro momento. .

A participação das professoras nas atividades propostas, tanto no que diz respeito às leituras e discussões quanto às atividades de expressão corporal, apresentou visível desenvolvimento no decorrer desse período – apesar de nunca deixarem de vivenciar as atividades propostas, no início havia um certo acanhamento, principalmente para verbalizar opiniões, sugestões, o que foi desaparecendo conforme a proximidade entre pesquisadora e professoras aumentava.

Foi possível verificar maior desenvoltura, por parte das professoras, nas discussões acerca da formação do aluno, da abrangência que tal formação deveria possuir e o papel da música nessa formação mais ampla.

Vale ressaltar que não apenas houve desenvolvimento quanto à participação das professoras nas diferentes atividades propostas nas reuniões, mas também quanto à qualidade da participação. Verificamos, por exemplo, mudanças quanto à sensibilidade estética: no início, por exemplo, ao cantarmos, a qualidade do resultado não era tão bom quanto no final, mas no decorrer das reuniões essa sensibilidade para ouvirem-se a si mesmas e às demais participantes, sensibilidade para regular a intensidade e altura da voz foi se desenvolvendo. As músicas, cujas letras eram fáceis e as melodias agradáveis, foram sendo aprendidas com facilidade, e acompanhar essas canções com movimentos corporais ou instrumentos improvisados foi se tornando algo natural.

As atividades que envolviam expressão corporal também foram sendo realizadas cada vez com maior desenvoltura e o receio de errar foi sendo esquecido diante da vontade de experimentar, vivenciar.

Todas as experiências desse primeiro momento da oficina nos leva a defender que a etapa de aproximação realmente foi fundamental para o sucesso da etapa em que houve também a participação dos alunos. Além de nos possibilitar a troca de experiências, permitiu que no segundo momento tivéssemos liberdade para utilizar outros instrumentos para registro do dados como a filmadora e o gravador, assim como para adentrarmos às salas de aula.

A segunda etapa da oficina, abrangendo os alunos das professoras participantes, ocorreu durante o primeiro semestre de 2002, iniciando em fevereiro, com a

participação na reunião de planejamento para o ano letivo. Nessa ocasião, duas professoras se disponibilizaram a participar conosco – Elsa e Inês – as quais concordaram em se reunir semanalmente, no horário de HTP individual. As reuniões combinaram momentos de vivência de atividades musicais – a partir das quais foram sendo trabalhados conceitos musicais e expressão corporal – e momentos de discussão sobre as atividades vivenciadas e sobre o desenvolvimento de atividades musicais em sala de aula pelas professoras, além de pequenas leituras sobre a importância do ensino musical na escola e na formação da criança. As discussões, por sua vez, permitiam que refletíssemos sobre a importância do lúdico no cotidiano escolar, o quanto a presença da música em sala de aula proporcionava alegria e satisfação assim como representava um auxílio na aprendizagem dos conteúdos do currículo formal.

A 1ª reunião (25/02/02) contou com a presença de Elsa e Inês, caracterizando-se como uma introdução ao segundo momento da oficina, sendo um momento propício para expormos às professoras a maneira como seriam conduzidas as reuniões. O diálogo girou em torno da dinâmica das reuniões, permitindo também que discutíssemos os objetivos da oficina. Conversamos também sobre as principais dificuldades enfrentadas pelas professoras com seus alunos, com o objetivo de adequarmos nossas propostas às necessidades apontadas. Tanto Elsa quanto Inês mencionaram a falta de atenção como a principal dificuldade encontrada.

Além de discutirmos a dinâmica das reuniões e as expectativas das professoras em relação à proposta da oficina, vivenciamos uma atividade de pesquisa sonora (Quadro 4.8) e as professoras responderam a um questionário²¹, cujo objetivo era conhecer um pouco mais sobre as expectativas das professoras, seus conhecimentos prévios em música e o perfil de seus alunos.

²¹ O questionário foi respondido por cada professora participante, no início de sua participação na oficina. Na primeira reunião, Rose, diretora da instituição, também respondeu ao questionário, deixando em aberto apenas a questão referente ao perfil dos alunos. Os aspectos levantados por meio do questionário são abordados ao final desse capítulo.

| ATIVIDADE | OBJETIVOS DA ATIVIDADE |
|--|---|
| <p>PESQUISA SONORA: A atividade iniciou com uma música suave. Quando a música terminou, todas permaneceram de olhos fechados procurando ouvir o máximo de sons possíveis no ambiente que estavam ocupando ou mesmo fora dele. Depois, as participantes relataram às demais os sons que ouviram.</p> | <p>Vivenciando essa atividade, os participantes deveriam ser capazes de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificar diferentes fontes sonoras; • Discriminar os sons ouvidos quanto à agradabilidade, quanto às diferenças de timbres; • Relatar aos demais participantes os sons ouvidos. |

Quadro 4.8 – Atividade desenvolvida com as professoras em 25/02/2002

Posteriormente aos momentos de silêncio, necessários à atividade, cada professora relatou o que pôde ouvir durante o tempo em que permaneceram em silêncio (máquinas trabalhando, vozes, burburinho) e na seqüência discutimos sobre a atividade e sua possível aplicação com os alunos: que objetivos seriam buscados pelas professoras ao aplicarem uma atividade como essa em sala de aula. As professoras, nesse primeiro momento do diálogo, não aprofundaram a questão, restringindo-se a afirmar que a atividade poderia ser desenvolvida com os alunos no pátio interno como atividade de relaxamento, ao que propus que se realizassem quantas adaptações fossem necessárias para desenvolver as atividades dentro ou fora da sala de aula, adequando-se os procedimentos aos objetivos previstos. Elsa comentou sua apreciação em relação à atividade afirmando que, se não a houvesse vivenciado naquele dia, a teria solicitado, pois realmente estava precisando desenvolver com seus alunos tanto a atenção quanto o relaxamento, o que foi um depoimento importante no sentido de mostrar o quanto a música já se fazia necessária no espaço escolar, apesar do curto espaço de tempo em que ali estávamos atuando.

Nessa primeira reunião, não foi possível realizar todas as atividades programadas devido ao tempo esgotado. Havíamos planejado trabalhar algumas atividades de experimentação vocal e expressão corporal a partir da canção Samba-lê-lê, o que foi transferido para a reunião posterior. No entanto, Elsa e Inês acharam a idéia de desenvolver atividades com essa canção tão interessante que se propuseram a já começar a trabalhar com as crianças durante a semana ao menos a sua letra. Diante da proposta, ouvimos a canção e as professoras copiaram a letra. Ao fazerem-no, Inês observou que, no mesmo CD em que constava a canção Samba-lê-lê, havia outras pequenas canções das quais interessou uma cujo tema era sobre “peixes”. Ela sugeriu que trabalhássemos mais canções com temas de animais, pois ia ao encontro do projeto que estava desenvolvendo com seus alunos.

Diante da concordância de Elsa, comprometemo-nos a direcionar as canções para o tema sugerido.

Na 2ª reunião (04/03/02), tivemos novamente a participação das professoras Elsa, Inês, e contamos também com a presença de Rose, a diretora. Foi a primeira reunião em que utilizamos como instrumento de registro um pequeno gravador, o que auxiliou no resgate dos diálogos ocorridos durante ela. Iniciamos a reunião com uma nova atividade de pesquisa sonora (Quadro 4.9).

| ATIVIDADE | OBJETIVOS DA ATIVIDADE |
|--|--|
| <p>PESQUISA SONORA 2: Durante alguns minutos, as participantes permaneceram em silêncio procurando ouvir o máximo de sons ao redor. Em seguida, escreveram todos os sons que ouviram numa folha de papel e relataram oralmente às demais, diferenciando os sons quanto à agradabilidade ou não, quanto à localização (dentro ou fora da sala de aula, perto ou longe), quanto à intensidade. Foi solicitado então que representassem alguns desses sons por meio de desenhos, o que poderia ser feito com lápis de côr, giz de cêra ou outros materiais (tinta, cola...) Depois, cada participante apresentou às colegas a representação do som escolhido e imitou-o.</p> | <p>Vivenciando essa atividade, os participantes deveriam ser capazes de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificar diferentes fontes sonoras; • Discriminar os sons quanto à agradabilidade, localização e intensidade; • Representar graficamente um som ouvido durante a atividade; • Apresentar aos demais participantes sua maneira de representar o som graficamente e imitar o som escolhido. |

Quadro 4.9 – Atividade desenvolvida com as professoras em 04/03/2002

Encerrado o tempo destinado à escuta dos sons, as professoras relataram tudo o que haviam ouvido (carros, vozes, ventilador, revistas cujas folhas eram agitadas pelo ventilador) e, dando continuidade, cada participante escolheu um dos sons de sua lista e o representou por meio de desenho. As professoras tiveram um pouco de dificuldade para expressar, no papel, os sons que haviam ouvido. Iniciei então a atividade, o que parece ter tornado mais fácil para as demais participantes realizarem o que fora solicitado. Havia muita dúvida sobre o que era “certo” e “errado”:

Inês – Eu imaginei o ventilador, eu imaginei ele virando em volta...

Elsa – Eu também imaginei isso... eu não tinha entendido se era isso mesmo...

(...)

Inês – E eu, por exemplo, não vou poder dizer para a criança que está errado o que ela fez porque é o dela, né? Então, por exemplo, eu falo, eu entendi o que você falou mas eu senti uma dificuldade tremenda...

A dificuldade expressa pelas professoras permitiu discutirmos um pouco a necessidade de aceitação pelo outro, o receio de realizar algo que não seja correto aos olhos

do outro. Dialogamos sobre o objetivo da atividade proposta no sentido de permitir não apenas a sensibilização do ouvido, da atenção, da expressão escrita de uma forma lúdica, mas também a quebra da dicotomia entre o “certo” e “errado” que tanto permeia o cotidiano escolar. Nesse início da segunda etapa, foi possível observar uma certa cautela por parte das professoras em expressar opiniões a respeito do cotidiano escolar em geral. Participar das atividades práticas em nenhum momento representou uma dificuldade, mas falar sobre a própria atuação docente, sobre a dinâmica do dia-a-dia da escola, sobre as peculiaridades de cada sala de aula foi algo que necessitou de um tempo maior para se desenvolver.

Ainda na 2ª reunião, tivemos oportunidade de iniciar a leitura de um texto que abordava sobre a música e a escola²² e também conversamos sobre a realização de atividades musicais com os alunos. Sobre a aplicação de atividades musicais em sala de aula, as professoras afirmaram não terem tido grandes dificuldades:

Inês – Eu achei que foi legal, todos participaram, aceitaram...não tive nenhuma dificuldade...

Keila – Você fez a atividade com eles sentados na carteira?

Inês – Na carteira, sentadinhos em sala de aula mesmo...Falei da necessidade de eles falarem baixinho, né...

Elsa – Eles falam gritando, eles falam muito alto, né? Eu acho que nem eles mesmos percebem...

O diálogo permite inferirmos sobre uma dificuldade das professoras não expressa com palavras: sair do ambiente da sala de aula ou mesmo da carteira para realizar alguma atividade de expressão corporal parecia ser um problema. Possibilita também verificarmos que as atividades musicais foram bem aceitas pelas crianças logo de início. A afirmação de Elsa nos deu pistas do que realmente representava um incômodo para ela: o barulho excessivo e desnecessário em sala de aula.

Nos momentos seguintes as professoras contaram como havia sido o desenvolvimento de atividades musicais com os alunos durante a semana transcorrida: quais as reações das crianças, quais as contribuições para a dinâmica da sala de aula, quais as expectativas das professoras frente aos acontecimentos:

Inês – Eu acho que a atenção....

Keila – E na sua classe Elsa, como foi, você teve dificuldade?

Elsa - ... Ai eu fiz (referindo-se a uma atividade realizada com os alunos), eles gostaram, ficaram quietinhos...a carinha deles me marcou, sabe? Parecia que eles estavam flutuando, sabe? Não tinha um barulho...Não tinha um barulho, Rose!

²² JOLY, I.Z.L. **Movimento, Ritmo e Dança – uma proposta para educação musical integrada**. São Carlos: UFSCar, 2000.

Keila – E agora? Você sente que teve alguma mudança?

Elsa – Você sabe que deu uma melhorada de quinta para cá? ...Na sexta eu achei que eu já consegui falar melhor, hoje também...

Novamente verificamos o quanto a atenção é importante no cotidiano da sala de aula por meio do depoimento da professora Inês e como uma simples atividade musical foi capaz de conseguir isso. Já a professora Elsa revela surpresa ao observar seus próprios alunos realizando a atividade em silêncio e, mais do que isso, demonstrando tamanha alegria que não queriam que a música que estavam ouvindo terminasse. Em tão pouco tempo de aplicação de atividades com os alunos, elas já deram mostras de que a música é bem vinda à sala de aula, assim como também as professoras deram mostras de que a oficina estava lhes possibilitando novas aprendizagens e habilidades em termos musicais. O medo de lidar com o “desconhecido” já estava cedendo perante a euforia dos alunos.

Após esses momentos de reflexão sobre a reação dos alunos diante das propostas de atividades musicais, ainda cantamos e improvisamos uma pequena dança com a canção Samba-lê-lê (Quadro 4.10).

Após a atividade, ainda discutimos sobre o quanto esta poderia contribuir para o desenvolvimento da coordenação motora, da interação entre o grupo – na medida em que era necessário observar o outro para realizar os movimentos sincronizadamente – da participação de crianças mais tímidas, da experimentação da voz, da capacidade de improvisação. A cada reunião, as reflexões em torno da importância de ampliar a formação da criança e adequar a prática pedagógica e o ambiente escolar para essa formação foram se intensificando, e as professoras demonstrando maior segurança ao expressarem opiniões a esse respeito.

Na 3ª reunião (11/03/02), tivemos a presença de uma nova participante, Cristiane, encarregada de uma 3ª série, que iniciou sua participação na oficina logo após ingressar na escola como professora contratada.

| ATIVIDADE | OBJETIVOS DA ATIVIDADE | LETRA DA CANÇÃO |
|--|---|--|
| <p>SAMBA-LÊ-LÊ - Foi feita uma roda com as participantes. Na introdução da canção, as participantes permaneceram no lugar apenas marcando o pulso com os pés. Nas duas primeiras frases, a roda girou para um lado, nas duas frases seguintes para outro lado. No refrão, todas pararam e bateram palmas e os pés. Quando houve a preparação para cantar a segunda parte da música, giraram no próprio lugar para um lado e depois para o outro. Na segunda parte da música, os mesmos movimentos realizados na primeira parte foram repetidos. Na variação, todas deveriam improvisar uma dancinha com a companheira ao lado ou individualmente. A atividade também poderia ser realizada de tal forma que cada participante tivesse oportunidade de improvisar movimentos, os quais seriam imitados pelo restante do grupo.</p> | <p>Vivenciando essa atividade, os participantes deveriam ser capazes de:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Expressar-se por meio do corpo - Improvisar movimentos; - Expressar-se por meio da voz, cantando a canção; - Imitar movimentos propostos por outros participantes. <p>Desenvolver a coordenação motora por meio da expressão corporal, promover integração entre o grupo, na medida em que realizam os movimentos juntos, motivar a participação de indivíduos que muitas vezes, por timidez, não conseguem se encaixar no grupo, estimular a experimentação da voz e as várias possibilidades de cantar uma mesma canção, permitir a criação e improvisação de movimentos para os demais colegas imitarem.</p> | <p style="text-align: center;">SAMBA LÊ-LÊ</p> <p>Samba-lê-lê está doente, Está com a cabeça quebrada; Samba-lê-lê precisava de umas dezoito lambadas.</p> <p>Samba, samba, samba, ô lê lê, Levanta a pontinha da saia, ô lê lê, Samba, samba, samba, ô lê lê, Pisa na barra da saia, ô lê lê.</p> <p>— Olhe morena bonita, Onde é que você mora? — Moro na rua Formosa, Digo adeus e vou-me embora</p> |

Quadro 4.10 – Atividade desenvolvida com as professoras em 04/03/2002

Iniciamos a reunião discutindo sobre a semana transcorrida em termos de atividades desenvolvidas com os alunos. Inês mostrava-se muito preocupada, afirmando que não conseguiria aplicar mais de uma atividade musical com seus alunos por semana. A preocupação de Inês foi importante, pois permitiu que esclarecêssemos a essência da oficina. Nossa intenção não era oferecer apenas um determinado número de procedimentos que deveriam ser aplicados junto aos alunos, como uma receita que, se não devidamente seguida, não daria o resultado “correto”. Nossa intenção era desenvolver o máximo de atividades possíveis com as professoras no horário que nos era disponível, procurando incentivar a inserção e integração da música em sala de aula, fomentando reflexões sobre a importância da música no ambiente escolar e na vida da criança, que outros desenvolvimentos possibilitava às professoras e seus alunos, de forma que, com o tempo, as professoras pudessem procurar novas canções, novos procedimentos envolvendo a música, transformando assim o espaço da sala de aula, possibilitando o desenvolvimento de novas

aprendizagens. Após esse diálogo, que tranqüilizou as professoras participantes, a professora Elsa fez um pequeno relato do quanto seus alunos estavam animados com o contato com música:

Elsa – Os meus (alunos) ... “vamos cantar outra?” Eles ficam assim agora, direto...Acho que até a gente fica mais descansada...eu adorei...eu acho assim....para mim tem sido ótimo!

O fato de as crianças se envolverem com a música e apreciarem cada momento passado com ela em sala de aula parece estimular o professor a continuar investindo: ao ver os primeiros resultados em termos de atenção e participação, o professor adquire entusiasmo para continuar investindo em si mesmo e nos seus alunos.

Após alguns minutos de diálogo, realizamos uma atividade de sonorização (Quadro 4.11), na qual as professoras – a partir de pequenas canções infantis com temas de animais – deveriam criar estórias encaixando ao menos uma das canções na estória. As canções sugeridas foram:

“O SAPO”

Nós vimos um dia
com muita alegria,
Um bando de sapos fazendo folia.
Que coisa boa a gente ver o sapo
Batendo um bom papo na beira da
lagoa.

Foi, foi não foi, foi não foi, foi, foi,
não foi! (Bis)

“O GRILO”

Olhem só o que eu estou vendo,
Cri, cri, cri, cri,
Um grilinho a cantar,
Cri, cri, cri, cri,
Eu só sinto não saber o que ele
quer falar!
Cri, cri.

“O PINTINHO”

Eu tenho um pintinho,
Que pia, pia, pia,
É todo amarelinho,
Sente frio noite e dia!

| ATIVIDADE | OBJETIVOS DA ATIVIDADE |
|--|---|
| <p>SONORIZAÇÃO DE ESTÓRIAS: As participantes aprenderam a cantar as músicas e, divididas em grupos, criaram uma pequena estória inspirada nas músicas (escolhendo uma das opções), improvisando sons para representar a estória e escolhendo objetos da sala de aula para improvisar um acompanhamento para a música escolhida.</p> | <p>Vivenciando essa atividade, os participantes deveriam ser capazes de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cantar as canções infantis; • Criar, em grupo, uma pequena estória infantil; • Improvisar, a partir dos materiais existentes em sala de aula, acompanhamento para a canção escolhida; • Dramatizar a estória criada improvisando sons para representá-la. |

Quadro 4.11 – Atividade desenvolvida com as professoras em 11/03/2002

Ao contar a estória, as professoras deveriam imitar os sons nela existentes. A atividade foi realizada em duplas e o resultado foi muito interessante. A primeira dupla, composta por Elsa e Inês, criou a seguinte estória:

Essa estória aconteceu uma noite, que eu estava no sítio dos meus avós. A noite estava escura, silenciosa e muito quente. No silêncio ouvia-se de longe um canto assim (Inês imitou o grilo com a voz – cri-cri-cri). Chamei meu avô e perguntei:

— *De quem é esse canto? (Elsa)*

— *É um grilinho. Você nunca ouviu um grilo cantar? (Inês – avô)*

— *Eu não ... (Elsa)*

Abrimos a janela, para descobrir de onde vinha o canto. Percebemos que o canto estava no meu quarto. Procuramos e encontramos ele atrás do guarda-roupa:

— *Achei! Achei! (Inês)*

E feliz, cantamos...

(Cantaram a música do grilo)

A segunda dupla, composta por Rose e Cristiane, criou uma letra diferente para a canção “O pintinho”. Elas entenderam a proposta de atividade de uma maneira diferente e contaram a estória de um pintinho chamado Zezinho com a melodia da canção original:

Zezinho é um pintinho que pia, pia, pia

É todo amarelinho, e muito dengosinho.

Quando está sozinho, pia, pia, pia,

Toda noite, todo dia, pia, pia, pia.

O resultado das duas duplas foi gravado e, após a apresentação, mostrado às professoras. Conversamos então sobre a atividade desenvolvida e verificamos o desenvolvimento das professoras no que diz respeito à criação de variações a partir das atividades vivenciadas, por exemplo, a criação de Cristiane e Rose. A oficina, portanto, mostrou-se importante também no sentido de estimular a autonomia para criar, adaptar e variar atividades. Em seguida à discussão da atividade, Inês contou como havia trabalhado com a canção “Samba-lê-lê” em sua sala, destacando sua participação junto com as crianças na pequena dança improvisada e a apreciação das crianças em relação à atividade. O relato da professora Inês permitiu que verificássemos o quanto as crianças se envolveram na atividade com movimento. Também foi possível observar que a música, aos poucos, conquistara espaço na sala de aula.

Diante do relato de Inês, decidimos realizar uma atividade com a canção “Samba-lê-lê” da maneira como ela havia proposto aos seus alunos, ou seja, uma de nós

seria o “mestre”, improvisando pequenos movimentos para acompanhar a canção, enquanto as demais deveriam imitar esses movimentos. O resultado foi muito interessante, pois partiu de adaptações e sugestões feitas pelas próprias professoras participantes e permitiu a todas o desenvolvimento de expressão corporal, estimulando a desinibição para participar no grupo e atenção ao seguir as propostas das colegas – elementos que em diálogos anteriores elas haviam mencionado como sendo necessários e importantes à formação de seus alunos. Em seguida, como a reunião estava ocorrendo numa sala de aula, fomos anotando na lousa possíveis formas de integrar a canção “Samba-lê-lê aos conteúdos já desenvolvidos em sala de aula. As sugestões partiram das professoras, em especial Cristiane – que sugeriu integração com o conteúdo de Ciências, pois as canções falavam de animais e com a Língua Portuguesa no que se refere a entendimento de texto, ortografia – e Inês, que sugeriu um trabalho com rimas e dramatização a partir da canção. Essa conexão com os conteúdos já desenvolvidos em sala de aula não pareceu ser uma tarefa difícil para as professoras, o que permite inferir que integrar os conteúdos é algo de que elas já possuem maior domínio.

Nessa mesma reunião discutimos sobre as dificuldades enfrentadas para inserir a música no cotidiano escolar.

Inês – A minha turma é diferente da turma da Elza...sabe? 2ª série já estão acostumados, mais soltos, você entendeu?

Keila – O que dificulta?

Inês – Eu acho assim, que nem.... os meus já estão um pouquinho maior...eu tenho aluno de 12 anos...alunos assim, fora da idade...

O relato de Inês permite verificarmos que a música, a cada série, adquire presença reduzida na vida do aluno. Assim, na 1ª série, como os alunos vêm da Educação Infantil, na qual a música é bem constante, o contato com atividades, jogos e brincadeiras musicais ainda existe. Porém, em sua sala, uma 2ª série, os alunos têm mais dificuldade para interagir no grupo, para expressar-se corporalmente, justamente pela falta de continuidade no trabalho com o corpo e a música, sendo um dos objetivos da oficina resgatar esse contato por parte de professoras e alunos.

Antes da 4ª reunião, no dia 14/03/02, realizei a primeira visita às salas de aula das professoras participantes: Elsa, Inês e Cristiane. Nessa ocasião, como estávamos no início do processo de intervenção, as professoras solicitaram que eu coordenasse as atividades com as crianças. Aceitei a solicitação e conheci, inicialmente, os alunos de Inês

– uma 2ª série. Apresentei-me para os alunos e eles fizeram o mesmo. Juntos cantamos algumas pequenas canções (“O sapo”, “O grilo”), cujas letras já conheciam, pois a professora já havia trabalhado em aula. Cantamos as melodias, explorando diversas maneiras de fazê-lo: cantando forte, fraco, lento, rápido, acompanhando com estalar dos dedos, batendo os pés.

Posteriormente, conheci os alunos de Cristiane, uma 3ª série. Novamente nos apresentamos e como a professora também estava trabalhando as canções “O sapo” e “O grilo”, aproveitamos para aprender a melodia e brincar um pouco com as nossas vozes e improvisar sons a partir do nosso corpo, como na sala da professora Inês. Como se aproximava o horário do recreio, Cristiane sugeriu que realizássemos outras atividades musicais até soar o sinal. Diante da sugestão, fizemos uma atividade de relaxamento e pesquisa de sons. Ouvimos uma canção suave²³, com os olhos fechados, e em seguida permanecemos mais alguns minutos procurando ouvir todos os sons ao nosso redor. Em seguida, as crianças relataram o que haviam ouvido: carros passando na rua, ventilador ligado, barulho de enxada. Um dos alunos contou que havia achado a música parecida com música de terror. Aproveitei o comentário para discutirmos um pouco as impressões causadas pela música, perguntando se mais alguém havia tido essa impressão. Alguns disseram que sim e outros permaneceram em silêncio. Perguntei, então, se alguém havia tido uma impressão diferente. Uma aluna disse que a música lembrava uma cachoeira. Somente após essa afirmação, contei às crianças que a música procurava retratar um aquário. Tornei a colocar a música e a ouvimos novamente, com os olhos fechados, procurando imaginar os peixes no aquário. Enquanto ouvíamos, perguntava aos alunos, em voz baixa: há muitos peixes no seu aquário? São grandes ou pequenos? São coloridos? Após ouvirmos a canção, antes que pudéssemos brincar mais com nossa imaginação, o sinal soou e tivemos que encerrar a atividade.

Após o recreio, conheci os alunos de Elsa, uma 1ª série. Como ainda estavam no pátio, pedi que permanecessem ali para vivenciarmos algumas atividades. As crianças sentaram-se no chão, formando um semicírculo e, como nas demais salas, cantamos as canções “O sapo” e “O grilo”, uma vez que a professora já estava trabalhando a letra com as crianças. Aproveitando o espaço do pátio interno, cantamos, movimentando-

nos livremente, a melodia do “O grilo” imitando os personagens de diversas maneiras: cansado, com pressa, alegre, marchando. Após essa atividade, Elsa sugeriu que também realizássemos uma atividade com a canção “Samba-lê-lê”. Cantamos e improvisamos uma pequena dancinha. Enquanto realizávamos essa atividade, alguns alunos de outras salas, que estavam escovando os dentes após o recreio, pararam para observar.

O primeiro contato com os alunos foi muito importante, pois deu mostras do quanto as crianças estavam se envolvendo com a música e obtendo outros desenvolvimentos que não apenas os da área musical. Foi possível perceber, por exemplo, que a timidez para participar das atividades e interagir com os demais colegas já foi amenizada e a capacidade de expressão corporal teve desenvolvimento em todas as salas nas quais a música estava sendo trabalhada de forma mais contínua.

A 4ª reunião (18/03/02) contou com a participação de mais duas professoras que acabavam de ser contratadas pela escola: Luciana, encarregada de uma 4ª série, e Márcia, encarregada de uma 2ª série. Iniciamos a reunião dialogando com as professoras sobre o texto²⁴ sugerido em reuniões passadas. Como as professoras Luciana e Márcia não tinham o texto, optamos por lê-lo e discuti-lo no início da reunião. Conforme íamos lendo, as professoras expressavam suas opiniões a respeito dos temas levantados a partir do texto. A seguir destacamos alguns momentos desse diálogo:

Elsa – Eu acho que...assim...que a criança é capaz...do jeito dela ela é capaz...e a escola é a principal formadora...

Márcia – Mas às vezes a escola não desenvolve, às vezes ela também acaba segurando esse desenvolvimento....aquela criança que convive num meio cultural um pouco melhor, ela vai ter mais facilidade de aprender, falar melhor, se comunicar melhor, de cantar melhor, se expressar verbal e fisicamente muito melhor do que outra criança...

Keila – Você acha que a escola hoje, ela dá conta de fazer isso?

Márcia – Não, não tem como dar conta de uma sala com mais de 15 alunos, é impossível....e com essa progressão continuada....

Keila – Vocês sentem essa dificuldade aqui?

Márcia – Eu sinto muito...a progressão....

(...)

Keila – Você sentem essa heterogeneidade dentro da sala?

Márcia – Muito grande e muito difícil de estar sendo trabalhado...

Keila – Como vocês lidam com isso dentro da sala de aula...com essas diferenças?

Márcia – Eu não diferencio, eu trabalho tentando agir naturalmente...e sabe uma coisa que eu não me conformo? A progressão continuada...você vai passando a criança de série para série, porque não é

²³ A canção escolhida para dar início à atividade foi a “Aquário”, da obra “Carnaval dos animais”, do compositor francês Camille Saint Saëns.

²⁴ JOLY, I.Z.L. **Movimento, Ritmo e Dança – uma proposta para educação musical integrada**. São Carlos: UFSCar, 2000.

permitido reprovar, e essa criança vai ficando retida, ela vai passando mas vai ...não sabe ler, não sabe escrever...não tem conhecimento de letras..

Keila – Vocês têm um planejamento diferenciado para essas crianças ou não?

Inês – Não...

Márcia – Tem que ter alguma coisa... Eu não ensino essas crianças, eu não estou diferenciando e estou, entendeu? Entre aspas....não tem como misturar...eu coloco as 7 na frente, mas assim, brincando eu chamei elas à frente, brincando, e elas foram, aceitaram na boa, um não aceitou, é o que tem mais necessidade...

Keila – E no final do ano o que vai acontecer com ele? Ele vai ter que ir para a 3ª série?

Márcia – Vai ficar na 2ª, ele repete a 2ª ...

Inês – 2ª reprova...

Keila – Ah, 2ª série pode reprovar?

Márcia – Ele vai ficar na 2ª série por muito tempo...

Observamos que o texto sobre a importância da música na formação da criança e sobre o papel da escola nesse sentido gerou também algumas considerações a respeito da atual política pública para a educação estadual: a progressão continuada. As professoras afirmaram ter dificuldades para lidar com a heterogeneidade gerada pela progressão continuada, uma vez que as idades apresentam uma variação grande e os problemas de aprendizagem também. Os momentos de discussão, portanto, permitiram reflexões sobre situações do cotidiano escolar que, de outra forma, possivelmente não seriam valorizadas. Num dado momento, por exemplo, Márcia comenta que não fazia diferença entre seus alunos, embora houvesse alguns que não conseguiam sequer ler ou escrever, o que se espera de um aluno que frequenta a 2ª série. No entanto, no decorrer do diálogo, afirma que, algumas vezes, coloca esses alunos à frente da sala de aula e realiza brincadeiras que auxiliam na aprendizagem da leitura e escrita. Em sua fala, portanto, Márcia revela consciência de que, às vezes, é necessário tomar atitudes diferenciadas para determinadas situações e os momentos de análise e reflexão a partir da leitura realizada, de certa maneira, possibilitaram essa auto-análise das professoras. Nessa reunião, em especial, dedicamos mais tempo discutindo o texto e temas sugeridos pelas professoras do que atividades práticas, o que foi fundamental para compreendermos o que já estava sendo possível realizar por parte das professoras em sala de aula e o que isso representava na vida delas e de seus alunos em termos de um cotidiano escolar modificado. Segundo depoimentos das professoras, o uso de atividades musicais em sala de aula, promovendo estímulo para aprendizagens tanto em relação à música quanto em relação aos conteúdos do currículo estava sendo muito bem vindo entre os alunos.

Elsa – Muito difícil, eu acho, a atenção...segurar a atenção....eu achei que segurou (referindo-se às atividades musicais já aplicadas)

Keila – Você achou?

Elsa – Eu achei....

Keila – Inês, você sentiu diferença, nos alunos, na questão de concentração, atenção, ou não?

Inês – Olha, hoje, eu não sei se é porque faltou um aluno mais “espelotado”...gente eu fiquei de boca aberta vendo eles trabalhar....

(...)

Cristiane – Olha, eu não sei....eu achei que eles estavam precisando um pouco de socialização...então eu trabalhei, como eu não quis sair fora do texto que a gente estava, eu trabalhei o texto de Serafina e Fevereiro...então eu trabalhei todo esse texto, aí no final eu coloquei assim “dê um final diferente para a história de Serafina e Fevereiro introduzindo as músicas do “sapo batendo papo” e “o grilo”...

Keila – Você achou que funcionou?

Cristiane – Funcionou, no começo “ah, eu não quero ficar com ele”, sabe aquelas coisas assim que... então no começo foi aquele alvoroço, né, mas depois foram se acalmando e a hora que eu li as estorinhas deles, nossa, eles têm cada idéia...super diferente...

É possível verificar concordância entre as professoras quanto ao fato de as atividades musicais estarem possibilitando uma maior interação entre os alunos e destas com elas. O desenvolvimento das capacidades de concentração, interação e criação grupal foi observado pelas professoras, o que demonstra que a música em sala de aula não se propõe a estimular no aluno apenas a sensibilidade auditiva, rítmica, corporal, mas outros aspectos tão importantes no seu cotidiano e no das professoras. Um aluno sensível à música, sem dúvida, é importante, porém um aluno sensível à música e ao ambiente e pessoas que o rodeiam é fundamental. O depoimento da professora Cristiane, em especial, mostra que as professoras aprenderam, aos poucos, a adaptar as atividades musicais ao cotidiano da sala de aula. Cristiane não deixou de lado o conteúdo a ser trabalhado (o texto “Serafina e Fevereiro”) mas adequou a maneira de desenvolvê-lo de forma que houvesse espaço para atividades musicais.

Já para a professora Luciana, lecionar para uma 4ª série, após 10 anos sem trabalhar com essa faixa etária, a fez ter mais receio sobre o uso da música.

Luciana- Olha, 4ª série, peguei 4ª série agora, né?

Keila – Você nunca trabalhou com 4ª série?

Luciana – Trabalhei, mas há dez anos atrás...então, como faz duas semanas que eu estou com eles, é tudo muito novo, não dei música para eles...porque eu até acho difícil, com 4ª série, trabalhar música com eles....eles já têm um senso muito crítico, né? Eles já se acham quase adultos...eles não se consideram crianças mais...então às vezes você apresenta alguma coisa para eles, “ah, mas isso é coisa de criança”...

O depoimento de Luciana revela que, às vezes, é necessário cautela quando se trata de tornar a música um elemento contínuo no cotidiano escolar, pois nem sempre o professor está pronto para fazê-lo com segurança, e também há uma dificuldade que até então não havia sido apontada: a necessidade de adequação dos procedimentos musicais

para crianças que já não se consideram como tais. O diálogo foi importante, na medida em que me fez refletir sobre a metodologia adotada, passando a direcionar os procedimentos não apenas para crianças de 1ª e 2ª séries, mas também para as de 3ª e 4ª séries. Diante da afirmação de Luciana, discutimos um pouco sobre como tornar a música agradável e atraente para essa faixa etária:

Keila – O que nós poderíamos fazer para tornar a música atraente para crianças que já não são tão crianças, são pré-adolescentes na verdade?

Luciana- São e eles se acham mesmo...

(...)

Inês – Talvez fazendo um levantamento com eles...do eles gostam mais?

Luciana- Do tipo de música? Por que cantar eles adoram...

Mais uma vez as professoras apontam uma aprendizagem fundamental: a importância de adequação dos procedimentos com música às necessidades dos alunos. Obviamente, para alunos pré-adolescentes de 4ª série uma canção infantil não teria o mesmo efeito que para alunos de 1ª ou 2ª série, a menos que fossem propostas atividades, a partir dessa canção, voltadas para sua faixa etária. Interessante notar que, apesar de os alunos da 4ª série demonstrarem receio em participar de atividades que consideravam “coisas para criança”, a atitude dos alunos, mencionada pela professora Luciana, revela que a música não deixa de fazer parte da vida deles com o passar do tempo, ainda que de maneiras diferentes e, diante da exposição das dificuldades, fez-se necessário um redirecionamento das atividades propostas pela oficina: se no início lidamos com professoras de 1ª e 2ª séries, agora tínhamos que pensar nas 3ª e 4ª séries.

O redirecionamento teve como principal objetivo permitir que, a partir de canções simples do repertório popular, as professoras pudessem desenvolver procedimentos musicais simples ou complexos dependendo da faixa etária com a qual estivessem lidando, bem como trabalhar algumas canções com melodias e letras mais complexas voltadas para os alunos de 3ª e 4ª séries mas que, de alguma forma, as professoras de 1ª e 2ª séries pudessem utilizá-las para atividades de percepção auditiva, rítmica, expressão corporal.

Ao longo das reuniões, fomos dialogando mais sobre o impacto da inserção da música em sala de aula e o que isso estava representando em termos de retorno para professoras e alunos, e nessa reunião, em especial, dedicamos um tempo maior para refletir sobre esse processo – o quanto isso estava modificando o cotidiano da escola e a própria maneira de encarar a prática pedagógica –, pois, com a inclusão das novas participantes,

achei necessário retomar a proposta, dando espaço para que as professoras se expressassem sobre o que havia sido desenvolvido até então.

Elsa – Uma coisa que eu achei interessante, não sei se a Inês percebeu isso...eu não tinha muita paciência com música e estou adorando...estou adorando...

Keila – Você não tinha paciência como, para ouvir?

Elsa – Não, para trabalhar muito com eles (alunos)...eu acho que a partir do momento que eu comecei ver que com ela eu consigo

Inês – É, mas eu já trabalhava um pouco...

Elsa – Sim, mas não do jeito que eu estou fazendo agora, vou falar a verdade para você...tinha mas não era... mais do cotidiano talvez....agora parece que eu entendi que...

Luciana –...porque quando eles estão na pré-escola, trabalha muito com música: eles cantam para comer, cantam para sair... e aí eles vão para o Ensino Fundamental e isso vai diminuindo gradativamente a cada ano que passa e então chega uma hora que eles já deixaram de ter há tanto tempo que não é mais interessante...

O diálogo mostra o quanto o dia-a-dia dessas professoras mudou em pouco tempo. Para Elsa, por exemplo, o contato com a música representou mais calma para lidar com o cotidiano da sala de aula e, além disso, permitiu que passasse a ver a música em sala de aula de uma forma diferente do que via até então. O seu relato permite inferirmos que se a música proporciona mais calma para o professor, também o fará para os alunos, sendo a relação professor-aluno extremamente beneficiada. O comentário de Luciana sobre o desaparecimento da música da vida das crianças conforme elas vão avançando nas séries foi muito pertinente para o momento. Discutindo sobre a importância da música na vida da criança, no cotidiano escolar, nada mais justo e necessário do que compreender por que a música deixa de ser incentivada ao longo das séries e o quanto isso representa de afastamento da criança em relação à música. O depoimento das professoras deixou claro que isso não é positivo, e que a vivência musical na escola deveria ser resgatada ao longo de toda a formação da criança e não apenas na pré-escola. Outro assunto fundamental discutido foi sobre a formação do professor polivalente e sua atuação em sala de aula. As professoras deixaram claro que não tiveram muita vivência com música na formação e, embora já trabalhassem com música em sala de aula, como afirmaram Márcia e Inês em diálogos anteriores, possivelmente o enfoque dado era outro, como lembra Elsa. O depoimento de Luciana, por sua vez, mostrou que a música, aos poucos, vai deixando de fazer parte da vida escolar da criança, o que nos remete a outra questão: a música não deixa de fazer parte da vida da criança. Observando as salas de aulas, é possível ver que, se não há incentivo no sentido de aproximá-la do repertório folclórico, clássico, possibilitando-lhe

conhecer mais sobre sua cultura e a de outros países e ampliar seu repertório, certamente a mídia não deixará de propagar as canções de momento. Essas canções também fazem parte do repertório da criança e isso não deve ser ignorado nem desprezado. No entanto, desenvolvendo um trabalho com as crianças em sala de aula, como o que estávamos propondo, seria possível, partindo desse repertório que ela conhece, expandi-lo, dando-lhe oportunidade de conhecer outros tipos de música que não apenas as veiculadas pela mídia.

A 5ª reunião (25/03/02) contou com a participação de mais uma nova integrante: a professora Ana Maria, encarregada de uma 1ª série, que havia sido contratada naquela semana pela escola. Iniciamos a reunião com o relato de Inês sobre a aplicação de uma atividade musical com seus alunos. As crianças, em grupos, elaboraram pequenas histórias e as dramatizaram.

Keila – E qual foi a maior dificuldade que você sentiu?

Inês – Eu senti assim, que quando a gente tem que levar, quando a gente vai fazer uma coisa, não dá para fazer tudo numa semana, não dá para mim sozinha fazer...então não ficou uma coisa bem feita, eu acho que a gente pode ter o ano todo fazendo, aos poucos, entendeu?

O depoimento de Inês permite verificarmos que já existe consciência de que o trabalho com música, em sala de aula, não é algo para ser realizado apenas em um momento; pelo contrário, necessita de investimento contínuo e pode, e deve, ser realizado “aos poucos” como ela menciona. Encarar o uso da música em sala de aula como necessário, porém convicto das limitações foi uma aprendizagem importante no sentido de estimular a continuidade consciente da proposta da oficina: tornar a música presente em sala de aula e possibilitar uma formação mais ampla não só no aspecto musical mas nos demais aspectos necessários ao convívio social da criança – interação com os outros, respeito, cooperação, atenção, valorização do outro e da auto-estima. Não só Inês demonstrou ter obtido essa percepção mas as demais professoras participantes em outros momentos deixaram claro a importância da continuidade do trabalho iniciado e da busca por mais conhecimento. Prosseguindo o diálogo, as demais professoras também contaram como havia sido a semana, em termos de desenvolvimento de atividades musicais junto aos alunos.

Luciana – Lembra que eu falei que ia explorar sensações, que eu acho que pela idade deles é importante também estar focando as emoções deles, as sensações, o que eles estão pensando, o que sentem...foi uma choradeira total...

Keila – Choradeira?

Luciana – Total...eu me senti uma terapeuta...

Keila – E como é que você lidou com isso?

Luciana – Olha, eu levei a turma lá para fora, no pátio, aí eu coloquei uma música calma, eles também estavam agitados, daí... “vamos aproveitar para fazer um relaxamento junto com essa atividade”... eles tiveram um espaço livre para explorar, tem uma paisagem bonita também, e coloquei a música e deixei...pedi para que eles prestassem atenção nos pensamentos deles, nos sentimentos, nas sensações que eles fossem tendo com a música... aí acabou a música, fizemos uma roda ali fora, fomos conversar... “aí eu queria saber o que vocês sentiram, tal”...de repente uma começou a chorar, outra começou a chorar, tinha saudade de não sei quem, começaram assim a colocar sentimentos e emoções que eles tinham engasgados, sabe? Saiu medo de morte, um falou que o tio estava preso e não sabia se o tio estava morto, o outro perdeu o irmão de um ano e quatro meses, sabe? Coisas que eu acho que eles deviam ter engasgado dentro e não conseguiam colocar para fora, de repente ali foi o momento que eles encontraram para lavar a alma mesmo e choraram e falaram tudo que eles estavam sentindo...

Keila – Você aproveitou esse momento para conversar com eles....

Luciana – Aproveitei para falar sobre eles mesmos...esse tipo de sentimento que eles estavam tendo, falamos sobre a morte, falamos sobre a importância de viver, para eles não ficarem se apegando a isso, porque isso vai acontecer fatalmente um dia, mas até lá eles têm muita vida para viver, muita coisa para fazer...entendeu? Falei do próprio sentimento da angústia, de chorar, que às vezes faz bem chorar

Keila – E aí, que facilidades... que você achou que foi mais fácil para desenvolver a atividade?

Luciana- Eu achei que foi bom porque eu achei que eles se sentiram mais seguros em relação a mim, mais confiantes em relação a mim... eu acho que deu para eles perceberem que eu me preocupo com eles enquanto pessoas...isso melhorou o meu relacionamento com eles...a confiança que eles tinham em mim mudou, a segurança, sabe? Mesmo o convívio entre eles dá para perceber que teve uma mudança, pequena mas tem

(...)

Keila – ... eu gostaria de perguntar para vocês: como foi a atenção e concentração das crianças essa semana?

Márcia – Essa semana foi dez! Hoje ... Nossa....Não sei se foi pela reunião que eu tive com os pais na sexta, porque eu falei para os pais...eles estavam mansinhos, eu estou com a garganta lisa hoje...

Cristiane - ...teve um dia que eles voltaram do intervalo, eu tinha que dar a cópia de um texto para eles ... então eu conversei com eles que eu gostaria que eles fizessem uma cópia diferente...não só copiar... coloquei só o som, bem baixinho, falei “agora, é hora de prestar atenção na cópia da lousa, mas esse som vai estar dentro da cabecinha de vocês, para relaxar”.... eu achei que eles mudaram totalmente... nem eu acreditei, eles fizeram a cópia super diferentes, tranquilos....e eles estão pedindo...então eu percebi que a letra melhorou, o capricho do caderno, até aqueles que na hora de virar a folha formam aquelas orelhas... E eles leram o texto depois de uma forma diferente, sabe Keila ? Relaxados, quase não gaguejaram...até eu fui embora super tranqüila...

Pelos depoimentos das professoras, é possível observar que as atividades musicais aplicadas pelas professoras estavam desenvolvendo o aspecto musical – percepção auditiva e rítmica, expressão corporal – como também estavam permitindo conexões com outros aspectos da vida da criança. Luciana, por exemplo, por meio de uma simples atividade de relaxamento, teve oportunidade de dialogar e conhecer melhor seus alunos no que diz respeito aos seus referenciais; à medida que os alunos expressavam os sentimentos provocados pela música, Luciana pôde explorá-los de forma que, ao final da atividade, a relação professor-aluno foi beneficiada (convém lembrar que Luciana havia ingressado na escola há pouco tempo e ainda não estava se sentindo tão próxima dos alunos). Além desse aspecto, cabe mencionar que a atividade aplicada por Luciana foi fruto de uma adaptação

realizada pela professora a partir de uma atividade vivenciada na oficina, o que permite observarmos que as professoras, em pouco tempo, aprenderam a adequar procedimentos ao cotidiano de cada sala de aula. Isso também fica muito claro no depoimento de Cristiane. O fato de colocar música para acalmar os alunos enquanto realizavam uma atividade de escrita foi interessante, porém mais importante foi o desenvolvimento da professora em relação à percepção das necessidades dos alunos. O que seria uma simples atividade de cópia se transformou numa atividade prazerosa. Isso ocorreu porque a professora aprendeu a observar seus alunos de forma diferenciada. Assim, o cotidiano de professoras e alunos foi se modificando – possível contribuição da música. Vale ressaltar que as atividades musicais passaram a envolver não só professoras e alunos, como também os pais dos alunos.

Cristiane – Eu falei desse projeto de musicalização com os pais, na reunião, e eles gostaram e disseram que em casa as crianças chegam e começam a cantar....

Inês – Até eu chego em casa e começo...

Verificamos que o trabalho com música em sala de aula proporcionou maior contato com música também fora dela, o que reforça a propagação de canções infantis pertencentes ao nosso folclore, as quais, ultimamente, têm sido suplantadas pelas novidades da mídia²⁵.

Ainda na mesma reunião, dedicamos alguns minutos para a vivência de algumas atividades práticas a partir da canção “Periquito Maracanã” (Quadro 4.12).

Ouvimos juntas a canção, aprendemos a cantar a melodia e posteriormente combinamos gestos para simbolizar quando deveríamos cantar forte ou fraco. As professoras participaram dando novas sugestões:

Inês – A gente pode fazer assim também: dois grupinhos, um para cá e outro lá, na hora que vai afastando, afastar...pulando, pular...

Márcia – Associando com a letra, né? Eu tinha colocado aqui, ó...

²⁵ Cabe mencionar novamente que não criticamos a existência de outras canções que não as pertencentes ao cancioneiro popular, nem o fato de as crianças apreciarem esse tipo de música, porém observo, enquanto docente, que se não há um trabalho no sentido de resgate e ampliação do repertório de canções (folclóricas e clássicas) de professores e alunos, a tendência é permanecer apenas no que a mídia oferece. Como afirma Jeandot (1993), todos os tipos de música – erudita, folclórica, pop – são válidos. No entanto, o professor deve possibilitar à criança que ela conheça os vários gêneros musicais que a cercam, para que, então, ela demonstre preferências.

Além das sugestões de atividades com a canção, elas também deram muitas contribuições em termos de integração da música aos conteúdos já trabalhados no dia-a-dia em sala e aula:

Márcia – Aqui está falando de rodar, de afastar, chegar, né, então você pode estar trabalhando bastante, aqui, a noção de direção, né? Noção de direção, lado...Direita e esquerda...

Inês – Dá para trabalhar tempo...

Márcia – É, faz um ano, faz um dia....

Márcia – O Iaiá, aqui, dá para a gente trabalhar geografia, né?...localização...

Inês – Vocabulário...

Márcia – Vocabulário também...dialeto também porque Iaiá não é da região sudeste, né, eles não estão acostumados com esse Iaiá...

Luciana – Keila, pesquisa sobre a espécie, em ciências....onde ele vive, se ele está em extinção...

Cristiane – Matemática....

Keila – Como você pensou a matemática?

Cristiane – Um dia, quantos dias tem o ano? Quantos dias tem o mês? Probleminhas....

Márcia – Quantas vogais tem em cada palavra...ou em cada linha...quantas consoantes têm em cada linha...eu trabalho muito isso...

Márcia – Dá para trabalhar letra maiúscula e minúscula, tem o nome do periquito....

Inês – Esse “ora”, dá para trabalhar o hora/ora....

Márcia – Dá para trabalhar rima... nossa, vai dar super legal!

Cristiane – Aqui na primeira parte, Keila, dá para trabalhar produção de texto...o que será que aconteceu com a Iaiá?

Inês – Imaginação deles, né? Por que será que ela não tinha voltado?

O diálogo permite que observemos o quanto uma simples canção pode contribuir em termos de aprendizagem. Aprendizagem dos alunos que, vivenciando uma atividade como essa, desenvolvem as capacidades de improvisar gestos para regência, de interagir no grupo respeitando os demais participantes, de percepção auditiva ao identificar e executar sons mais fortes ou fracos, mais agudos ou mais graves, percepção rítmica ao se movimentar de diferentes maneiras (rápido, devagar), de atenção e escuta interior ao cantar omitindo palavras. Aprendizagem das professoras, que nas discussões mostram desenvolvimento da autonomia para sugerir modificações, adaptações e conexões com os conteúdos já trabalhados em sala de aula.

| ATIVIDADE | OBJETIVOS DA ATIVIDADE | LETRA DA CANÇÃO |
|--|--|--|
| <p>PERIQUITO MARACANÃ – Os participantes cantaram a canção de várias maneiras: variando a intensidade (forte e fraco), o andamento (rápido e devagar), a altura (grave e agudo). Criamos uma pequena dança a partir da própria letra da canção, enfatizando a localização espacial (o perto e o longe): duas fileiras, uma de frente para outra, na primeira parte batiam palmas, na 2ª andavam para frente, na 3ª afastavam e pulavam, na 4ª rodavam no próprio lugar. A dança também poderia ser realizada em roda: na primeira parte, os participantes poderiam cantar e girar ora para a direita, ora para a esquerda. Na segunda parte, poderiam imitar o que diz a letra da música: chegando, afastando, pulando e rodando. A música também poderia ser cantada omitindo palavras (por exemplo, cantar a música sem falar a palavra “maracanã”): na palavra omitida os participantes deveriam bater palmas para representá-la. Quando essas atividades fossem desenvolvidas em sala de aula, seria interessante que as crianças desenvolvessem pesquisa sobre animais silvestres, o professor poderia trabalhar as rimas existentes na música...Uma variação interessante também seria deixar as crianças brincarem de “regentes”: cada criança teria oportunidade de reger a canção para os colegas, escolhendo se a quer mais rápida, mais devagar, mais forte, mais fraca, mais aguda, mais grave, indicando que sinais usar para representar as diferentes maneiras de cantar (por exemplo, quando o regente erguesse o braço para o alto, todos deveriam cantar forte...)</p> | <p>Vivenciando essa atividade, os participantes deveriam ser capazes de :</p> <ul style="list-style-type: none"> - Identificar e expressar variações do som quanto à intensidade, à altura; - Expressar, por meio de movimentos corporais, variações de andamento; - Reproduzir os gestos propostos pelos demais colegas participantes. | <p>PERIQUITO MARACANÃ Periquito Maracanã, cadê a tua Iaiá? Faz um ano, faz um dia que eu não vejo ela passar. Ora vai chegando, ora vai chegando, ora vai chegando, até chegar! Ora vai afastando, ora vai afastando, ora vai afastando, até afastar! Ora vai pulando, ora vai pulando, ora vai pulando, até pular! Ora vai rodando, ora vai rodando, ora vai rodando, até rodar!</p> |

Quadro 4.12 – Atividade desenvolvida com as professoras em 25/03/2002

Na 6ª reunião (01/04/02) introduzimos, como instrumento de registro das atividades práticas, uma filmadora. A novidade causou receio entre as professoras que, no decorrer da reunião, se envolveram de tal maneira com as atividades propostas que a filmadora foi esquecida. Iniciamos a reunião dando continuidade às atividades iniciadas na

semana anterior com a canção “Periquito Maracanã”. Realizamos em círculo e, com as mãos dadas, expressávamos os movimentos indicados na letra da mesma. Após a atividade prática, dialogamos um pouco sobre as possibilidades de desenvolvê-la com as crianças:

Keila – E aí, o que vocês acharam? Dá para fazer com as crianças?

Elsa – Dá, dá...tranquilo....

Keila – E o que vocês acham que seria interessante? Que vocês pensaram para as crianças?

Cristiane – A seqüênciachegando, afastando....

Elsa – O sentido da palavra...o final, “ando” eles têm muita dificuldade...

Márcia – Direção...noção de sufixo....

Elsa – Eles têm muita dificuldade...

Márcia – É, o final das palavras, as terminações...

Inês – Socialização deles, né...socialização...

Márcia – Contato, estar se olhando direto...

Novamente observamos o desenvolvimento das professoras quanto à autonomia para sugerir conexões entre as canções propostas na oficina e os conteúdos já trabalhados em sala e aula. Verificamos também que as professoras já possuíam consciência de aptidões importantes para a aprendizagem de conteúdos formais, tais como noção de seqüência, interação com o grupo, coordenação motora.

Com a mesma canção, Periquito Maracanã, realizamos uma nova atividade na qual cantamos a canção alternando alturas (grave, agudo) e intensidades (forte, fraco). Cada professora improvisou gestos para simbolizar as diferentes maneiras com que a música poderia ser cantada, enquanto as demais seguiam as propostas. Iniciei a brincadeira e depois cada qual improvisou movimentos e diferentes maneiras de cantarmos a melodia. O resultado permitiu observarmos maior desenvoltura das professoras na realização da atividade, além de maior domínio da linguagem musical: a noção de variação de intensidade, de duração, de altura do som tornou-se mais familiar entre as participantes, o que pode ser observado no depoimento de Luciana:

Keila – E aí, que idéia vocês tiveram? Luciana....

Luciana- Eu acho que dá para trabalhar também com o agudo e grave...além de toda essa gesticulação, combinar sinal para agudo, para grave, além de alterar volume....então acho que dá para tratar a voz normal, alterando o volume, forte e fraco, e mudando o timbre da voz de agudo para grave...

Após a realização dos movimentos propostos pelas professoras, reservamos novamente alguns instantes para discutir as possibilidades de aplicação da atividade com as crianças e em que medidas estaria contribuindo para seu desenvolvimento:

Keila – A gente vai estar trabalhando coisas super legais: lateralidade, sonoridades diferentes...

Márcia – Ela tem e não sabe brincar com isso....

A afirmação de Márcia demonstra sua preocupação, como professora, em desenvolver habilidades que a criança já possui – como o ritmo, a variação de intensidade e altura do som – mas que necessitam de estímulo para serem desenvolvidas. Essa preocupação aparece em outras falas dessa professora bem como de suas companheiras, ou seja, as professoras passaram a valorizar outras habilidades como necessárias ao desenvolvimento da criança que não apenas as pertencentes ao currículo formal.

Como havíamos realizado atividades de movimento e o calor estava intenso, fizemos uma nova atividade de pesquisa sonora, dessa vez no pátio da escola. Foi uma atividade interessante não só por dar continuidade às atividades já desenvolvidas nesse sentido, mas por permitir que as professoras que ingressaram posteriormente tivessem oportunidade de vivenciar esse tipo de atividade. As professoras se dirigiram ao pátio externo procurando ouvir e registrar todos os sons possíveis e, retornando à sala, relataram o resultado:

Keila – Agora eu gostaria que cada um falasse rapidamente o que ouviu de diferente....

Cristiane – Motor da geladeira funcionando...

Luciana- Barulhão!

Cristiane – De longe é gostoso, mas a hora em que chega perto...

Márcia – Passando pano no chão...o toc toc do salto...

Cristiane – Sons de passos....carros passando...

Luciana – O pedreiro martelando ali fora...

Inês – O som do carro... quando passa em algum buraco...

Luciana – Uma das salas aqui cantando a música do pato...

Ana Maria – O barulho do motor...o barulho do som do carro também, né, o pedreiro...

Elsa – Os pedreiros...o barulho da geladeira...

Inês – Copo...

Márcia – Martelada lá na construção...

(...)

Keila – Agora, desses sons aqui, vamos tentar pensar um pouquinho em cima deles...quais deles estavam mais fortes ou mais fracos?

Cristiane –Geladeira...mais forte, só que longe não era...

Keila – Então além do fator forte e fraco, que outro fator a gente tem?

Cristiane – A distância...

Keila – Perto e longe...então a geladeira, ela foi ficando forte conforme vocês foram se aproximando dela....

Verificamos diferenças entre os relatos de sons ouvidos nas primeiras vezes em que realizamos esse tipo de atividade e os relatos daquele momento. Houve um avanço na capacidade de percepção de sons que normalmente não são notados em nosso dia-a-dia. Além disso, a classificação dos sons quanto à agradabilidade, localização, intensidade mostrou-se mais apurada. Ao classificarmos os sons quanto à agradabilidade, as professoras

afirmaram que o recreio da escola poderia ser classificado como extremamente desagradável devido ao tumulto de vozes dos alunos no intervalo.

Cristiane – É insuportável!

Márcia – É ensurdecedor...o tempo todo...

Elsa – Sabe o que dá impressão? Que eles gostam de ouvir barulho, que eles gostam de ouvir gritos...

Cristiane – Não, não é isso...um fala alto, o outro não consegue ouvir, fala mais alto...

Luciana – Ai gritam gratuitamente...

Márcia – Tem criança que chegou a me falar que não sabe mais falar baixo...fala mais baixo menino...

(...)

Cristiane – Eu tenho um menino de três anos e quando, às vezes, eu altero a voz com ele, várias vezes ele olhou para mim e “mãe, não precisa gritar”... aquilo dá uma sensação, é horrível...então às vezes a gente está com tanta coisa na cabeça que acaba gritando sem perceber...

O diálogo permite observarmos o quanto os momentos dedicados a um maior contato com a música contribuíram não apenas para um redirecionamento da sua utilização em sala de aula mas também para refletirmos sobre fatores que interferem no relacionamento professor-aluno e, conseqüentemente, na aprendizagem deste. Cristiane dá um exemplo observado em casa, com seu filho de apenas 3 anos. Ela menciona que quando altera o volume da voz com seu filho, ele reclama e lhe diz que não precisa “gritar”. O depoimento dessa professora possibilita verificarmos que os momentos dedicados à oficina também proporcionaram tomada de consciência no que diz respeito à ação e reação no cotidiano escolar, ou seja, à influência da ação do professor nas atitudes dos alunos.

Na 7ª reunião (08/04/02), além da presença das professoras que já estavam participando, tivemos também a presença de Rose (diretora) e Gisele (vice-diretora). Iniciamos a reunião discutindo mais uma parte do texto proposto nas reuniões anteriores²⁶.

Keila - ... a questão da disciplina...como vocês vêem isso na sala de aula? Tem a ver isso que está sendo dito aqui?

Inês – Tem...tudo tem a ver, tanto que o que a gente trabalha...eu pelo menos...não tem nada que não tenha dado certo....hoje coloquei a musiquinha e o que eu faço? Perto da hora de ir embora, eu não vou levar fora, vou aqui dentro mesmo...e normal.... aí os movimentinhos, vai para a frente, vai para trás e rodando ali mesmo, dentro da sala de aula...é uma forma de acabar a aula diferente, gostoso para eles, né...

O relato da professora Inês mostra o quanto a vivência na oficina já havia influenciado sua prática pedagógica, transformando também o espaço da sala de aula. Mesmo não sendo possível sair com as crianças do ambiente em que estavam para realizar alguma atividade com música, a professora conseguiu modificar a rotina desenvolvendo

uma atividade no próprio ambiente da sala de aula, e isso mostra que sua maneira de enxergar o cotidiano também mudou. Ela poderia ter se limitado a deixar as crianças em silêncio até o momento do toque de saída, mas preferiu utilizar os últimos momentos de sua aula para uma atividade prazerosa para si mesma e para os alunos.

Os momentos dedicados à leitura e discussão de textos, durante as reuniões, permitiram também que outros assuntos importantes fossem abordados, bem como possibilitou maior diálogo sobre a aplicação de atividades com os alunos, estimulando as professoras a falar sobre a semana: as atividades desenvolvidas em sala de aula, dificuldades encontradas, o que propunham para a superação dessas dificuldades.

Cristiane – Deixa eu falar uma coisa...os meus estão achando a música muito infantil... agora eles ficam, principalmente os meninos “ah, professora, só música de criançinha...”

Luciana – E, eles ficam sem graça, né...

Cristiane – A hora que as outras crianças começaram a cantar, eu olhava assim para eles “vamos cantar!”...sabe, um jeitinho meio tímido, mas eles falam “ah, professora quero outras músicas”...

Keila – Então explora isso com eles, que outras músicas?...

O problema levantado por Cristiane reforçou a necessidade, já apontada por Luciana, de um redirecionamento nos procedimentos adotados na oficina musical. Como no início estávamos lidando com professoras de 1ª e 2ª séries, as canções propostas estavam voltadas para esse público. No entanto, com o ingresso de Cristiane (3ª série) e Luciana (4ª série) a proposta necessitou ser redirecionada e novas canções, voltadas para esta faixa etária, foram trabalhadas. A preocupação de Luciana e Cristiane em adequar os procedimentos musicais à faixa etária com a qual trabalham mostra desenvolvimento no sentido de detectar quais as expectativas dos alunos, ou seja, observando as atitudes dos alunos durante as atividades propostas, as professoras verificaram que havia necessidade de adequações e adaptações.

Nessa reunião, tivemos um relato muito interessante, feito por Luciana. Mesmo havendo ingressado como participante da oficina há pouco tempo, demonstrou que a música já mudou muito a rotina de sua sala de aula a ponto de os alunos tomarem iniciativa de improvisar músicas mesmo quando o conteúdo era Língua Portuguesa. Assim, sua turma resolveu inventar um “rap” a partir de um texto sobre pontuação, que ela estava trabalhando:

²⁶ JOLY, I.Z.L. **Movimento, Ritmo e Dança – uma proposta para educação musical integrada**. São Carlos: UFSCar, 2000.

Luciana – Keila, semana passada eu ia trabalhar a música do periquito... aí na terça-feira, eu peguei um texto, que eu tinha mimeografado para eles, sobre pontuação...na hora que eu entreguei o texto falei “vamos dar uma lida nesse texto, né, porque depois a gente vai trabalhar com isso”, eles acabaram de ler o texto, olharam para mim e disseram “professora, dá para fazer um rap com essa história”...bom, foi por água abaixo, né...aí eu substituí uma atividade pela outra e eles ficaram tão empolgados em fazer o rap...e aí os meninos..um grupo de meninos fez o rap, um grupo de meninas fez o rap...e o rap ficou, das meninas ficou assim...com dança, com coreografia ensaiada....um barato!

Keila – E surgiu de onde? Deles...

Luciana – Da idéia deles...eu ia dar o Periquito aí eles surgiram com a idéia do rap, “então vamos fazer o rap, todo mundo quer”....todo mundo gostou da idéia, então...na mesma hora eles já começaram a se organizar, já deram ritmo na coisa...já, sabe?

O relato mostra a importância do estímulo no desenvolvimento da capacidade criadora do aluno. Se a professora insistisse em trabalhar o texto sobre pontuação, da maneira programada inicialmente, não teria esse resultado tão interessante. O estímulo da professora possibilitou uma improvisação grupal que, por sua vez, permitiu aos alunos desenvolverem a sensibilidade rítmica e auditiva, na medida em que incorporaram uma melodia “rap” ao texto; desenvolverem a capacidade de organização em grupo, ao trocarem idéias entre si e produzirem coletivamente o trabalho; a capacidade de expressão corporal, ao criarem e apresentarem uma coreografia para a música. Além disso, os alunos não deixaram de trabalhar o conteúdo programado, apenas o fizeram sob uma nova perspectiva, o que permite concluirmos que é possível inserir a música no contexto da sala de aula sem prejudicar a aprendizagem dos conteúdos já programados.

Dando seqüência à reunião, desenvolvemos uma atividade prática com a canção “Atirei o pau no gato” (Quadro 4.13).

A participação das professoras foi muito animada, e a professora Ana Maria, contrariamente ao seu procedimento nos diálogos e nas atividades práticas desde seu ingresso na oficina, teve uma atuação diferenciada nessa atividade. Participou nos momentos de expressão corporal, bem como comentou que estava começando a entender o sentido da oficina. A canção “Atirei o pau no gato”, conhecida e utilizada por essa professora, fez com que ela perdesse o medo em relação ao trabalho musical com os alunos. Com uma canção como essa, afirmou, ela seria capaz de trabalhar. Verificamos, então, a importância de diversificação das propostas de canções e atividades a serem desenvolvidas com as professoras. Para a Ana Maria, por exemplo, era importante partir de algo já conhecido, enquanto para Cristiane e Luciana, a necessidade voltava-se para canções com letras e melodias mais complexas, ainda que desconhecidas inicialmente.

| ATIVIDADE | OBJETIVOS DA ATIVIDADE | LETRA DA CANÇÃO |
|---|---|--|
| <p>“ATIREI O PAU NO GATO”: As participantes cantaram a canção, improvisando movimentos para as várias situações pelas quais o gato passa durante o dia: ele acorda, fica com pressa para ir à escola, cansado por correr muito, alegre por estar com os colegas, triste porque acabou a aula, contente e marchando ao voltar para casa, cansado e com preguiça na hora de dormir. Em sala de aula, além dessa atividade, o professor pode ainda propor uma atividade de improvisação coletiva na qual as crianças criariam uma continuação para a canção, incentivando a não maltratar os animais e proteger a natureza: o que aconteceu com o gato? Como podemos evitar que isso aconteça? Vamos alertar para que não machuquem o gato criando uma nova parte para a canção? As crianças poderiam dramatizar a nova versão da canção improvisando movimentos e utilizando objetos sonoros da própria sala de aula para acompanhar a música.</p> | <p>Vivenciando essa atividade, os participantes deveriam ser capazes de:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Cantar a canção “Atirei o pau no gato”; - Improvisar, grupalmente, uma nova letra para a mesma, incentivando a proteção aos animais e à natureza; - Expressar diferentes andamentos da canção andando livremente pela sala; - Dramatizar a nova versão da canção “Atirei o pau no gato” utilizando objetos sonoros encontrados na própria sala de aula. | <p>ATIREI O PAU NO GATO</p> <p>Atirei o pau no gato Mas o gato não morreu, Dona Chica admirou-se Do berro, do berro que o gato deu!</p> |

Quadro 4.13 – Atividade desenvolvida com as professoras em 08/04/2002

Ao terminarmos a atividade, reservamos alguns minutos para discuti-la, e a questão em torno da proposição de canções diferenciadas para os alunos de 3^{as} e 4^{as} séries voltou a aparecer no diálogo.

Keila - ... a proposta é vocês terem possibilidade de utilizar o que vocês têm e ao mesmo tempo ampliar esse repertório...

Rose- Mas sabe o que eu penso? Eu vejo assim: às vezes é bom vocês trabalharem com músicas que fazem parte do repertório deles tambémporque às vezes fica mais fácil.....e às vezes tem criança dentro de classe da 4^a série que a mãe nunca cantou...eles nunca ouviram...então de repente, é uma música da infância que você vai fazer com que ele guarde...da infância, para o resto da vida...eu acho que é assim, é história, vocês estão construindo, a história dessas crianças...

(...)

Gisele – E é incrível como eles gostam de música...eu estava conversando....eu cantava quase o dia todo, eu cantava quando eu queria falar porque tinha hora que minha classe estava bastante tumultuada... eu começava a cantar, eles paravam...

A diretora, Rose, e a vice-diretora, Gisele, pareceram compreender a necessidade de partir do repertório de canções do aluno e do professor, sobretudo canções infantis pertencentes ao folclore brasileiro, porém sempre buscando expandi-lo. O relato de

Rose também foi importante no sentido de conscientizar as professoras sobre as diferenças de referencial familiar dos alunos e a influência que esse referencial exerce sobre cada criança.

Na 8ª reunião(22/04/02), notando a ausência da professora Cristiane, perguntei às professoras se ela havia desistido, ao que Márcia respondeu que ela precisou alterar seu horário de HTP individual, não podendo mais estar presente conosco naquele horário. Iniciamos a reunião discutindo uma dificuldade encontrada pelas professoras participantes: ensinar as crianças a cantarem os hinos pátrios. Em virtude de um projeto da Câmara Municipal, todas as escolas municipais deveriam cantar os hinos semanalmente, o que gerou um certo desconforto por parte das professoras.

Inês – Deixa eu só falar para você uma coisinha....nós estamos ensinando hinos para as crianças...Hino Nacional, Hino à Bandeira, Hino a São Carlos.....agora aquele Hino a São Carlos também, né...

Márcia – Dificílimo e é chato ... é um hino chato, não gostei, letra horrível...não gostei, sou sincera...

(...)

Keila – Mas e as crianças, como elas estão reagindo?

Márcia – As minhas gostam do Hino Nacional.... do São Carlos....

(...)

Márcia – Eu já entrei em História... eu consegui...fui contando a história, então eles foram perguntando, eles foram se interessando, eles já querem entrar na história...então eu já comecei...

Os hinos pátrios, embora representassem uma dificuldade para as professoras, permitiram que elas tratassem de temas transversais bastante interessantes com as crianças, o que mais uma vez mostra que aprenderam a extrair o máximo de uma atividade: não apenas ensinaram os hinos, mas deram sentido a eles e aguçaram a curiosidade dos alunos.

Na seqüência, conversamos sobre a semana transcorrida, sobre as atividades musicais desenvolvidas com os alunos, em que momentos foram aplicadas, com quais objetivos. Márcia, então, contou sobre uma paródia que seus alunos estavam criando e sobre o quanto eles se envolveram com a canção “Periquito Maracanã”.

Márcia – Nós estamos ensaiando uma paródia nós fizemos uma paródia em cima da música dos Titãs com o tema da natureza: “a natureza vai crescer e nós vamos agradecer”....

(...)

Márcia – Gente, olha, eles adoraram esse Periquito! Adoraram! É só dar uma brechinha que eles já “periquito maracanã”... Amaram!...Nossa, ficou legal, viu?

A canção “Periquito Maracanã” parece ter agradado tanto professoras quanto alunos, pois todas, embora em situações e momentos diferentes, realizaram alguma

atividade com seus alunos aproveitando essa canção. Os alunos, segundo o depoimento de Márcia, apreciaram-na bastante. Isso permite verificarmos que uma canção com letra e melodia tão simples pode proporcionar diferentes atividades, em diferentes contextos, bem como acrescentar mais alegria ao cotidiano da sala de aula.

Após os instantes de diálogo, propus que vivenciássemos uma atividade de relaxamento, na qual as professoras, ao som de uma música suave, deveriam se deslocar livremente pela sala dançando com balões de ar. Após a atividade, discutimos o que havíamos terminado de vivenciar:

Keila – Que acharam?

Elsa – Legal!

Keila – Como é, para vocês, participar de uma atividade assim? Que vocês sentiram?

(...)

Márcia – Eu pensei assim, que as crianças com as bexigas na mão fazendo essa atividade....nossa senhora....alguns começariam a explodir a bexiga...outros já tentariam deitar no chão e jogá-la com o pé...

(...)

Ana Maria – Eu fiz uma atividade com bexiga, mas com um cordãozinho no dedo deles para a bexiga não fugir...

.

O diálogo nos mostra que a troca de experiências entre as professoras foi ampliada, e Ana Maria passou a ter uma participação maior nos diálogos, o que até então não era uma atitude freqüente de sua parte. As professoras, mais uma vez, demonstram que houve aprendizagem no sentido de adequar e adaptar procedimentos às situações do cotidiano escolar. A cada reunião, as professoras pareciam tomar consciência da necessidade de caminharem com autonomia, e a troca de experiências mostrou ser um importante auxílio nessa conquista.

Aproveitando o momento de diálogo e troca de experiências, sugeri a leitura e discussão de um pequeno texto que abordava a importância da utilização de atividades lúdicas, com música, na infância e da participação do professor ao propor tais atividades.

Keila – A Elsa destacou uma coisa importante, tem que realizar junto, fazer junto, dançar junto...

Inês – Eu acho que o próprio ambiente já faz isso...você começa a trabalhar, você já entra no meio....

Ana Maria – Eu tenho dois aluninhos que, quando a Érika deixou comigo, ela disse “não precisa perguntar nada, não precisa perder tempo porque ele não fala”... “Mas ele não fala”? “Ele não fala”...foi depois da música que

Keila – E agora ele fala?

Ana Maria – ...o menino não pára mais...lê para mim, porque ele não lia...

O diálogo possibilita verificarmos o quanto essas pequenas discussões a partir dos textos trabalhados fomentaram reflexões importantes sobre o cotidiano escolar e permitiram que as professoras trocassem experiências entre si. O depoimento de Ana Maria

mostra que apesar das dificuldades que vinha enfrentando, ao atuar numa 1ª série pela primeira vez, já pôde observar progressos em seus alunos após o início da aplicação de atividades musicais em sala de aula. Alunos que não falavam passaram a participar mais ativamente das aulas e a professora passou a valorizar os pequenos progressos de seus alunos.

Na mesma semana em que ocorreu a 8ª reunião com as professoras, seus respectivos alunos foram filmados pela primeira vez. A filmagem teve por objetivo registrar a participação dos alunos nas atividades musicais propostas pelas professoras, a desenvoltura para realizá-las, o quanto a música os estava auxiliando na questão da expressão corporal, vocal, na sensibilidade auditiva e rítmica, bem como na interação com o grupo e com a professora.

As atividades com os alunos das professoras Ana Maria, Márcia e Elsa foram desenvolvidas no pátio interno, enquanto os alunos da professora Inês preferiram o pátio externo e os de Luciana permaneceram em sala de aula. Os alunos de Elsa e Márcia realizaram uma atividade de expressão corporal a partir da canção “Periquito Maracanã” e “Atirei o pau no gato”. Os alunos de Inês também realizaram uma atividade de expressão corporal com a canção “Periquito Maracanã, sendo que no início, meninos e meninas realizaram atividade separadamente. Somente no final da filmagem todos os alunos participaram ao mesmo tempo. Os alunos de Ana Maria fizeram uma atividade, inicialmente parados no lugar e depois movimentando-se, com a canção “Atirei o pau no gato”. Por fim, os alunos de Luciana apresentaram o “rap” criado a partir do texto sobre pontuação trabalhado pela professora em sala de aula.

Na 9ª reunião (29/04/02) contamos com a participação de Elsa, Inês, Márcia e Luciana. Iniciamos a reunião conversando sobre a filmagem realizada com as crianças na semana anterior: se haviam apreciado, o que haviam comentado, que mudanças puderam ser observadas desde então. De acordo com as professoras, a filmagem foi algo que estimulou a participação das crianças e proporcionou alegria, ao permitir o desenvolvimento de atividades práticas no pátio da escola. Verificamos, por meio dos depoimentos das professoras, que houve realmente uma busca por novos espaços e a ampliação desse espaço escolar, ou seja, a sala de aula deixou de ser o único ambiente para aprendizagem.

Nesse mesmo dia, demos continuidade às atividades em torno da canção “Atirei o pau no gato”, e as professoras criaram uma nova versão para a canção incentivando a proteção aos animais e à natureza. Em grupos, as professoras criaram a nova letra e a apresentaram improvisando acompanhamentos com canetas, réguas e outros materiais da sala de aula. Logo após fizemos a leitura de um pequeno texto que abordava a música e o desenvolvimento da capacidade criativa na infância, para então discutirmos sobre o tema.

Márcia – A criança, quando ela é colocada livre de qualquer exigência, qualquer obrigação para criar, eu acho que ela desenvolve, né...

Elsa – A criança tem uma criatividade natural dela, né? Não é que nem a gente que vai ter vergonha, que não consegue, criança é diferente!

Márcia – Tem os tímidos, tem as crianças que têm mais dificuldade...mas esse tipo de atividade para criar, criar trabalho espontâneos assim, ajuda ... algumas crianças que liam baixinho , nem elas escutavam o que elas estavam falando, já estão lendo mais alto...então ela está aprendendo...

O depoimento das professoras permite observarmos que a capacidade de criar é um aspecto valorizado na formação do aluno. No entanto, como Márcia e Elsa comentam, a criança só consegue expressar essa capacidade e criar quando há estímulo para isso, quando não há exigências que inibam a expressão. Como Elsa afirma, a criança tem “uma criatividade natural”; o que seus formadores fazem é desenvolvê-la ou inibi-la. A oficina musical parece haver contribuído no sentido de conscientizar as professoras a esse respeito, e Márcia afirma já estar notando diferenças em seus alunos.

Antes de encerrarmos essa reunião, discutimos um pouco sobre as impressões dos alunos a respeito da música na escola:

Luciana – Eles gostam!

Márcia – Os meus adoraram!

Luciana – Tudo que é ligado....qualquer atividade para eles é bom, dar espaço para eles é...

Elsa – Mesmo para a gente....

Luciana – Sabe o que eu acho que seria importante assim, pelo menos para a 4ª série, estar trabalhando letra, estar trabalhando conteúdo da própria letra usando, como por exemplo, o Hino Nacional...eles cantavam blá, blá, blá, mas não sabiam nada o que estavam cantando...aí eu fiz um trabalho com eles de interpretação, de encontrar palavras no dicionário sabe....aí mudamos a ordem do texto para eles entenderem e tal...eu acho que isso está ajudando eles a entenderem melhor o que eles estão lendo....

Novamente verificamos a responsabilidade do professor no processo de ensino-aprendizagem. O comentário de Luciana sobre seus alunos e o Hino Nacional, mostra que é possível transformar o processo de ensino-aprendizagem em algo mais amplo que o comum. A partir do momento em que os alunos trabalharam com a interpretação do texto do Hino Nacional, compreenderam o conjunto da obra analisada e passaram a apreciá-

la por inteiro. A iniciativa da professora mostra que houve aprendizagem também de sua parte ao propor o trabalho de interpretação, ao detectar a necessidade desse trabalho. O que era sem sentido, fazer por fazer, passa a ter objetivos e resultados.

Na 10ª reunião (07/05/02) entreguei às professoras dois CD's com músicas infantis que poderiam ser trabalhadas com as crianças: “Cantos de vários cantos” e “O mundo encantado da música” (vol. I), os quais pertenceriam à escola e poderiam ser utilizados pelas professoras sempre que desejassem. Ainda nesse dia, realizamos uma atividade a partir da canção “A Lua”, interpretada pelo grupo MPB-4 (Quadro 4.14).

As atividades sugeridas pareceram agradar ao grupo, que prontamente pôs-se a participar:

Inês – Eu não tenho idéia!

Elsa – Crescente dá idéia de uma coisa crescendo...

Luciana – Minguando, esvaziando...

Inês – E cheia, eu imaginei cheia né...

Márcia – Eu imaginei uma bexiga né...enchendo, depois cheia, aí você abre e ela se esvazia...

Luciana – Agora a nova....

Márcia – ... ela fica só com o contorno no céu....você só vê o risco dela, só o contorno...

Inês –Só vê o contorno? Então eu não sei decifrar quando...

Márcia – Eu sei porque eu já trabalhei....

Inês – Eu vou até anotar...

(...)

Márcia – Como você faria a lua nova?....

Luciana – Realmente a lua nova é complicada!

Márcia – Nova, para mim, é cheiro de novo, cheirinho gostoso né....

Keila – E que som você daria...

Márcia – Esse é o problema! Que som dar para esse cheiro!

As sugestões, como podemos observar no diálogo, vieram rápido e houve bastante troca de experiências. No início da segunda etapa da oficina musical, em fevereiro as professoras eram capazes de vivenciar as atividades propostas, porém emitiam poucas sugestões e adaptações. Isso foi acontecendo no decorrer do processo e nessa reunião, a 10ª dessa parte da oficina, a participação nos diálogos e atividades propostas foi bem maior do que nas anteriores. Além de estimular sugestões e adaptações por parte das professoras, a atividade também contribuiu para que as próprias professoras soltassem a imaginação. Elas passaram a vivenciar as atividades de uma forma mais intensa, colocando-se realmente no lugar de seus alunos, o que permitiu também a aplicação de atividades de forma mais consciente.

| ATIVIDADE | OBJETIVOS DA ATIVIDADE | LETRA DA CANÇÃO |
|---|---|--|
| <p>“A LUA”: a partir da canção desenvolvemos as seguintes atividades:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ouvimos, exploramos a letra e cantamos a canção; - Criamos sons para cada fase da lua, sendo que cada participante apresentou o som que inventou para os demais; - Improvisamos uma pequena dança para a canção; - Foram sugeridas às participantes outras atividades a partir da canção, tais como a criação, em grupos, de uma pequena estória ou poema em que os personagens fossem as “quatro luas”. Essas estórias poderiam ser dramatizadas para os demais participantes.²⁷ | <p>Vivenciando essa atividade, os participantes deveriam ser capazes de:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Criar sons que representem as fases da lua; - Improvisar uma pequena dança; - Criar, em grupos, uma pequena estória ou poema inspirando na música em questão; - Dramatizar a pequena estória ou poema criado; - Desenvolver a percepção auditiva e rítmica, a expressão vocal, concentração para ouvir, expressão corporal, criatividade, capacidade para trabalhar em grupo, respeito aos colegas.... | <p style="text-align: center;">“A LUA”</p> <p>A lua, quando ela roda, É nova, crescente ou meia lua, É cheia, quando ela roda, Minguante, meia, Depois é lua novamente...bis Quando ela roda, é nova, Crescente ou meia lua, É cheia, quando ela roda, Minguante, meia, Depois é lua novamente Quem diz que a lua é velha, Mente quem diz, que lua é velha, mente quem diz.</p> |

Quadro 4.14 – Atividade desenvolvida com as professoras em 07/05/2002

Outra proposta de atividade com a canção estava relacionada à expressão corporal. Tínhamos que improvisar movimentos, uma pequena dança para a canção.

Luciana- Som é difícil, movimento não....

(...)

Inês – Eu acho que poderia acompanhar a música mesmo porque do jeito que ela está aqui, algumas coisas dá para fazer...

Keila – Vamos fazer, então?

Organizamos o espaço da sala de aula que estávamos ocupando para realizar a atividade com movimentos ao som da canção. Enquanto a música ia tocando, as professoras iam dando sugestões de movimentos que poderiam ser realizados. Improvisamos uma pequena dança e as professoras pareceram gostar do resultado, uma vez que todas contribuíram para isso. Em seguida, conversamos um pouco sobre como integrar a canção e as atividades propostas aos conteúdos já trabalhados em sala de aula.

Márcia –...a gente construiu com as sombras de velas e lanternas...fez as luas, as fases da lua e aí demos seqüência ao sistema solar, construímos o sistema solar... É super legal porque ...apaga a luz da sala, fica a penumbra...dá para você fazer...aí você acende a vela, do lado da frente ela vai iluminar mais uma parte e

²⁷ Para as crianças maiores, seria interessante o desenvolvimento de uma pesquisa sobre as fases da lua, que influências ela exerce na maré, nas colheitas...

menos a outra...muda de sentido, ela vai iluminar mais esse lado e não o outro, é a minguante...aí se você colocar em cima ela vai pegar iluminação total, é a cheia...e se você colocar a vela atrás, você vai ver bem iluminado só o contorno....

Keila – É uma boa idéia para poder explorar essas fases da lua...e aí, eu acho que para uma 4ª série cabe pedir essa pesquisa sobre a influência da lua...

Luciana – A influência eu acho legal...

O diálogo deixa nítido o envolvimento crescente das professoras nas atividades propostas. A troca de experiências novamente é algo a ser destacado. Cada professora, com histórias de vida diferenciadas, pôde colocar um pouco de si mesma ao discutir a atividade, relatando experiências vividas e construindo novas.

Ainda na mesma reunião, tivemos oportunidade de dialogar sobre o efeito que a música tem causado sobre professoras e alunos. O relato indicou que a música tem sido importante não apenas como elemento capaz de proporcionar alegria e descontração em sala de aula, mas também como elemento potencializador da aprendizagem, na medida em que permite a construção de conhecimentos a partir de canções. Aprendizagem não só para os alunos, mas também para o professor. Isso ficou claro quando Luciana, por exemplo, relatou a experiência de sua classe, uma 4ª série, ao criar um “rap” a partir de um texto de Língua Portuguesa; quando Cristiane, professora de 3ª série, mencionou que seus alunos realizaram a cópia da lousa, ao som de uma música suave, de maneira mais tranqüila. Os conteúdos foram contemplados, porém de uma forma lúdica e prazerosa.

Elsa – Sabe o que eu notei, Keila? Depois que eu comecei com a música eu notei que eles já estão lendo e já estão escrevendo sozinhos! Notei! Verdade! ...E agora, daqui para frente, eu só vou trabalhar com música na 1ª série!

(...)

Keila – Você sentiu diferença na sua classe, Márcia?

Márcia – Eu senti! Me ajudou bastante! Eu acho que eles criaram um senso de responsabilidade...então eles já sabem que quando tem música tem que prestar atenção... Hoje a inspetora veio falar para mim que eles melhoraram bastante do dia que eu peguei a classe até hoje, eles melhoraram bastante...elas vieram falar!

Elsa e Márcia relataram o quanto os seus alunos se desenvolveram na leitura e escrita, como na capacidade de se concentrar nas atividades, musicais ou não, desenvolvidas na sala de aula. Ainda que sair da sala de aula continue representando uma dificuldade para Márcia, ela conta que seus alunos já se tornaram mais responsáveis após a inserção de atividades musicais em sala de aula a ponto de outros funcionários da escola notarem diferença em seus alunos. Isso mostra que a aplicação de atividades musicais com os alunos proporcionou retorno visível às professoras, incentivando a continuidade do trabalho.

Na 11^o reunião (13/05/02), tivemos a participação de apenas duas professoras: Márcia e Luciana. Apesar do número reduzido de participantes, aprendemos uma nova canção e vivenciamos novas propostas de atividades. A canção trabalhada foi “A voz dos animais” (Quadro 4.15).

| ATIVIDADE | OBJETIVOS DA ATIVIDADE | LETRA DA CANÇÃO |
|--|---|--|
| <p>“A VOZ DOS ANIMAIS”: Ouvimos e cantamos a canção, procurando explorar a letra, representação gráfica dos sons (os sons produzidos pelos animais). Realizamos uma atividade de expressão corporal na qual nos movimentávamos livremente pela sala imitando os animais da música enquanto a cantávamos (em sala de aula, o professor pode sugerir a imitação não só do som mas do movimento dos animais da canção). Desenhamos os animais da música: colocamos uma tira de papel (em torno de 3 metros) pardo no chão e fizemos uma fila com as participantes. Andamos em torno da tira de papel cantando a música. Quando a música parava, todos ficavam no local em que haviam parado e desenhavam no pedaço de papel que estava à sua frente. Quando a música iniciava novamente, nos movimentávamos e, quando parava, continuávamos o desenho que estivesse à nossa frente da maneira como desejássemos. A brincadeira prosseguiu até que cada participante chegasse ao desenho que começou.</p> | <p>Vivenciando essa atividade, os participantes deveriam ser capazes de:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Cantar a canção; - Imitar os diversos animais citados na canção (sons e movimentos); - Construir um desenho coletivo, continuando os desenhos de outros participantes. | <p>“A VOZ DOS ANIMAIS”</p> <p>Foi Deus quem fez os bichos, sua voz eu vou imitar, E bem igual a eles, bonito eu vou cantar.</p> <p>O pato faz quá, quá; a vaca faz mu,mu; A ovelha faz mé, mé e o peru faz glu, glu, glu.</p> <p>O sapo faz coaxar; o cachorro faz au, au; O galo co-ró-có-có e o gato, miau, miau, miau.</p> <p>Pintinho faz piu, piu; burrinho faz hip,hip; Angola faz trofac; o cavalo, chip, chi.</p> <p>A mula faz ploc, ploc; o grilo faz cri, cri; Uma ave diz arara e a outra bem-te-vi.</p> <p>Mosquito faz zim, zim; abelha faz zum,zum; Muitas vezes eles picam machucando o meu bumbum.</p> |

Quadro 4.15 – Atividade desenvolvida com as professoras em 13/05/2002

A atividade foi realizada e discutimos sobre ela, sendo possível observar maior desenvoltura das professoras em relação a sugestões e variações a partir do que havíamos vivenciado.

Márcia – Eu acho que se eles fizerem, cada um, uma elaboração diferente de desenho a partir de cada estrofe, ficaria mais interessante porque eu achei mais difícil você dar continuidade ... continuar desenhando aquilo que foi de outra pessoa... Eu ia desenhar uma ave...

Keila – E aí o que aconteceu com o seu desenho? Quando você chegou lá estava igual?

Márcia – Não! É...ele não deu a forma que eu pensei! Mas eu continuei.... Só que eu tive um tempo para pensar, eu agachei e fiquei pensando, teve momento que eu fiquei pensando o que eu ia desenhar, aquilo que vai sair, tentando imaginar o que a outra pessoa queria com aquele desenho, com aquele esboço...

O depoimento de Márcia, ao dizer que ficou agachada, pensando no que iria desenhar, permite observarmos o quanto a reflexão-na-ação está presente na prática docente. Numa simples brincadeira as professoras buscaram o sentido para o que estavam fazendo, discutindo sobre o que poderia dinamizar a atividade, o que poderia ser alterado para que ela pudesse atingir seus objetivos em sala de aula. Isso é importante também, na medida em que possibilita o desenvolvimento da capacidade de reflexão na ação e sobre a ação, também sobre a própria prática docente.

Reservamos alguns minutos da reunião para discutir como havia sido a semana, o que havia sido possível realizar em termos musicais com as crianças em sala de aula.

Márcia – Eu acho que quando eu cheguei eu peguei a sala meio ...polvorosa...então eu estou conseguindo controlá-los melhor mas a disciplina continua sendo problema... Os meus são terríveis!

Keila – Mas aí eu fico pensando, será que não é justamente por não saírem muito que eles fazem isso quando saem?

(...)

Márcia- Para mim foi uma catástrofe!(Se referindo a uma atividade desenvolvida com os alunos no pátio) ...Tinha aluno meu que virou o corredor e foi observar professora dando aula, tinha aluno meu atrapalhando professora dando aula e eu não podia correr até onde eles estavam porque eu estava do lado de cá!alguns perceberam sons que nem eu percebi porque está tendo obra ali e eles perceberam o som do martelo, da broca...então eu achei legal nesse sentido...a maioria notou o motor da geladeira....

Os alunos da professora Márcia, de fato, apresentavam maior dificuldade de organização quando não estavam no ambiente da sala de aula, o que foi confirmado pelos depoimentos da professora e pela minha observação quando eram realizadas as filmagens. No entanto, do momento em que Márcia assumiu a classe em diante as crianças se desenvolveram bastante quanto à organização grupal, quanto ao respeito aos colegas e à professora, passando a participar e improvisar mais a partir das propostas da professora. Notamos que, apesar do receio em levá-los para o pátio, Márcia insistiu em continuar essa adaptação e o resultado foi que as crianças, aos poucos, foram se acostumando com a mudança de ambiente e diminuindo a agressividade ao saírem da sala para o pátio.

Luciana- Eu acho que esse tipo de trabalho (com música) é um trabalho que pode surtir efeito a longo prazo...não é uma coisa que a gente tem resultado imediato....vai ter algum resultado mas o resultado não

vai ser visto agora entendeu? E quando der resultado não é mais você que está com a sala!Porque o maior problema desse tipo de criança que tem esse comportamento é emocional! É de fundo emocional! Faz parte da vida daquela criança ...

O depoimento de Luciana revela consciência de que os resultados certamente virão, ainda que não imediatamente. Realmente, a espera pelo imediato permeava bastante as expectativas das professoras no início de nossa oficina musical. Ao longo das reuniões, das experiências vivenciadas, das reflexões desenvolvidas, essa espera pelo imediato teve uma diminuição passando a imperar a noção de que o trabalho desenvolvido, embora já houvesse apresentado alguns resultados imediatos, também necessitava de continuidade e constante investimento.

A 12^o reunião (20/05/02) contou com a presença de todas as professoras participantes. Logo no início da reunião, Luciana relatou o que seus alunos fizeram a partir da canção “A Natureza”, solicitada pela professora numa reunião anterior para trabalhar com a 4^a série.

A NATUREZA

A natureza canta a vida e o amor,
Na música que brota do brilho de uma flor.
Eu ouço muito atento os sons que estão no ar,
As aves tão alegres me ensinam a cantar.

CÔRO:

A natureza ensina que Deus é o Criador,
Que a vida vale a pena que ainda existe amor.
Eu amo a Natureza, com ela vivo bem,
Protejo sua vida e ela me sustém.

Da terra generosa nos vêm a água e o pão;
E o sol também aquece meu grato coração.
A natureza vive, a natureza sente,
A natureza ensina ser grande humildemente.

Luciana- Aí eles cantaram! ...e aí, como eu tenho um artista na sala, ele já inventou um outro ritmo para a música! Ele e mais 3 alunos!

Keila – E como é que ficou esse ritmo?

Luciana – Então é assim, ele canta a frase e os outros repetem o final, sabe? Então eu falei assim “ensaia direitinho, faz uma coreografia bem legal”....

A turma da 4^a série já havia criado um “rap” a partir de um texto sobre pontuação e demonstrou novamente que sabe improvisar e criar novos ritmos para as canções. Essa atitude dos alunos de Luciana mostra que, em pouco tempo, os alunos tiveram um grande desenvolvimento quanto à criação, improvisação, organização grupal, percepção auditiva e rítmica, em muito, se deve à atitude da professora ao deixar os alunos

criarem, improvisarem maneiras lúdicas de aprender os conteúdos normalmente desenvolvidos em sala de aula.

Em continuidade, conversamos sobre a semana transcorrida, dando oportunidade para que todas as professoras comentassem o que haviam desenvolvido com seus alunos, comentando as dificuldades e avanços.

Elsa – Na Quinta eu dei aquela musiquinha do peixinho, sabe?

Keila – Você fez o quê em cima dessa música?

Elsa – Ah, eu trabalhei tudo que dava para trabalhar!

Inês – Eu trabalhei, sabe aquela do chapéu? “O meu chapéu tem três pontas”...eu estava trabalhando as formas geométricas...

(...)

Márcia - eu trabalhei aquela musiquinha do cartaz que a gente desenhou (se referindo à canção “A voz dos animais”) ...só que eu trabalhei diferente, eu peguei uma folha de sulfite para cada aluno, aí eu pedi para eles levantarem na sala mesmo...eles levantaram, eu mudei né, ficou só três filas mais alongadas, aí eu falei “vocês vão andar no sentido de marcha em volta das carteiras”...então eles andavam no mesmo sentido, todos....aí eu parava a música, eles paravam onde eles estavam e começavam o desenho...

Inês – O meu foi na sala de aula também, o meu foi simplzinho também...eu trabalhei cantando fininho, depois as fileiras, depois junto, baixinho, sabe....gestos, tudo com gestos e depois sem cantar, só fazendo gestos! Aí eu trabalhei o chapéu né ...formas geométricas...aí fizeram....desenharam tudo com formas geométricas...

Elsa, Inês e Márcia fizeram comentários muito importantes no que diz respeito aos resultados da oficina musical. É possível observar que todas desenvolveram atividades musicais, porém, ao contrário do que ocorria no início da intervenção, agora as propostas de canções e formas como trabalhar essas canções partiram das próprias professoras. No início, podíamos observar que as atividades aplicadas com os alunos, na maioria das vezes, eram as vivenciadas pelas professoras em reuniões da oficina. No decorrer do processo, verificamos maior autonomia na escolha de canções (Elsa menciona ter trabalhado com a canção “do peixinho”, Inês com a canção “Meu chapéu tem três pontas”) e nas atividades propostas a partir dessas canções, como é o caso de Márcia, que criou uma nova maneira de realizar a atividade do desenho coletivo.

Márcia – Keila, lembra de uma música, um tipo de paródia que eu te falei? É do epitáfio...é aquela assim “devia ter amado mais, ter chorado mais, ter visto o sol nascer”...sabe qual é? ...o refrãozinho é assim “o acaso vai me proteger”....a paródia foi essa daqui, eles adoraram!...eu fiz assim “devia ter cuidado mais, ter mudado mais, ter visto o sol nascer...devia ter preservado mais e até observado mais a natureza nascer...devia ter respirado o ar puro presente na nação...cada um sabe o perigo e o desgosto que traz a poluição...a natureza vai crescer e o mundo inteiro agradecer...a natureza vai crescer e o mundo inteiro agradecer”....depois vem esse outro pedacinho eu achei legal “devia ter descuidado menos, desmatado menos, ver isto tudo nascer...devia ter atrapalhado menos com problemas pequenos, ter visto o verde nascer...queria ter respirado coisas puras para o meu pulmão...a cada um cabe a saúde e o ar limpo que vier...a natureza vai crescer”... Então eles estão começando ...e eles cantam dançando!

O relato da professora Márcia sobre uma paródia que sua turma está criando a partir de uma canção do grupo de rock, Titãs, é outro exemplo de desenvolvimento no sentido de escolher o que melhor se adapta à realidade dos alunos. A partir de uma canção da mídia, a professora adaptou uma nova versão valorizando a natureza, tema do projeto anual da escola. A atitude de Márcia também permite discutirmos sobre a valorização do repertório que a criança traz de casa. Apesar de introduzir novas canções, muitas pertencentes ao nosso folclore, Márcia não desprezou a canção “Epitáfio” do grupo de rock, Titãs; antes, de alguma forma, tirou o melhor proveito de sua melodia, criando uma nova letra. Assim, ela adaptou a canção para seu objetivo e assegurou o interesse das crianças na atividade proposta.

Dando continuidade à reunião, desenvolvemos uma atividade prática a partir da canção “Olê, olá” (Quadro 4.16), interpretada pelo grupo MPB-4, uma canção mais voltada para 3^a e 4^a séries, mas que as demais turmas também poderiam trabalhar de uma forma mais simplificada.

E seguida ao término da atividade, como de costume, conversamos sobre a atividade desenvolvida.

Keila –eu pensei uma coisa para a 4^a série, de repente para a 4^a série seria legal pedir uma pesquisa sobre o samba!

Luciana – Ela foi feita quando?

Keila – Ela foi feita pelo Chico Buarque em 1967...então é legal...

Luciana – Mandar fazer uma pesquisa sobre aquela época

(...)

Keila – ... eu queria ouvir de vocês que outras idéias vocês tiveram....

Inês – Bom, eu já pensei, eu não tenho muita idéia sobre dança, sobre coreografia mas essa música dá para trabalhar muito a questão da escrita....

Luciana – Eu pensei na pesquisa porque foi uma época em que a música brasileira teve o seu auge né...então eu pensei em fazer uma pesquisa sobre Chico Buarque, outros compositores que marcaram, algumas músicas que marcaram, que eles ainda vão ouvir quando crescerem, que são dessa época...

(...)

Elsa – Ver se eles tinham entendido a letra né...ela é difícil porque é longa mas aí...

Inês – Tem que trabalhar por parte né...

Elsa – É....ver a reação deles...

Márcia – Outro dia eu dei uma atividade para eles fazerem, de português e matemática, na lousa, eles que sugeriram “põe aquele disquinho que você trouxe outro dia”...aí eu peguei o CD e coloquei e deixei bem baixinho para eles irem fazendo a lição...aí quando chegou a do Periquito, começou a classe inteira a cantar! Eles cantaram a música inteirinha! “Essa música é dez!” ... aí eles ficaram quietinhos ouvindo a música e fazendo exercícios!

| ATIVIDADE | OBJETIVOS DA ATIVIDADE | LETRA DA CANÇÃO |
|---|---|--|
| <p>OLÊ-OLÁ – Inicialmente, ouvimos a canção e aprendemos a cantá-la. Na seqüência, fizemos uma atividade de expressão corporal na qual nos movimentamos livremente pela sala procurando seguir o ritmo da canção: nos momentos em que ela ficava mais rápida, nos movimentávamos mais rápido e assim por diante.</p> | <p>Vivenciando essa atividade, os participantes deveriam ser capazes de:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Expressar, com movimentos corporais, as diferenças de andamento da música (o rápido e o devagar, além de diferenciar também o forte e o fraco); - Controlar os movimentos nos espaço utilizado para a atividade de forma que o espaço do outro seja respeitado. | <p>“OLÊ, OLÁ”</p> <p>Não chore ainda não, que eu tenho um violão e nós vamos cantar. Felicidade é que pode passar e ouvir e ela for de samba, há de querer ficar.</p> <p>Seu padre toca o sino que é pra todo mundo saber, Que a noite é criança, que o samba é menino, Que a dor é tão velha que pode morrer, olê, olê, olê, olá</p> <p>Tem samba de sobra, quem sabe sambar, Que entre na roda, que mostre o gingado, Mas muito cuidado, não vale chorar.</p> <p>Não chore ainda não, que eu tenho uma razão pra você não chorar. Amiga, me perdoa, se eu insisto à toa, mas a vida é boa para quem cantar.</p> <p>Euplínio toca forte que é pra todo mundo acordar, Não fale da vida nem fale da morte, Tem dó da menina, não deixe chorar, Olê, olê, olê, olá, tem samba de sobra, Quem sabe sambar, que entre na roda, Que mostre o gingado, mas muito cuidado, não vale chorar.</p> <p>Não chore ainda não, que eu tenho a impressão que o samba vem aí. É um samba tão imenso, que eu às vezes penso que o próprio tempo vai parar pra ouvir.</p> <p>Luar, espere um pouco, que é pro meu samba poder chegar, Eu sei que o violão está fraco, está rouco, Mas a minha voz não cansou de chamar, olê, olê, olê, olá.</p> <p>Tem samba de sobra, ninguém quer sambar, Não há mais quem cante, nem há mais lugar, O sol chegou antes do samba chegar. Quem passa nem liga, já vai trabalhar. E você, minha amiga, já pode chorar.</p> |

Quadro 4.16 – Atividade desenvolvida com as professoras em 20/05/2002

Podemos observar maior segurança nas falas das professoras, com a ampliação do diálogo e com a exposição das idéias de forma mais clara. Luciana, por exemplo, sugere uma pesquisa com alunos de 4ª série sobre a música popular brasileira; Elsa menciona que, para seus alunos de 1ª série, o melhor seria deixá-los ouvir a música, cantá-la, sem a preocupação com pesquisa; Inês reforça a idéia de Elsa dizendo que mesmo que a música não seja explorada por completo para as crianças mais novas, há possibilidade de trabalhá-la por partes. Por fim, Márcia conta como a canção “Periquito Maracanã” foi bem recebida por seus alunos. Assim, observamos um desenvolvimento das professoras no que diz respeito à capacidade de opinar, sugerir novas propostas.

Iniciamos a 13ª reunião (27/05/02) ouvindo uma nova canção sobre a qual desenvolveríamos algumas atividades práticas: “A maré” (Quadro 4.17).

| ATIVIDADE | OBJETIVOS DA ATIVIDADE | LETRA DA CANÇÃO |
|---|---|---|
| <p>A MARÉ – Ouvimos e cantamos a canção prestando atenção na mudança de andamento entre uma parte e outra (algumas partes eram lentas e outras mais rápidas). Em seguida, realizamos uma atividade de expressão corporal na qual nos movimentamos livremente pelo espaço da sala de acordo com o andamento da música. Uma outra proposta sugerida às professoras foi a de deixar os alunos ouvirem a canção e irem criando desenhos a partir dela, imaginando uma gaiola sem poleiro, um relógio sem ponteiro... como seriam?.</p> | <p>Vivenciando essa atividade, os participantes deveriam ser capazes de:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Criar movimentos diferenciados de acordo com o andamento da música; - criar desenhos inspirados na letra da canção. | <p>“A MARÉ”</p> <p>A maré encheu, a maré vazou Os cabelos da morena o riacho carregou.</p> <p>Sete e sete são quatorze com mais sete vinte e um; Tenho sete namorados mas não gosto de nenhum.</p> <p>Em cima daquele morro tem um velho gaioleiro, Quando vê moça bonita, faz gaiola sem poleiro.</p> <p>Em cima daquele morro tem um velho relojoeiro, Quando vê moça bonita, faz relógio sem ponteiro.</p> |

Quadro 4.17 – Atividade (A) desenvolvida com as professoras em 27/05/2002

Após ouvirmos a canção, realizamos a atividade de expressão corporal, sendo que os movimentos foram sendo sugeridos pelas professoras:

Keila – Vocês acham mais legal então fazer uma coreografia? A Márcia deu uma idéia legal...

Márcia- Na última estrofe pára na fila, aí cada um sai do lugar....

Keila – Uma vai para um lado e a outra vai para o outro?

Márcia – Isso! Muda o sentido...

(...)

Keila – A Elsa disse que não está gostando dessa dança...vamos lá Elsa, dê uma sugestão! O que a gente poderia fazer nesse momento?

Inês – A gente pode trabalhar o relógio, pode trabalhar a hora...

Elsa – Às vezes as próprias crianças ...as próprias crianças falam “vamos fazer assim?”...eles mesmos falam...

Keila – Então vamos pensar que somos todos crianças...vamos fazer como?

Ana Maria – Pode um abaixar e outro levantar...

Keila – Também! Podemos fazer...

Márcia – É....

A atividade contou com uma grande participação das professoras. O resultado foi filmado e ficou bastante interessante. Foi possível verificar que a vivência das atividades musicais pelas professoras, nas reuniões, pareceram viabilizar um trabalho mais diversificado em sala de aula, no qual não apenas a letra da canção fosse explorada mas também a melodia, o ritmo, o movimento. Daí a importância da oficina: permitir ao professor vivenciar conteúdos específicos da área musical de uma forma lúdica, para transformar o cotidiano da sala de aula musicalmente, bem como pedagogicamente.

Dando seqüência à reunião, ouvimos e cantamos a canção “Passa, passa gavião”, a partir da qual realizamos uma nova atividade (Quadro 4.18).

| ATIVIDADE | OBJETIVOS DA ATIVIDADE | LETRA DA CANÇÃO |
|--|---|--|
| “PASSA, PASSA GAVIÃO” - Fizemos uma fila com as participantes, sendo que duas fizeram a “ponte” sob a qual as demais irão passar. Todos deveriam cantar a música e se movimentar acompanhando o pulso dela. Quando “a ponte” prendesse algum participante, esse deveria imitar a profissão que estava sendo cantada. | Vivenciando essa atividade, as participantes deveriam ser capazes de: - Cantar a canção enquanto se movimentavam; - Movimentar-se ordenadamente no grupo (em fila) de acordo com o pulso da canção; - Imitar a profissão que estivesse sendo cantada no momento em que fosse “presa” pela “ponte”. | “PASSA, PASSA, GAVIÃO” Passa, passa, gavião Todo mundo passa (bis) As lavadeiras fazem assim (bis) Assim, assim (bis) Os sapateiro fazem assim... As cozinheiras fazem assim... Assim, assado Carne seca com ensopado. |

Quadro 4.18 – Atividade (B) desenvolvida com as professoras em 27/05/2002

Ao ouvirem a canção, bastante conhecida, antes mesmo de realizarmos a atividade proposta, as professoras foram dando sugestões de como integrá-la aos conteúdos trabalhados em sala de aula.

Inês – Eu posso tentar mudar a letrinha... “as crianças fazem assim”.... “os bebês fazem assim”....

Márcia –... “os cachorrinhos fazem assim”.... “as galinhas fazem assim”...

(...)

Inês – Uma outra coisa, porque no caso eu estou trabalhando “a criança”...a gente pode encaixar alguma relacionada ao que eu estou trabalhando...então “o papai faz assim”...imitar a profissão do pai...



Figura 4.1 – Professoras realizando a atividade prática com a canção “Passa, passa gavião”

Observamos que a iniciativa das professoras teve um grande desenvolvimento no decorrer da oficina musical. Anteriormente, inúmeras vezes era necessário não apenas iniciar o diálogo como também “provocar” a participação das professoras. O diálogo acima mostra o quanto isso mudou. Inês e Márcia deram novas sugestões para trabalhar a canção em sala de aula, voltadas aos seus objetivos. Assim, para Inês era importante destacar as profissões dos pais de seus alunos, e para Márcia o interesse era a imitação das fases da vida (bebês, crianças) e de animais. Em suma, as professoras parecem haver aprendido a adaptar os procedimentos para seus objetivos específicos.

Além das atividades práticas, dedicamos alguns minutos para discutirmos um pequeno texto que abordava sobre a importância da canção folclórica na vida da criança.

Inês – Gente, é uma delícia! Delícia a gente ver a criançaeu vejo a minha, que tem 6, ela adora música! Olha, é demais!

(...)

Inês – Keila, eu coloco musiquinha...se é uma musiquinha que eles já conhecem, eles já começam a cantar também...esse negócio de ficar paradinho, eles não querem saber....

O relato de Inês mostra que cantar, movimentar-se ao som de canções faz parte do cotidiano da criança. Quando Inês conta que, ao ouvirem uma música, seus alunos já começam a cantar e não querem ficar parados, na verdade está refletindo sobre a ação dos alunos e sobre sua própria ação enquanto educadora. A sua percepção dos fatos demonstra que os momentos de discussão estimularam o processo de reflexão sobre a prática pedagógica e isso fica claro não apenas nesse depoimento, como em muitos outros, inclusive das demais participantes.



Figura 4.2 – Professoras em momentos de leitura e discussão

Iniciamos a 14^o reunião (03/06/02) combinando uma nova filmagem com as crianças e comentando sobre a semana transcorrida.

Elsa – Aquela “passa, passa gavião”...ah, eles adoraram!

Inês- Os meus estão fazendo também...a gente ainda está trabalhando nas estrofes...o menino trouxe berrante!...as meninas querem trazer boneca para fazer a hora da babá e elas querem trazer também panelinhas, essas coisas...

Márcia – Legal essa idéia dela!

Inês – Mas foi ótimo! Eu dei um toque e de repente eles “ah, tia eu tenho berrante, eu posso trazer o berrante”... e o outro, o pai é mecânico, ele foi para baixo da carteira para fazer de conta que estava mexendo no carro...foram surgindo as idéias...

Keila – Eles que foram criando?

Inês – Eles que foram...eu peguei as profissões dos pais dos meninos e das mães das meninas, aí fizemos, cantamos na classe...aí caiu para o menino ser babá, aí eu falei “e daí?”...falei para eles “as profissões podem ser tanto para homem quanto para mulher...aqui, no Brasil, a gente pode até não ter mas em outros países sim”....

O diálogo permite verificarmos que a canção “Passa, passa gavião” foi bem recebida entre professoras e alunos, o que demonstra que canções simples de nosso folclore permitem inúmeras possibilidades de procedimentos em sala de aula. Também é possível

observar que as próprias crianças começaram a sugerir adaptações e variações para as atividades musicais propostas, o que contribuiu para que o desenvolvimento da relação professor-aluno: discutindo possíveis variações para a atividade, a professora pôde dar voz aos alunos, estimulando a participação oral e valorizando suas participações.

Após esse diálogo, as professoras sugeriram que trabalhássemos, na próxima reunião, a canção “Escravos de Jó”. Aproveitando a iniciativa das professoras, como nossas reuniões estavam prestes a terminar (faltava apenas a 15^o), sugeri que, além da canção “Escravos de Jó”, elas trouxessem outras sugestões de canções para dividir conosco. A intenção era que as professoras tomassem iniciativa na procura de novas canções que poderiam ser trabalhadas com os alunos em sala de aula. Durante as reuniões da oficina, indicamos várias possibilidades e agora procurávamos dar oportunidade para que trouxessem outras idéias.

Na seqüência fizemos uma atividade de improvisação e movimentos a partir da canção “Sai, sai, piaba” (Quadro 4.19).

| ATIVIDADE | OBJETIVOS DA ATIVIDADE | LETRA DA CANÇÃO |
|---|--|---|
| <p>“SAI, SAI PIABA” – ouvimos a música, aprendemos a cantá-la e improvisamos uma pequena dança a partir do que sugere a letra dela. Foi sugerido que em sala de aula as professoras explorassem as regiões do Brasil, contando que essa canção é um samba de roda do Recôncavo Baiano, etc, incentivando também as crianças na improvisação de um arranjo para a música com pequenos objetos da sala de aula ou objetos sonoros trazidos de casa.</p> | <p>Vivenciando essa atividade as participantes deveriam ser capazes de:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Cantar a canção; - Improvisar, em grupo, uma pequena dança. | <p>“SAI, SAI, PIABA” Sai, sai, sai, ô piaba Saia da lagoa (bis)</p> <p>Bota a mão na cabeça Outra na cintura, Dá um remelexo no corpo Uma umbigada na outra</p> |

Quadro 4.19 – Atividade desenvolvida com as professoras em 03/06/2002

Após ouvirmos e cantarmos a canção, improvisamos uma pequena dança a partir dela, seguindo sugestões das professoras.

Keila - Como nós vamos fazer?

Márcia – Eles podem estar andando como peixinhos ou paradinhos na carteira....

Elsa – Eles podem estar abaixando e subindo como peixinhos...

(...)

Ana Maria – Na hora de sair você pode colocar números pares, por côr, né...

Inês – Meninos e meninas...

Ana Maria – Isso!

Inês – Olha, e a gente pode ir lá na sala, gravar a musiquinha com eles, até gravar eles cantando e usar a voz....

A dança improvisada pelas professoras ficou muito interessante e contou com a participação de todas, tanto nas idéias e sugestões quanto nos movimentos. Ao que parece, o desenvolvimento da integração do grupo participante no decorrer da oficina foi um fator que contribuiu para que, ao seu término, o grupo tivesse um entrosamento muito grande. No início, embora o grupo interagisse, os diálogos ocorriam mais entre algumas das participantes enquanto outras permaneciam em silêncio. No final, tínhamos um grupo bem mais participativo, sendo que todas as professoras, com exceção de Cristiane que deixou a oficina antes de seu encerramento, passaram a trocar mais experiências entre si e dar sugestões de adaptações e variações às atividades propostas.

Aproximando-nos do final da coleta de dados, dedicamos alguns minutos da reunião para explorar as canções do CD adquirido pela escola, no qual também estavam inclusas as canções “A maré”, “Passa, passa gavião” e “Sai, sai piaba” trabalhadas em reuniões anteriores. Ouvimos as canções: “Cajueiro pequenino”, “Meu limão, meu limoeiro”, “Canção de despedida” e “Escravos de Jó”. Foi uma atividade importante no sentido de tornar o material conhecido pelas professoras. Esse CD havia sido adquirido recentemente pela escola, por nossa sugestão. No entanto, observamos, durante a intervenção, que a escola possui material sonoro disponível²⁸ para uso das professoras em sala de aula, porém muitas demonstraram não conhecer esse material em nossos encontros, mesmo porque, com exceção de Elsa e Inês, estavam iniciando na escola naquele semestre. Assim, no decorrer da oficina, a diretora da escola, Rose, apresentou às professoras boa parte do material disponível, o que elas passaram a utilizar mais freqüentemente.

Na semana que antecedeu a última reunião, realizamos mais uma filmagem com as crianças, em 06/06/02. As atividades filmadas foram desenvolvidas e coordenadas pelas professoras, sendo o meu papel auxiliar com o teclado e a filmagem. Os alunos da professora Elsa foram os primeiros a ser filmados e realizaram uma atividade de expressão corporal com a canção “Passa, passa gavião”, assim como nós havíamos vivenciado com as

professoras. As meninas participaram separadamente dos meninos, e iniciaram a atividade. As profissões imitadas foram: lavadeira, sapateiros, faxineiras e varredoras, escolhidas com base nas profissões dos pais de alguns alunos. Em seguida aos alunos de Elsa, foram filmados os alunos da professora Ana Maria, que também realizaram uma atividade de expressão corporal com a canção “Passa, passa gavião”. Várias profissões foram imitadas durante a atividade, assim como com os alunos de Elsa. Logo após, vieram os alunos de Márcia. Eles apresentaram a paródia que haviam criado a partir da melodia da canção “Epitáfio” do grupo Titãs. Todos os alunos participaram e o resultado ficou muito interessante. A própria professora ficou surpresa com a apresentação dos alunos, afirmando que não esperava que ficasse tão bonita. A diretora, Rose, estava presente durante a apresentação e solicitou que os alunos apresentassem a canção na programação que a escola faria mais ao final do ano. Em seguida à filmagem com os alunos de Márcia, vieram os alunos de Inês, que também realizaram uma atividade de expressão corporal com a canção “Passa, passa gavião”, porém inovaram trazendo objetos que representassem as profissões destacadas na música. Além de imitar as profissões, as crianças o faziam com objetos característicos dessas profissões. Por exemplo, a criança que imitava o mecânico deitava-se no chão, sob a mesa na qual se encontravam os objetos utilizados na atividade, com uma chave de fenda; a babá ninava uma boneca, a cozinheira mexia as panelas, etc. Por último, tivemos a participação dos alunos de Luciana que, a partir da letra canção “A natureza”, criaram um novo ritmo e melodia para ela.

Nessa nova filmagem realizada com os alunos, foi possível observar sua maior participação e organização. A dispersão deu lugar à atenção, e as atividades foram executadas com maior sincronia. A alegria dos alunos em realizar as atividades era notória e também as professoras demonstraram mais segurança em levá-los para o pátio da escola, bem como em realizar as atividades com eles. Assim, foi possível verificar que o cotidiano daquela escola foi modificado: as professoras passando a valorizar mais as necessidades dos alunos e direcionando as atividades para seus objetivos; os alunos passando a apresentar mais organização grupal, mais participação em geral, mais respeito aos colegas e professoras.

²⁸ Foi possível verificar uma quantidade considerável de CD's com canções folclóricas, inclusive algumas



Figura 4.3 – Alunos da 1ª série (Elsa) realizando atividade com a canção “Passa, passa gavião”



Figura 4.4 – Alunos da 4ª série (Luciana) apresentando uma nova melodia para a canção “A Natureza”



Figura 4.5 – Alunos da 2ª série (Márcia) apresentando uma nova letra para a canção “Epitáfio”, incentivando a valorização do meio ambiente

A 15º reunião (10/06/02) estava programada para ainda desenvolvermos mais algumas atividades e reflexões. No entanto, Luciana e Márcia não puderam estar presentes, e as demais professoras sugeriram que fizessemos a entrevista com elas naquele horário, pois na próxima semana Inês não poderia estar presente. Antes, porém, como havíamos combinado, ouvimos a canção “Escravos de Jó” e outras canções propostas para a semana. Realizamos uma pequena atividade prática com a canção “Escravos de Jó” (Quadro 4.20).

Mesmo não tendo como realizar todas as atividades propostas para aquela semana, a brincadeira com a canção “Escravos de Jó” teve um ótimo resultado: as professoras presentes demonstraram mais autonomia para sugerir variações, como, por exemplo, a sugestão da professora Ana Maria para que a atividade fosse realizada com movimentos corporais. Ela foi realizada no início da reunião, com o restante do tempo dedicado à entrevista com as professoras Elsa, Inês e Ana Maria, sendo que as demais professoras, Luciana e Márcia, bem como a diretora, Rose, dariam entrevista na semana seguinte (17/06/2002). As entrevistas tiveram um roteiro (em anexo) de questões, elaboradas com o objetivo de avaliar as experiências vivenciadas na oficina musical, bem como o impacto dessas experiências no cotidiano escolar sob o ponto de vista das professoras.

| ATIVIDADE | OBJETIVOS DA ATIVIDADE | LETRA DA CANÇÃO |
|---|--|---|
| <p>“ESCRAVOS DE JÓ” E “CANÇÃO DE GHANA” – Ouvimos a canção “Escravos de Jó” e em seguida a “Canção de Ghana”, cuja melodia é muito parecida. Com sobras de giz, fizemos uma brincadeira na qual passávamos o giz para a colega ao lado nos tempos fortes da canção “Escravos de Jó”. Fizemos várias vezes esse exercício e posteriormente Ana Maria sugeriu que fizéssemos os movimentos utilizando o próprio corpo, além do giz. Formamos um círculo e nos tempos fortes da canção nos deslocávamos para a direita. Quando cantávamos a frase “tira, põe, deixa ficar” dávamos um passo para trás e outro para frente e na frase “guerreiros com guerreiros fazem zigue-zigue-zá” fazíamos movimentos com os pés no próprio lugar.</p> | <p>Vivenciando essa atividade, as participantes deveriam ser capazes de:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Diferenciar o tempo forte (acento) nas palavras da canção passando ao colega da direita os pedaços de giz no momento certo. Por exemplo: Escravos de <u>Jó</u> jogavam caxangá; - Movimentar-se de acordo com o tempo forte das palavras, obedecendo à coreografia improvisada pelo grupo. | <p>ESCRAVOS DE JÓ</p> <p>Escravos de Jó Jogavam caxangá Tira, põe, deixa ficar Guerreiro com guerreiros Fazem zigue, zigue, zá Guerreiros com guerreiros Fazem zigue, zigue, zá.</p> |

Quadro 4.20 – Atividade desenvolvida com as professoras em 10/06/2002

4.1 AS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS PELAS PROFESSORAS NA OFICINA MUSICAL: EXPECTATIVAS E IMPRESSÕES

No período em que a oficina musical foi desenvolvida, nos deparamos com dados importantes para a análise da questão de pesquisa deste trabalho, bem como tivemos oportunidade de estabelecer uma relação de reciprocidade e respeito com professoras e alunos da EMEB “Antonio S. Moruzzi”. Desde o início, tivemos um apoio muito grande por parte da direção escolar, e também as professoras demonstraram interesse em participar da oficina. Tivemos dificuldades, sim, mas muito maior que as dificuldades foram os avanços alcançados em termos de possibilitar tanto às professoras quanto aos alunos um contato maior com a música enquanto propiciadora do lúdico no processo de construção do

conhecimento, bem como a reflexão sobre a prática pedagógica, transformação desta e do espaço escolar.

Partindo de estudos relacionados à música e à formação de professores, analisaremos, a seguir, as experiências vivenciadas pelas professoras durante a oficina musical destacando suas expectativas iniciais e as impressões finais. Os depoimentos das professoras, observações do cotidiano escolar ocorridas durante as reuniões e acompanhamento de atividades musicais realizadas em sala de aula pelas professoras nos possibilitam enriquecer nossa análise.

4.1.1 TROCANDO EXPERIÊNCIAS E ENRIQUECENDO O DIÁLOGO

Segundo Nóvoa (1992), a formação não se constrói por acumulação de cursos, conhecimentos ou técnicas mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de construção permanente de uma identidade pessoal, fazendo-se necessário dar voz ao saber da experiência:

“A troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formado (...) o diálogo entre os professores é fundamental para consolidar saberes emergentes da prática profissional”(Nóvoa, 1992:26).

Nóvoa (1992) também menciona que, por vezes, a organização das escolas parece desencorajar um conhecimento profissional partilhado dos professores, apesar deste ser o único processo que pode conduzir a uma produção, pelos próprios professores, de saberes reflexivos e pertinentes.

Relacionando tais pressupostos às experiências vividas na EMEB “Antonio Stella Moruzzi”, foi possível verificar, a partir dos relatos das professoras e observação do espaço escolar, que nessa instituição as professoras possuíam incentivo para partilhar seus conhecimentos entre si. A diretora, Rose, em todo o tempo de desenvolvimento da oficina, mostrou-se favorável a que as professoras participassem do programa incentivando, inclusive, as recém-contratadas pela escola a participarem também, o que nos remete à questão da relação de reciprocidade entre professor e escola. Como afirma Nóvoa (1992),

as escolas não podem mudar sem o empenho dos professores, e estes não podem mudar sem uma transformação das instituições em que trabalham. Também nesse sentido, Schön (1992) alerta que o professor tem que se tornar um “navegador” atento à burocracia, e os responsáveis escolares que queiram encorajar os professores a tornarem-se profissionais reflexivos devem criar espaços de liberdade onde a reflexão-na-ação seja possível (Schön, 1992:87). De fato, foi possível observar essa troca de experiências entre os profissionais envolvidos, o que estimulou a participação das professoras nos diversos momentos da oficina: nas atividades práticas, nas leituras, discussões e reflexões sobre a prática pedagógica e a transformação do espaço escolar. Já na primeira etapa da oficina, contamos com um considerável número de professoras participando conosco. Praticamente todo o corpo docente esteve presente às reuniões e, apesar das faltas de algumas professoras, a maioria freqüentou todos os encontros, realizando as atividades práticas, dialogando sobre as dificuldades do cotidiano escolar, discutindo formas de superação, trocando experiências.

Na segunda etapa da oficina, foi possível verificar que, conforme o número de participantes aumentava, também o grupo se desenvolvia em termos de integração e organização de tal forma que as novas participantes visivelmente se sentiam mais à vontade para expor idéias, sugestões, dificuldades, experiências de ensino vivenciadas com os alunos. As professoras contratadas pela escola, Cristiane, Márcia, Luciana e Ana Maria, tiveram, nas reuniões, oportunidade de conhecer melhor umas às outras bem como as professoras que já atuavam na escola: Elsa e Inês. As reuniões representaram momentos importantes no sentido de permitir que as professoras falassem sobre suas dificuldades e ansiedades no dia-a-dia da sala de aula, dividissem e formassem novas idéias e opiniões, se conhecessem melhor enquanto desenvolviam habilidades na área musical. Conquanto tivessem o horário de HTP, no qual se encontravam e dialogavam sobre o cotidiano escolar, observávamos que durante as reuniões, o diálogo ocorria mais livremente devido ao caráter informal delas:

Márcia – Eu estava pensando em pedir música no recreio...ou então ter alguém que possa ter alguma atividade com eles no recreio... de ciranda.... alguma coisa...

Cristiane – Deixa eu contar uma coisa.... eu fiz estágio no Sebastião de Oliveira Rocha e as crianças podiam levar brinquedos....eles iam, comiam a merenda, depois cada um formava grupinhos e na hora de brincar, de boneca ou carrinho, eles não vão poder gritar um com o outro....eles estarem envolvidos com alguma coisa...

(...)

Luciana – Eu acho...eu acho que seria importante a gente fazer algum tipo de trabalho...independente de ter o brinquedo, porque o brinquedo nós não temos....trabalhar com alguma outra....

Inês – Pegar um livrinho para eles lerem, sei lá...

Cristiane -... Sair, primeiro para o intervalo, a 1ª série...

Elsa – O certo era separar mesmo...1ª e 2ª, depois 3ª e 4ª...

(...)

Luciana – Se não for um trabalho feito em conjunto, com todas as classes, não adianta porque eu cheguei a conversar com eles várias vezes “olha, não grita” ...

Inês – Acaba com a garganta e os ouvidos....

Dialogar sobre o dia-a-dia da sala de aula, refletir sobre a prática pedagógica, em grupo, estimulou a comunicação entre as professoras, o que também possibilitou um retorno importante das atividades aplicadas com os alunos: estando o grupo integrado, não havia receio em relatar as dificuldades e facilidades no desenvolvimento de atividades musicais com as crianças, permitindo verificarmos que a oficina possibilitou ao grupo um desenvolvimento no sentido de interação entre as professoras de tal forma que trocar experiências, discutir o cotidiano escolar, realizar leituras e levantar questões a partir dessas leituras refletindo sobre a prática pedagógica tornou-se fundamental para o grupo.

4.1.2 SUPERANDO DIFICULDADES DO COTIDIANO ESCOLAR POR MEIO DA APLICAÇÃO DE ATIVIDADES MUSICAIS

No início da segunda etapa da oficina, as professoras participantes responderam a um questionário, cujo objetivo era conhecer mais sobre suas expectativas em relação à oficina, as impressões sobre a primeira etapa dela, ocorrida no semestre anterior, o perfil geral de seus alunos e as principais dificuldades enfrentadas na sala de aula, bem como experiências musicais anteriores à oficina.

Quanto aos alunos (Quadro 4.21), no geral as professoras destacaram características positivas: os alunos de Elsa, Inês e Cristiane foram caracterizados como possuidores de boa interação entre si e com a professora; os de Luciana já se encontravam alfabetizados e não possuíam problemas aparentes de fala ou audição. Apenas Márcia, diferenciando-se das demais, aponta mais claramente as dificuldades enfrentadas com sua classe, das quais a principal é a falta de homogeneidade entre os alunos quanto à aprendizagem. As dificuldades apontadas pelas demais professoras foram: distração no

desenvolvimento das atividades em sala de aula, alunos que já se encontram na 2ª série e ainda não estão alfabetizados; alunos que, apesar de estarem alfabetizados, não conseguem acompanhar com clareza os conteúdos trabalhados; dificuldades de leitura e escrita; problemas no âmbito familiar (violência, alcoolismo, drogas).

Além de mencionarem essas dificuldades por meio do questionário, também durante as reuniões, principalmente no início da segunda etapa da oficina, essas dificuldades eram verbalizadas:

Elsa – Não...assim...eu estava pensando....1ª série é um pouco diferente, né? Eles vêm do pré e no pré eles ficam mais soltos. Então até você conseguir fazer com que eles prestem atenção....

(...)

Márcia – Sabe o que eu acho? A dificuldade do professor hoje é lidar com o excesso de energia própria dessa idade....porque eles têm uma energia, uma vontade de falar o tempo todo....parecem pipoquinhas dentro da panela, não conseguem sentar, mas nem se....não sei se as outras séries, mas a 2ª série é demais, demais! Eu peguei uma classe complicada nesse sentido....

Elsa e Márcia confirmaram a dificuldade apontada no questionário: a falta de atenção e concentração dos alunos para desenvolver atividades em sala de aula. No entanto, conforme a oficina foi sendo desenvolvida, verificamos, por meio de seus relatos e do acompanhamento das atividades musicais aplicadas por elas em sala de aula, que essas atividades contribuíram não apenas para que a atenção e concentração das crianças fosse desenvolvida, como também para a própria valorização da auto-estima de alunos e professoras, as quais mencionaram estar mais satisfeitas com o desempenho deles.

Márcia – Essa semana foi dez! Hoje ...

Keila – Você achou que estava melhor?

Márcia – Nossa....Não sei se foi pela reunião que eu tive com os pais na sexta, porque eu falei para os pais...eles estava mansinhos, eu estou com a garganta lisa hoje...

Keila – Que bom....e você, Cristiane?

Cristiane –...teve um dia que eles voltaram do intervalo, eu tinha que dar a cópia de um texto para eles...mas eu acho que eles ficam um pouco dispersos, então eu conversei com eles que eu gostaria que eles fizessem uma cópia diferente...não só copiar... eu corri, peguei o rádio, coloquei só o som, bem baixinho, falei “agora, é hora de prestar atenção na cópia da lousa, mas esse som vai estar dentro da cabecinha de vocês, para relaxar”.... eu achei que eles mudaram totalmente...eu li todo o texto, eles leram,, nem eu acreditei, eles fizeram a cópia super diferentes, tranquilos....e eles estão pedindo...então eu percebi que a letra melhorou, o capricho do caderno, até aqueles que na hora de virar a folha formam aquelas orelhas... E eles leram o texto depois de uma forma diferente, sabe Keila ? Relaxados, quase não gaguejaram...até eu fui embora super tranqüila...

Elsa – O que está ajudando, para todo mundo, é conseguir chamar atenção deles, é isso que está ajudando...Todo dia eu estou trabalhando...outro dia eu trabalhei essa daí (se referindo à canção Periquito Maracanã), depois eu dei a música do cravo para eles, para ver o que dava, eles amaram...quer dizer, então cada dia tem que dar uma diferente...

| Professoras que responderam à questão | Características dos alunos mencionadas pelas professoras |
|--|--|
| Elsa – 1ª série | Notei uma boa interação entre eles e deles para comigo também. Estamos todos em fase de adaptação e nos conhecendo. |
| Inês – 2ª série | Como dificuldades mencionaria a distração nas atividades, alunos que não lêem ainda, apresentando bastante dificuldade na leitura e escrita (em torno de 5 a 6 alunos). Apesar disso, a integração entre o grupo é boa, com exceção de um aluno ou outro que são mais agitados e apresentam dificuldade de trabalhar no grupo |
| Márcia – 2ª série | Minha sala não é homogênea, sendo difícil estar inserindo na maioria uma minoria que não consegue acompanhar, pois não estão no mesmo nível cultural que os outros; ao mesmo tempo existem alunos com problemas de verbalização, de pronúncia (língua presa) e outros. Também o excesso de energia próprio da idade dificulta a concentração direcionada e necessária para determinada atividade |
| Cristiane – 3ª série | Meus alunos em geral possuem boa interação entre si e todos gostam de cantar. A principal dificuldade está na leitura e na escrita: vários alunos sabem se expressar na escrita mas possuem erros ortográficos que precisam ser superados, alguns precisam melhorar na leitura, porque sem uma boa interpretação não conseguirão escrever o que foi proposto |
| Luciana – 4ª série | Minha classe não tem problemas sérios. Todos os alunos estão alfabetizados, não há problemas de fala ou audição (aparentemente). Os problemas aparecem no campo familiar, onde existe violência, alcoolismo, drogas e às vezes negligência. Tudo isso os torna completamente carentes de atenção, de zelo. |

Quadro 4.21 – Características dos alunos mencionadas pelas professoras participantes da oficina

Os relatos das professoras deixaram claro que, se ainda havia um longo trajeto a ser percorrido, se o processo estava apenas começando, a música estava conseguindo atingir as expectativas iniciais das professoras, verdadeiramente contribuindo para uma melhora na capacidade de atenção e concentração das crianças, o que deixava de ser uma imposição para se tornar algo agradável, natural, ao aprenderem e brincarem com a música, além de contribuir em outras instâncias, tais como na leitura, fala e escrita. As atividades aplicadas junto aos alunos contribuíram para que algumas dificuldades apontadas

pelas professoras fossem amenizadas, o que permite afirmarmos que a oficina teve um impacto importante na escola como um todo, no sentido de possibilitar às professoras e alunos um maior contato com a linguagem musical, bem como outros desenvolvimentos referentes à leitura, escrita, interação e organização grupal, respeito mútuo, valorização do outro.

Verificamos que a presença mais constante da música no espaço escolar revelou-se algo agradável para todos os envolvidos: professoras, alunos e demais funcionários. Além do que observamos durante o desenvolvimento da oficina, também é possível mencionar alguns autores que defendem o ensino musical nas escolas com o objetivo de proporcionar desenvolvimento de habilidades não só musicais como também outras tão importantes para a formação das crianças, tais como sensibilidade estética, expressão artística, desenvolvimento cognitivo mais apurado, além de reforçar a aprendizagem dos conteúdos já trabalhados em sala de aula: Snyders (1993), Gainza (1964), Costa (1998), Rosa (1990), Jeandot (1993), Fonterrada (1998), Koellreuter (1998) e Lima (1998).

Segundo Snyders (1993), a alegria é não só um elemento desejável na escola como também possível. A escola, segundo o autor, já contém elementos válidos de alegria. Ela não é oposta à alegria mas não toma a alegria como objetivo primordial: “a escola de hoje, onde não há mais palmatória, onde quase não há castigo, não tem uma imagem melhor, em relação à alegria, que a mais rude escola do passado” (Snyders, 1993:14). O autor atenta para o fato de que o futuro e a alegria no presente, duas funções que deveriam ser complementares, hoje se encontram fora de tensão, ou seja, a preparação para o futuro profissional suplanta a alegria do presente. No entanto, é preciso que a escola tenha a tarefa não só de preparação para o futuro, para a vida adulta, mas de vivificar o presente desses jovens, ou seja,

“Propiciar uma alegria que seja vivida no presente é a dimensão essencial da pedagogia, e é preciso que os esforços dos alunos sejam estimulados, compensados, recompensados por uma alegria que possa ser vivida no momento presente”. (Snyders, 1992:14)

Cabe à escola encontrar o ponto de equilíbrio entre a preparação futura e a alegria presente, pois, para crescer harmoniosamente, o aluno precisa munir-se de alegria

no presente; caso contrário, “se ele não ama seu presente, se não tem confiança em si mesmo no presente, seu desejo de crescer ameaça transformar-se em fuga para o futuro” (Snyders, 1993:30). Ao defender a alegria na escola como necessária e indispensável a uma formação mais coerente para a criança, Snyders (1992) coloca a música como um elemento capaz de proporcionar essa alegria tão buscada.

A música, segundo o autor, é feita para ser bela e proporcionar experiências de beleza. A beleza, por sua vez, existe para dar alegria, a alegria estética, que é uma alegria específica, diferente dos prazeres de que habitualmente desfrutamos e constitui um dos aspectos da alegria cultural. Por alegria cultural o autor entende o passatempo que se liga a um projeto de modificação e de enriquecimento da existência como um todo. É essa cultura que contribui para que tenhamos confiança em nossas próprias forças e “impede-nos de fugir e desistir”. Novamente o autor se remete à função da escola, afirmando que

“A função mais evidente da escola é preparar os jovens para o futuro, para a vida adulta, para a vida profissional e para a cidadania; (...) Existe o risco, entretanto, de que a escola pareça aos alunos como uma espécie de remédio amargo que eles devem engolir para assegurarem, no futuro, num futuro bastante indeterminado, uma felicidade que lhes parece bastante incerta”. (Snyders, 1992:13)

A escola deve deixar de ser um espaço no qual as alegrias ficam do lado de fora, e é nesse sentido que o autor propõe o ensino de música na escola. O ensino da música, segundo ele, destina-se a fazer com que os alunos encontrem mais alegria na própria música e na escola. É preciso que a escola transmita aos jovens, durante todo o tempo que lhe for possível, o sentido da cultura no seu conjunto, o sentido da unidade da cultura.

Também abordando a importância da música na escola, Gainza (1964) afirma que esta, como meio de comunicação, possui infinitas possibilidades e que, durante sua formação, a criança deveria ter oportunidade de vivenciar diferentes gêneros musicais. As séries iniciais, segundo ela, abrangem a época na qual a criança absorve a maior parte do conhecimento e realiza as experiências básicas:

O ensino musical adquire na escola primária seu mais alto sentido educativo. A música contribui ali, conjuntamente com

as demais matérias – gerais e artísticas – a modelar o espírito e a terna personalidade infantil. (...) As crianças que aprendem a viver de maneira profunda suas experiências musicais na escola não demoram em incorporar a música às suas vidas: assim começam a praticar atividades musicais coletivas e individuais no seio da família e no seu núcleo social (Gainza, 1964: 235).

A autora ainda afirma que só tem direito a chamar-se educação musical um ensino que seja capaz de contemplar as necessidades inerentes ao desenvolvimento da personalidade infantil e que se proponha a cultivar o corpo, a mente e o espírito da criança através da música: “viver a música, fazer música, compreendê-la, são os objetivos fundamentais da aprendizagem musical” (Gainza, 1964:13).

Também nesse sentido, Costa (1998) defende que o objetivo maior da educação musical deve ser o de sensibilizar o estudante para o mundo que o rodeia, dando meios a ele de crescer, criar, perceber e desabrochar todas as suas potencialidades. A música, segundo a autora, é capaz de tornar a pessoa mais participativa, autêntica e livre. Quando há uma aprendizagem significativa, o aluno sente-se motivado a buscar mais experiências e informações, a adquirir novos conhecimentos, habilidades e mudar comportamentos.

Rosa (1990), em defesa da educação musical na escola, afirma que há a necessidade de desenvolver nas crianças pequenas o senso de ritmo, uma vez que o mundo que nos rodeia está repleto dos mais diversos ritmos: no relógio, no andar das pessoas, no vôo dos pássaros, nos pingos da chuva, na batida do coração, num motor, no piscar dos olhos, em muitas brincadeiras e em quase todos os tipos de trabalho manual. Sendo o conhecimento construído a partir da interação da criança com o meio ambiente – e o ritmo é parte primordial do mundo que a cerca – cabe ao educador aproximar a criança do universo musical. Além do mais, segundo a autora, a compreensão de nossa língua, de nossos costumes, de nossa história pode ser auxiliada por “uma educação musical adequada e bem trabalhada” (Rosa, 1990:22). Essa educação facilita a formação do sentimento de cidadania, o enriquecimento de nossa cultura popular e a compreensão, por parte dos alunos, da importância de sua participação e do seu papel na sociedade. Assim, a linguagem musical deve ser trabalhada durante as quatro séries iniciais do ensino fundamental, de forma a permitir uma exploração de todas as possibilidades expressivas e criativas da criança.

Entretanto, a literatura indica que ainda há muito por fazer em termos de tornar a música mais presente no cotidiano escolar, o que termina estimulando a criança a apreciar apenas o que a mídia oferece, impedindo-a de experimentar novas possibilidades musicais, de ampliar seu universo cultural e desenvolver a autonomia para ouvir criticamente. Segundo Jeandot (1993), o que mais preocupa, em se tratando de educação musical, é a formação de ouvintes sensíveis ao rico patrimônio musical da humanidade. É bem verdade que em casa a criança ouve rádio, televisão e discos, mas é necessário atingir profundamente o aluno despertando-lhe a escuta sensível e ativa. A escuta ativa, à qual a autora se refere, é diferente do ato de ouvir, uma vez que para ouvir basta estarmos expostos ao mundo sonoro e possuímos o aparelho auditivo em funcionamento. Na verdade, segundo a autora, nunca cessamos de ouvir, de receber as impressões dos ruídos, dos sons. O que diferencia esse ato de ouvir, da escuta sensível e ativa, é que a escuta envolve interesse, motivação, atenção. É, portanto, uma atitude mais ativa que o ouvir, pois selecionamos no mundo sonoro aquilo que nos interessa, além de permitir a tomada de consciência daquilo que se captou através dos ouvidos (Jeandot, 1993: 22).

Porém, como afirma Fonterrada (1998), são hoje bem poucas as escolas brasileiras em que existe uma prática musical constante e efetiva, o que necessita ser revertido. Para tanto, a sugestão da autora é que seja estimulada na criança o aumento da capacidade perceptiva, o desembotar das emoções, que seriam, por sua vez, norteadores do trabalho educativo. Também nesse sentido, Koellreuter (1998) afirma que a educação musical a ser difundida em sala de aula deveria ser:

“Aquele tipo de educação musical não orientado para a profissionalização de musicistas, mas aceitando a educação musical como meio que tem a função de desenvolver a personalidade do jovem como um todo, de despertar e desenvolver faculdades indispensáveis ao profissional de qualquer área de atividade, ou seja, por exemplo, as faculdades de percepção, as faculdades de comunicação, as faculdades de concentração, de trabalho em equipe, ou seja, a subordinação dos interesses pessoais aos do grupo, as faculdades de discernimento, análise e síntese, desembaraço e autoconfiança, a redução do medo e da inibição causados por preconceitos, o desenvolvimento de criatividade, do senso crítico, do senso de responsabilidade, da sensibilidade de valores qualitativos e da memória, principalmente, o

desenvolvimento do processo de conscientização de tudo, base essencial do raciocínio e da reflexão” (Koellreuter, 1998: 44).

A finalidade da educação musical no ensino fundamental, portanto, não é transmitir meramente uma técnica, mas desenvolver no aluno o gosto pela música e a aptidão para captar a linguagem musical e expressar-se através dela, além de permitir o acesso do educando ao grande patrimônio musical que a humanidade vem construindo ao longo da História (Jeandot,1993). Se nosso sistema de ensino atual, como afirma Lima (1998), ainda afasta o jovem de um ideal cultural que privilegie a educação musical como participante direta do processo de formação da personalidade humana, ainda que sejam apontados os seus benefícios para o desenvolvimento intelectual da criança, há que se investir no professor que ainda está se preparando para a atuação docente, bem como naquele que já atua, de forma que tanto professores como alunos sejam beneficiados através de um maior contato com a música no ambiente escolar.

4.1.3 APROFUNDANDO O CONTATO COM A LINGUAGEM MUSICAL

Continuamente nos comunicamos e experimentamos as mais diversas sensações através da música. Ela é capaz de nos acalmar, estimular o movimento, o rir e o chorar. Antes mesmo de nascer, ainda no útero da mãe, a criança já toma contato com um dos elementos fundamentais da música, o ritmo, através das pulsações do coração da mãe e, no decorrer da vida, a música continua exercendo influência. Basta recordarmos que muitas músicas marcaram momentos de nossas vidas e a cada vez que as ouvimos esses momentos são revividos. Para a criança, especificamente, de acordo com Joly (2001), o contato com a música pode enriquecer suas experiências de maneiras incalculáveis:

“Canções, histórias, jogos e danças estabelecem a fundamentação para o amadurecimento social, emocional, físico e cognitivo da criança. Música também é um meio de fazer a criança participar de atividades de grupo. Fazer atividades dispendo as crianças em forma de círculo proporciona oportunidade de cantar, tocar pequenos instrumentos, ouvir música, mover-se e criar juntos” (Joly, 2001:03)

Vários estudos mostram que a música não é importante apenas para quem deseja seguir carreira como instrumentista ou possui “dom” para música. Segundo

Gainza (1964), já não é possível aceitar o critério de outras épocas em que somente recebiam ensino musical os “bem dotados” ou os que tinham meios para procurar uma instrução especial. A educação musical é proveitosa para qualquer criança, seja de classe econômica mais privilegiada ou não, pois consiste em fazer a criança amar a música – o que independe de fatores econômicos. A criança é um ser fisicamente ativo, espiritualmente inquieto, que ama o movimento e a atividade. Só a atrai aquilo em que pode participar. Impedir que desenvolva sua força, suas potencialidades pode trazer resultados destrutivos para seu futuro. Ao mesmo tempo em que é um ser ativo e inquieto, a criança é também emotiva, e aprende quando se sente segura do carinho daqueles a quem ama. A música, nesse sentido, é capaz de proporcionar a ela motivação tanto para o movimento quanto para a emoção, desenvolvendo a capacidade de expressar sua sensibilidade (Gainza, 1964).

Segundo Jeandot (1993) a música faz parte da vida da criança. Já ao nascer ela entra em contato com o universo sonoro que a cerca, através dos sons produzidos pelos seres vivos ou pelos objetos, sendo imediata sua relação com a música. No decorrer de seu desenvolvimento, a criança experimenta a música por meio da voz e movimentos. A sua vivência com a música através dessa experimentação permite que ela vá descobrindo novas possibilidades nos sons, novos movimentos, desenvolvendo também sua capacidade de interagir com as pessoas que a cercam. Sendo a música uma linguagem, o mesmo processo que se adota em relação à linguagem falada deve ser adotado em relação à música, ou seja, a criança deve ser exposta à linguagem musical e dialogar com ela sobre e por meio da música.

Rosa (1990), ao abordar sobre a presença da música na infância, afirma que a criança, quando pensa uma idéia e a expressa verbalmente, se encontra num processo de representação. Quando canta, ela está fazendo uma apresentação construída através de uma leitura de mundo. Ao cantar, a criança representa modos próprios de perceber e assimilar o ambiente ao redor. Assim, “a educação musical proporciona a vivência da linguagem musical como um dos meios de representação do saber construído pela interação intelectual e afetiva da criança com o meio ambiente” (Rosa, 1990:17). Ainda segundo a autora, a música é uma linguagem abrangente e expressiva que

“(...) favorece o desenvolvimento do gosto estético e da expressão artística, além de promover o gosto e o senso musical. Formando o ser humano em uma cultura musical desde criança, estaremos

educando adultos capazes de usufruir a música, de analisá-la e compreendê-la” (Rosa, 1990:21).

É possível verificar, portanto, que a música realmente desempenha um papel importante na formação da criança. Como afirma Lima (1998), a música não só propicia desenvolvimento cognitivo mais apurado, como também a possibilidade de conhecer e aprender uma linguagem específica em faixa etária condizente com o tipo de ensinamento, uma vez que diversos artigos publicados apontam para os benefícios do ensino musical para o desenvolvimento intelectual da criança e os prejuízos de um aprendizado musical em faixa etária posterior.

A partir dessas colocações, podemos considerar que a música não potencializa apenas o desenvolvimento intelectual da criança mas estimula o convívio com as pessoas ao redor, a sensibilidade para ouvir, para se expressar tanto por meio da voz quanto pelo corpo, estimulando também a concentração. Segundo Gainza (1964), “o essencial será conseguir que a criança, através da música, possa expressar com uma liberdade e uma intensidade cada vez maiores, toda a diversidade e riqueza de seu mundo interior” (Gainza, 1964:200).

No questionário aplicado com as professoras, estas revelaram haver obtido contatos anteriores à oficina com ensino musical, como mostra o quadro 4.22.

| Professoras que responderam à questão | Experiências musicais anteriores à oficina |
|--|---|
| Elsa – 1ª série | No ginásio, 6ª série, freqüentou aulas de música e cantou em coral. |
| Inês – 2ª série | Participou de um coral no ginásio |
| Márcia – 2ª série | Aprendeu a tocar piano por algum tempo, e sempre participou de teatro musical no ginásio e na faculdade |
| Cristiane – 3ª série | Teve contato com música na igreja e na escola (magistério) |
| Luciana – 4ª série | Teve aulas de música na 5ª série do ginásio e afirmou gostar muito de cantar e dançar |

Quadro 4.22 – Experiências musicais das professoras anteriores à oficina

Observamos que todas as professoras, sem exceção, tiveram contato com ensino de música na escola ou fora dela anteriormente à participação na oficina. Os depoimentos das professoras, no que diz respeito à participação em aulas de música, corais, e outras atividades relacionadas à área, permitem inferirmos que a escola desempenhou um importante papel no que se refere aos seus contatos com o ensino musical, o que também nos possibilita concluir que a escola pode reforçar o elo entre a criança e a música. Conquanto a música nunca esteja ausente do cotidiano de uma criança, pois formal ou informalmente ela ouve e se expressa por meio da música, a escola pode fortalecer esse vínculo e possibilitar que, por meio da música, a criança desenvolva não só sua percepção auditiva e rítmica, expressão corporal, mas também tenha sua auto-estima valorizada, tenha maior interação com o grupo, se comunique melhor, passando a expressar de maneira mais clara suas próprias idéias, bem como interpretar as idéias do outro. Como afirma Macomber (1956), a comunicação é uma necessidade básica e é preciso que se dê à criança oportunidade de desenvolver a habilidade de se expressar nos vários assuntos diários e de interpretar as expressões de outros sob quaisquer formas em que venham a aparecer. Assim, não apenas as professoras tiveram oportunidade de travar um contato mais profundo com a linguagem musical, mas permitiram também aos alunos esse contato diferenciado, pois, de acordo com seus próprios depoimentos e nossas observações, as crianças passaram a se comunicar melhor, a se organizar e se expressar melhor após a vivência de atividades musicais.

O envolvimento das professoras nas atividades práticas, nos momentos de leituras, discussões e reflexões, permite verificarmos que, apesar do contato com ensino de música anteriormente à oficina, esta possibilitou um contato diferenciado, gerando uma atitude também diferenciada das professoras em relação à música em sala de aula. Elas passaram a cantar levando em consideração aspectos mais complexos do que até então, analisando as canções quanto à letra, melodia, adequando suas escolhas às necessidades de seus alunos. Passaram a compreender a linguagem musical por meio da prática, ou seja, ainda que tivessem contatos anteriores com ensino musical, foi possível perceber um grande desenvolvimento das professoras quanto ao domínio de conceitos básicos e essenciais em se tratando de ensino musical, o que foi estimulado pelas atividades práticas, por meio das quais elas vivenciavam os conceitos em vez de apenas decorá-los.

Segundo as professoras, após as experiências vivenciadas na oficina e em sala de aula com os alunos, já não era mais possível ignorar a importância do ensino musical no ambiente escolar.

Elsa – Os meus (alunos)vamos cantar outra? Eles ficam assim agora, direto...Acho que até a gente fica mais descansada...

(...)

Márcia – Eu percebi que os mais tímidos estavam cantando, estavam gesticulando, a sala nunca fica calma, ficou melhor, não tão melhor, mas melhorou...

(...)

Luciana – Eles gostam! (se referindo às atividades com música)

Márcia – Os meus adoraram!

Luciana – Tudo que é ligado....qualquer atividade para eles é bom, dar espaço para eles é....

Elsa – Mesmo para a gente...

Os alunos, de forma geral, apreciaram as atividades musicais coordenadas pelas professoras, inclusive criando novas possibilidades a partir do que vivenciavam em sala de aula. De acordo com Elsa, seus alunos passaram a solicitar cada vez mais música. Para Márcia, o trabalho com a música trouxe mais calma para seus alunos, facilitando o processo de ensino-aprendizagem e aliviando sua angústia diante da indisciplina dos alunos. Luciana mostra que a música foi importante não só para despertar os alunos para a linguagem musical, como também para estimular o desenvolvimento da criação e expressão por parte dos alunos. Em suma, foi possível verificar que, quando a música passou a fazer parte do cotidiano das professoras e seus alunos, houve um contato mais profundo com a nossa cultura musical, que passou a ser mais valorizada, e a paisagem escolar, por vezes tão sisuda, se modificou e o envolvimento com as alegrias da música se tornou inevitável, transformando o espaço escolar como um todo.

4.1.4 DESENVOLVENDO A ATENÇÃO, A SENSIBILIDADE E A CAPACIDADE DE IMPROVISACÃO DAS PROFESSORAS E SEUS ALUNOS

Conquanto nossas visitas às salas de aula fossem menos frequentes do que as reuniões semanais com as professoras, verificamos o desenvolvimento dos alunos quanto à atenção, à sensibilidade auditiva e rítmica²⁹, à criatividade e capacidade de organização.

²⁹ Segundo Gainza (1964), os termos referem-se ao desenvolvimento, por parte da criança, da capacidade de reconhecimento e representação corporal frente às diferentes características do som:

Altura – diferenciar e representar os sons quanto à altura, classificar os sons.

Intensidade – diferenciar e representar sons, distinguindo-os quanto à sua intensidade.

Isso pôde ser verificado por meio das filmagens realizadas com as crianças. Na primeira filmagem, mesmo com um grande envolvimento das crianças nas atividades musicais, coordenadas por suas respectivas professoras, tivemos dificuldades quanto à organização e atenção em relação à segunda filmagem. Na segunda filmagem, notamos um grande avanço do interesse das crianças para realizar as atividades musicais, sensibilidade para ouvir e acompanhar diferentes ritmos, capacidade de organização enquanto cantavam e dançavam, capacidade de improvisação. Além de verificarmos pessoalmente todo esse desenvolvimento, ainda tivemos muitos depoimentos das professoras nesse sentido.

Luciana – Ali foi o momento que eles encontraram para lavar a alma mesmo e choraram e falaram tudo que eles (se referindo aos alunos) estavam sentindo....

(...)

Cristiane – eu percebi que a letra melhorou, o capricho do caderno, até aqueles que na hora de virar a folha formam aquelas orelhas... eles leram o texto depois de uma forma diferente, sabe Keila ? Relaxados, quase não gaguejaram...até eu fui embora super tranqüila...

(...)

Inês - Ah, eu acho que eles já estão até acalmando assim...pelo que eu percebi hoje está bem calminha sabe?

(...)

Elsa – Sabe o que eu notei, Keila? Depois que eu comecei com a música eu notei que eles já estão lendo e já estão escrevendo sozinhos! Notei! Verdade! ...E agora, daqui para frente, eu só vou trabalhar com música na 1ª série!

Os depoimentos revelam o quanto a música pode ser um auxílio nas mãos do professor unidocente. Ainda que com noções básicas e iniciando nessa trajetória musical, as professoras conseguiram ampliar o próprio repertório musical, bem como dos alunos, valorizando nosso folclore e possibilitando o desenvolvimento da noção de responsabilidade, organização, respeito, cooperação mútua.

A cada dia, as professoras pareciam se preocupar mais em integrar a música ao ambiente escolar, e as filmagens realizadas com as crianças foram, sem dúvida, um estímulo tanto para professoras quanto para os alunos. Além de ser um registro fundamental, pois, enquanto o gravador era capaz de captar apenas as vozes, a filmadora nos dava a imagem, o movimento. As filmagens também motivaram a participação das crianças e professoras nas atividades musicais, cujo envolvimento era visível durante nossas visitas à escola.

Timbre – discriminar os diferentes timbres (vozes, objetos, instrumentos de percussão, etc.) que o rodeiam, por meio de jogos e brincadeiras.

Luciana – Sabe o que eu acho que seria importante assim, pelo menos para a 4ª série, estar trabalhando letra, estar trabalhando conteúdo da própria letra usando, como por exemplo, o Hino Nacional...eles cantavam blá, blá, blá, mas não sabiam nada o que estavam cantando...aí eu fiz um trabalho com eles de interpretação, de encontrar palavras no dicionário sabe....aí mudamos a ordem do texto para eles entenderem e tal...eu acho que isso está ajudando eles a entenderem melhor o que eles estão lendo....

Importante ressaltar o caso de Luciana e seus alunos. Através do incentivo aos seus alunos para uma análise crítica das letras das canções, foi possível, segundo seu depoimento, perceber um desenvolvimento da capacidade de compreensão crítica das letras e não apenas interesse pelo canto. Isso se mostrou importante porque, além de permitir às crianças uma audição mais atenciosa e concentrada, procurando analisar o que estavam ouvindo, também levou a uma escolha mais criteriosa, por parte do professor, das canções trabalhadas em sala de aula. Portanto, houve um desenvolvimento da sensibilidade no ato de ouvir. Os alunos passaram a ouvir com objetivos e não apenas como forma de passar o tempo. Luciana teve oportunidade de presenciar outros momentos de criação e improvisação de seus alunos, por exemplo quando criaram um “rap” a partir de um texto sobre pontuação, quando criaram um novo ritmo e uma nova melodia para a canção “A Natureza”. Em todos os casos, Luciana deixou que seus alunos criassem, orientando quando necessário, porém procurando compreender o processo de criação de seus alunos. É possível relacionar essa experiência de Luciana e seus alunos com os momentos envolvidos no processo de reflexão-na-ação descritos por Schön (1992):

“Existe, primeiramente, um momento de surpresa: um professor reflexivo permite-se ser surpreendido pelo que o aluno faz. Num segundo momento reflete sobre esse fato, ou seja, pensa sobre aquilo que o aluno disse ou fez e, simultaneamente procura compreender a razão porque foi surpreendido. Depois, num terceiro momento, reformula o problema suscitado pela situação; (...) Num quarto momento efetua uma experiência para testar a sua nova hipótese; (...) Esse processo de reflexão-na-ação não exige palavras”. (Schön,1992:83).

Luciana parece, de fato, haver vivido esses momentos nas situações anteriormente descritas. Também as demais professoras tiveram experiências surpreendentes com seus alunos. Quando Elsa, por exemplo, menciona que seus alunos tiveram um grande desenvolvimento da leitura e escrita após a vivência com atividades

musicais que estimulavam a alfabetização, podemos observar que ela passou por um processo de reflexão-na-ação, ou seja, surpreendeu-se com o desenvolvimento de seus alunos, refletiu sobre o fato, reformulou o problema suscitado pela situação e afirmou que, daquele momento em diante, utilizaria mais a música no processo de alfabetização, portanto, elaborou uma nova hipótese de trabalho.

Diante das experiências destacadas pelas professoras, das observações por nós realizadas, verificamos que a proximidade com a música no cotidiano escolar não apenas proporcionou prazer e alegria na aprendizagem, desenvolvimento da sensibilidade para ouvir, da capacidade de criar, da atenção e concentração de alunos e professoras mas estimulou um processo de reflexão-na-ação por parte das professoras, o que, de certa forma, contribuiu para que novos objetivos fossem traçados, nos quais a música passou a fazer parte. Houve também um aprimoramento na escolha do repertório de canções a ser desenvolvido com as crianças, bem como na própria participação em atividades práticas e discussões. Através de canções simples do folclore brasileiro, as professoras foram observando que era possível obter muitos resultados com as crianças, uma vez que a simplicidade das canções permitia que todas participassem, sem exceção, brincando e aprendendo. Nesse sentido, Moura (1989) afirma que

“o cancionário folclórico infantil de nossa terra é de grande riqueza rítmica e melódica, devendo ser largamente explorado na musicalização. Ao cantar melodias pertencentes ao folclore, a criança assimila e, conseqüentemente, preserva expressões vitais da cultura de seu povo” (Moura,1989:10).

Na verdade, cantar tornou-se um momento desejado tanto entre as professoras quanto entre os alunos. Na primeira etapa da oficina, por exemplo, os momentos dedicados ao canto eram tão esperados pelas professoras participantes, que por vezes elas o solicitavam mesmo quando o tempo estava a se esgotar. Também entre as crianças, era possível observar o gosto pelo canto, o que pôde ser verificado principalmente nos alunos de Márcia e Luciana – os alunos de Márcia, segundo a professora, cantavam sempre que possível, mesmo quando não solicitados; os de Luciana, além de cantarem, improvisavam novas letras e novas melodias para as canções e chegaram a criar uma melodia para um texto sobre pontuação. Assim, o canto mostrou ser algo desejado entre

alunos e professoras. Como afirma Gainza (1964), o canto constitui a atividade musical mais importante na escola, pois, através dele a criança estabelece contato direto com os elementos básicos da música: melodia e ritmo. Se convenientemente escolhidas, agradam a todas as crianças. A mesma canção que a criança canta com entusiasmo lhe dará oportunidade para estimular suas faculdades sensoriais, para mover-se ritmicamente, para desenvolver sua capacidade imaginativa e criadora. A autora afirma que “é incrível o panorama amplíssimo que pode abrir uma simples canção infantil, a riqueza que é capaz de oferecer, tanto em matéria de realizações musicais práticas, como de estímulo para a imaginação e o poder criador da criança” (Gainza, 1964:208). Além do mais, como a autora bem alerta, através do canto se vai desenvolvendo a audição interior, que constitui um dos objetivos mais importantes da educação musical. No entanto, aponta para os cuidados ao se escolher as canções a serem trabalhadas com as crianças em sala de aula. O texto de uma canção, segundo a autora, é tão importante quanto sua melodia e por isso o educador deve prestar muita atenção à seleção das canções, levando em conta os textos delas: “haverá que procurar que em todos os casos se trate de poesia de primeira qualidade, seja esta de origem erudita ou popular” (Gainza, 1964:120).

O repertório de canções a serem trabalhadas em sala de aula deve priorizar a preservação da expressividade infantil e convém que seja analisado não apenas pelo professor mas também pela criança. As melodias e letras devem ser de interesse dos alunos, e o professor deve ter objetivos definidos capazes de orientar a escolha das canções. As canções auxiliam não apenas no desenvolvimento musical das crianças como também estimulam a aprendizagem e a sua fixação. Através do canto, as crianças se expressam e também aprendem a se relacionar com o mundo (Rosa,1990:116).

4.1.5 REDIRECIONANDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Embora algumas professoras afirmassem já trabalhar com música em sua atuação docente, verificamos um grande avanço quanto ao conhecimento e vivência com a música numa perspectiva em que ouvir e cantar quaisquer canções já não se mostrava suficiente. As professoras, de fato, aprenderam a escolher mais criteriosamente o repertório utilizado em sala de aula com base em objetivos preestabelecidos e não num “fazer por

fazer”. Além do mais, enriqueceram o trabalho com a música incorporando possibilidades de expressão corporal, criação e improvisação individual e coletiva.

Márcia – Eu costumo inventar musiquinhas...em cima de letras que eles conhecem...Faço isso sempre.....eu tenho um caderninho de música...

Luciana – ... como a gente está trabalhando a Terra, a parte da hidrosfera e tal, eu trouxe a música do Guilherme Arantes, Planeta Água, eles ouviram, eles já sabiam, já conheciam...foi mais como ilustração mesmo do que a gente estava falando...mas não trabalhei nada de música com eles em outro sentido..

Conquanto mencionassem um trabalho com música em sala de aula, anterior à oficina, verificamos consciência de que algo mudou após as experiências vivenciadas nela. Márcia e Luciana revelaram que a música já ocupava espaço em suas salas de aulas, mas num sentido mais restrito de ilustrar e reforçar conteúdos, cabendo ressaltar o comentário de Luciana de que não havia trabalhado nada de música com os alunos “em outro sentido”. Isso possibilita verificarmos que a convivência dessas professoras na oficina permitiu a tomada de consciência sobre três aspectos, entre outros, muitos importantes: consciência sobre a música enquanto elemento capaz de auxiliar o desenvolvimentos dos alunos e não apenas uma ilustração para as aulas; consciência sobre a necessidade de um redirecionamento da prática pedagógica que possibilitasse uma nova postura diante do ensino musical e do processo de ensino-aprendizagem; consciência mais clara em relação às necessidades dos alunos. Sobre esse último aspecto, Schön (1992) afirma que o professor deve esforçar-se por ir ao encontro do aluno e entender o seu próprio processo de conhecimento, ajudando-o a articular o seu conhecimento-na-ação com o saber escolar. O autor ainda afirma que este tipo de ensino é uma forma de reflexão-na-ação que exige do professor uma capacidade de individualizar, isto é, de prestar atenção a um aluno, mesmo numa turma de trinta, tendo a noção do seu grau de compreensão e das suas dificuldades (Schön,1992:82).

Durante o convívio com as professoras, também observamos um grande desenvolvimento quanto à capacidade de adaptar e adequar as atividades musicais à realidade de cada sala de aula; quanto à proposição de novas possibilidades de atividades a partir das canções trabalhadas, bem como na sugestão de outras canções; quanto à proposição de integração das canções aos conteúdos já trabalhados em sala de aula; quanto à participação nas atividades práticas, leituras e reflexões e quanto à capacidade de desenvolver atividades musicais com as crianças. Se no início sobrava medo e receio, no

final sobrava disposição para continuar aprendendo e fazendo da escola um espaço musical.

De fato, observamos esse redirecionamento da prática pedagógica:

Elsa – Uma coisa que eu achei interessante, não sei se a Inês percebeu isso...eu não tinha muita paciência com música e estou adorando...estou adorando...eu acho que a partir do momento que eu comecei ver que com ela eu consigo

Inês – É, mas eu já trabalhava um pouco...

Elsa – Sim, mas não do jeito que eu estou fazendo agora, vou falar a verdade para você...tinha mas não era... mais do cotidiano talvez...

(...)

Ana Maria – ...É que eu ainda não consigo...ainda não consegui...o difícil é chegar com a 1ª série porque eu acostumei com a outra (se referindo a outras séries nas quais lecionou)...

Rose – E às vezes, às vezes eu penso assim, né, que nem você falou (se referindo à Ana Maria) “ainda não estou preparada, minha sala não está legal”...se arriscasse de repente e isso facilitasse toda sua...

Ana Maria – Então, agora quando ela deu o “Atirei o pau no gato”, eu já...já deu...eu posso fazer isso...

Rose –... Porque às vezes através da própria música você vai atingir tudo que você quer...

Ana Maria – O “Atirei o pau no gato”...são tudo palavrinhas que eles conhecem...são palavrinhas que eu estou trabalhando com eles...já o Periquito Maracanã é difícil prá caramba porque....

Mesmo para a professora Ana Maria, para quem a adaptação à escola e à sala de aula foi difícil, é possível dizer que houve um notável avanço. No início, pouco participava dos diálogos, demorou a desenvolver alguma atividade musical com seus alunos, porque suas expectativas em relação às crianças não correspondiam ao que elas de fato podiam realizar. Acostumada a lidar com crianças maiores, afirmou não estar se adaptando à sua nova função.

Keila – Que você está achando da classe?

Ana Maria – A classe é excelente, eu é que tenho que me acomodar agora, né?

Essa foi a única intervenção da professora Ana Maria na primeira reunião da qual participou. Apesar de participar das atividades práticas, não se expressou verbalmente em nenhum outro momento. Também na segunda reunião em que esteve não encontramos nenhuma participação nos diálogos, apenas nas atividades práticas. Em reuniões posteriores verificamos uma maior atuação de sua parte, ainda que predominantemente para ressaltar suas dificuldades em se adaptar à classe.

Ana Maria – Então, o meu trabalho com eles, eu consigo fazer todo tipo de trabalho...mas eu não consigo éeles ficarem conversando e você acabar de explicar e eles “ah, o que é para fazer?”... Às vezes eu estou dando alguma explicação... então... um ou outro consegue perceber que eu mudei de tom porque estava conversando, então...mas tem meia dúzia que....ai já me perco toda...

Na mesma reunião em que ocorreu o diálogo acima destacado, Ana Maria começou a dar mais opiniões e sugestões nas atividades práticas.

*Márcia – Eu pensei assim, que as crianças com as bexigas na mão fazendo essa atividade....nossa senhora.... alguns começariam a explodir a bexiga...outros já tentariam deitar no chão e jogá-la com o pé...
Ana Maria – Eu fiz uma atividade com bexiga, mas com um cordãozinho no dedo deles para a bexiga não fugir...*

Aos poucos, Ana Maria deixou de ressaltar seus receios e passou a destacar seus avanços:

Ana Maria -eles acham que eu não sei como fazer...a minha dificuldade com eles é eu ser calma e aceitar aquela lentidão, porque eu não estou acostumada com a lentidão! Eles ficam assim “você tem que fazer isso”....gente, isso aí eu faço, não é isso! A minha não-adaptação não é porque eu não sei ensinar, é eu aceitar e lentidão deles....é isso....por exemplo, eu ensinei hoje toda a lição, eu quero que amanhã, quando eu for fazer alguma coisa, elesentendeu? Porque eu ensinei, não ensinei? Então eles têm a obrigação de saber! ... Eu chego, daí eu volto tudo de novo...

(...)

Ana Maria – ...e outra, para mim está sendo bom porque eu sou muito agitada...eu já acalmei... eu sempre gostei de tudo para ontem e tudo bem feito.... Eles (se referindo aos alunos) já sabem, agora eu mudei minha tática, porque eu falava alto, então eu estou falando mais baixo...

(...)

Ana Maria – Eu fiz outro dia relaxamento com uma historinha

Keila – E eles gostaram?

Ana Maria – Nossa!

(...)

Ana Maria – Eu tenho dois aluninhos, que quando a Érika deixou comigo ela disse “não precisa perder tempo porque ele não fala”... “Mas ele não fala”? “Ele não fala”...foi depois da música queagora eu preciso “ô menino, pelo amor de Deus senta”... o menino não pára mais...lê para mim, porque ele não lia...

Os depoimentos de Ana Maria deixam bem clara uma mudança de postura principalmente em relação ao seu modo de encarar o processo de ensino-aprendizagem. Conquanto ela tenha passado a ver na música um recurso, um elemento capaz de tornar a sala de aula um ambiente mais agradável e de estimular os alunos a ler, escrever, socializar-se, expressar-se corporalmente, o fundamental na verdade foi sua consciência de que estava lidando com uma nova situação que solicitava uma nova postura de sua parte. Ana Maria era a única professora em final de carreira e trabalhava em mais de uma escola. Ela afirmava desanimar e impacientar-se com a “lentidão” das crianças. No entanto, quando mencionou o caso de seu aluno que não falava e com o auxílio da música passou a se expressar melhor e a ler, demonstrou que de fato ocorreram mudanças na sua postura perante os alunos, houve transformação em sua prática pedagógica, o que nos possibilita inferir que a oficina, propiciando trocas de experiências, leituras e reflexões a respeito do cotidiano escolar e o papel do professor, teve uma importante participação nesse sentido. Ana Maria passou a desfrutar das alegrias da música e, acima de tudo, obteve resultados em sua sala de aula a partir do redirecionamento de sua atuação docente. Conquanto as demais professoras participantes tenham demonstrado muitos avanços nesse sentido, em Ana Maria

isso pôde ser percebido com mais clareza. As demais professoras também revelaram mudanças em relação à prática pedagógica em suas atitudes e falas. Elsa, por exemplo, afirmou, em vários momentos, que seus alunos desenvolveram mais rapidamente na leitura e escrita após a inserção da música, na perspectiva proposta pela oficina, em sala de aula a ponto de dizer que só alfabetizaria com o auxílio da música. Foi possível observar que todas as professoras modificaram suas práticas de alguma forma. Passaram a valorizar o aspecto lúdico em sala de aula, resgataram a presença da música nela – o que, na sua opinião, é algo que vai se perdendo no decorrer das séries, ou seja, elas mesmas observam que na pré-escola a música é muito mais presente do que nas séries finais do ensino fundamental. Brincando com os alunos, possibilitaram uma troca de experiência maior com eles, maior conhecimento a seu respeito vice-versa; desenvolveram reflexões sobre o ensino-aprendizagem, o cotidiano escolar, a prática pedagógica apoiadas em suas novas aprendizagens, leituras, para posterior aplicação com os alunos; criaram e propuseram novas possibilidades de atividades a partir das vivenciadas na oficina e em sala de aula; expondo sugestões, participando de várias maneiras no grupo e assim, se colocando no lugar do aluno, desenvolvendo a capacidade de compreensão sobre a interação entre alunos, entre alunos e professoras, entre ambos e o espaço escolar.

4.1.6 ESTABELECENDO CONEXÕES ENTRE A LINGUAGEM MUSICAL E OS CONTEÚDOS DESENVOLVIDOS EM SALA DE AULA

Diante de um cotidiano carregado de responsabilidades, cansaços, dificuldades inerentes à profissão docente, verificamos que a música acrescentou alegria às professoras e alunos, mostrando que é possível valorizar o lado lúdico do ensino, dinamizando, assim, a aprendizagem dos conteúdos do currículo formal.

Sobre esse aspecto, Gainza (1964) afirma que a música contribui, juntamente com as demais disciplinas, para modelar o espírito e a terna personalidade infantil. As crianças que aprendem e vivem, de uma maneira profunda, suas experiências musicais na escola não tardam em incorporar a música às suas vidas, passando a praticar atividades musicais, coletivas e individuais, junto à família e no seu núcleo social. Segundo a autora,

existem relações naturais que podem ser destacadas e estudadas na escola entre a música e as matérias que fazem parte do currículo formal. Ela dá alguns exemplos:

- Linguagem e literatura: a criança pode elaborar textos poéticos para melodias conhecidas ou criadas pelos alunos, adequando os acentos e ritmos do idioma aos acentos e ritmos musicais.
- Educação Física: com a música, a atividade física se transforma em atividade rítmica, sendo o ritmo da música traduzido em ritmos corporais.
- História: as crianças podem cantar e vivenciar atividades a partir de canções que narram fatos históricos. Além disso, podem conhecer os distintos tipos de músicas e canções ao longo do tempo.
- Geografia: a música permite que se estude a correspondência entre as características do ambiente geográfico de diferentes países ou de diferentes regiões de um mesmo país.
- Sociologia: através da vivência com a música e o seu papel na sociedade, a criança é favorecida na compreensão da evolução cultural.
- Zoologia: a música permite que a criança observe, analise e reproduza sons produzidos pelos animais.

Também Dalben (2002) ressalta o quanto atividades musicais podem contribuir no processo de ensino-aprendizagem integrando-se às demais atividades, ao envolver atividades ligadas às diversas formas de expressão dos indivíduos e dos grupos, à criatividade, à socialização, ao desenvolvimento da autonomia, da lógica e ainda dos aspectos psicomotores. No entanto, como lembra a autora, muitas vezes a música enfrenta posturas equivocadas por parte do professor, as quais permitem que as crianças considerem a música apenas como parte das festas escolares, apenas um ornamento, um pano de fundo, um cenário.

O contato com as professoras e seus alunos possibilitou que observássemos o quanto elas aprenderam e se desenvolveram no sentido de conectar as aprendizagens musicais aos conteúdos pertencentes ao currículo formal. No início verificávamos a predominância da música enquanto algo à parte dentro da sala de aula, com utilidades e não objetivos, ou seja, útil em comemorações ou esporadicamente para ilustrar algum conteúdo, predominantemente canalizada para utilidades momentâneas. Não havia continuidade, não havia um processo em relação ao ensino musical. Porém, no decorrer da intervenção,

observamos que a música começou a fazer parte do cotidiano de professoras e alunos passando a integrar-se à sala de aula de maneira que não mais representasse algo separado dos demais componentes curriculares, nem tampouco apenas um recurso didático. A música adquiriu um papel diferenciado: ao mesmo tempo em que proporcionava alegria, possibilitava a experimentação, a improvisação, também era um incentivo para novas aprendizagens. Em nossas reuniões, sempre procurávamos discutir com as professoras as possíveis conexões entre as atividades musicais vivenciadas naqueles momentos e os conteúdos já normalmente trabalhados em sala de aula, sempre levantando novas possibilidades de tornar a música mais próxima das crianças e professoras.

Márcia – Aqui está falando de rodar, de afastar, chegar, né, então você pode estar trabalhando bastante, aqui, a noção de direção, né? Noção de direção, lado...Direita e esquerda...

Inês – Dá para trabalhar tempo...

Márcia – É, faz um ano, faz um dia.... O Iaiá, aqui, dá para a gente trabalhar geografia, né? “Iaiá, quem fala é o pessoal lá” a gente pode trazer um mapinha, mostrar para eles no mapinha....localização...

Inês – Vocabulário...

Márcia – Vocabulário também...dialeto também porque Iaiá não é da região sudeste, né, eles não estão acostumados com esse Iaiá...

Luciana – Keila, pesquisa sobre a espécie, em ciências....

Márcia – Sobre o periquito maracanã... sobre a espécie...o tipo de ave...

Cristiane – Matemática....um dia, quantos dias tem o ano? Quantos dias tem o mês? Probleminhas...

Márcia – Quantas vogais tem em cada palavra...ou em cada linha...quantas consoantes têm em cada linha...eu trabalho muito isso...Dá para trabalhar rima... nossa, vai dar super legal!

Cristiane – ... dá para trabalhar produção de texto...o que será que aconteceu com a Iaiá?

Inês – Imaginação deles, né? Por que será que ela não tinha voltado?

(...)

Inês – Bom, eu já pensei, eu não tenho muita idéia sobre dança, sobre coreografia mas essa música dá para trabalhar muito a questão da escrita....

Luciana – Eu pensei na pesquisa porque foi uma época em que a música brasileira teve o seu auge né...então eu pensei em fazer uma pesquisa sobre esse ...Chico Buarque, outros compositores que marcaram, algumas músicas que marcaram, que eles ainda vão ouvir quando crescerem que são dessa época...

Os diálogos mostram o quanto as professoras foram se desenvolvendo quanto à inserção da música na sala de aula. As idéias foram surgindo mais claramente e os objetivos relacionados às crianças foram se delineando. Assim, podemos destacar um desenvolvimento quanto à capacidade de refletir sobre o papel da música na sala de aula: não apenas um recurso didático, usado apenas para leitura e escrita, nem tampouco apenas canções comemorativas, sem nenhum espaço para a expressão corporal, para o desenvolvimento da sensibilidade auditiva, rítmica, etc. Pelas implicações entre o aspecto lúdico e o didático, a música passou a ser explorada com objetivos, ou seja, cada professora

sabia exatamente o que buscava quando aplicava alguma atividade com música, e o retorno das aplicações, de certa forma, clareava os objetivos.

4.1.7 ESTIMULANDO A DISCUSSÃO DE TEMAS TRANSVERSAIS

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, a educação só é válida enquanto comprometida com a cidadania. Como afirmam os documentos,

“Eleger a cidadania como eixo vertebrador da educação escolar implica colocar-se explicitamente contra valores e práticas sociais que desrespeitem aqueles princípios, comprometendo-se com as perspectivas e decisões que os favoreçam. Isso refere-se a valores, mas também a conhecimentos que permitam desenvolver as capacidades necessárias para a participação social efetiva” (PCN, vol. 8:25).

Se essa é a busca, os próprios documentos deixam claro que as áreas convencionais classicamente ministradas pela escola (Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História e Geografia), embora necessárias, não são suficientes para alcançar esse fim. Outros temas, diretamente ligados ao exercício de uma cidadania consciente, devem ser ressaltados: violência, saúde, uso dos recursos naturais, preconceitos. Devem ocupar, na escola, um lugar de importância tanto quanto os demais componentes curriculares. Questões que possibilitem a compreensão crítica da realidade oferecem aos alunos oportunidade de refletirem sobre sua própria vida. Ainda segundo os PCN, a escola deve contribuir, nesse sentido, desenvolvendo um projeto de educação comprometida com o desenvolvimento de capacidades que permitam intervir na realidade para transformá-la.

Dialogando semanalmente com as professoras a respeito do trabalho desenvolvido com os alunos foi possível verificarmos que a presença da música no cotidiano da sala de aula permitiu que tanto alunos como professoras desenvolvessem essa transversalidade no processo de ensino-aprendizagem, passando a discutir temas que de outra forma talvez não fossem explorados. As professoras mencionaram, por exemplo, discussões com os alunos sobre preservação de nosso meio ambiente, os problemas gerados pela violência e outros temas que foram surgindo através de atividades musicais. As discussões sobre esses temas transversais, além de permitirem que alunos e professoras

refletissem sobre possibilidades de contribuição na preservação do meio ambiente e diminuição da violência, melhoraram o relacionamento entre elas e eles. Luciana, por exemplo, menciona que se sentiu mais próxima de seus alunos e vice-versa, após a vivência de uma atividade na qual ela enfocava os sentimentos e da qual surgiu a questão da violência. Ao discutir temas diferenciados em relação aos que normalmente são destacados em sala de aula, os alunos não só desenvolveram a capacidade de expressão como ainda permitiram que as professoras os conhecessem melhor. Em nossas reuniões, elas relatavam essas discussões e reflexões desenvolvidas com os alunos e também discutíamos vários temas propostos, muitas vezes, por elas:

Luciana- Saiu medo de morte, um o tio estava preso e não sabia se o tio estava morto, o outro perdeu o irmão de um ano e quatro meses, sabe? Coisas que eu acho que eles deviam ter engasgado dentro e não conseguiram colocar para fora, de repente ali foi o momento que eles encontraram para lavar a alma mesmo e choraram e falaram tudo que eles estavam sentindo...

Keila – Você aproveitou esse momento para conversar com eles....

Luciana – Aproveitei para falar sobre eles mesmos...esse tipo de sentimento que eles estavam tendo... Falei do próprio sentimento da angústia, de chorar, que às vezes faz bem chorar...fiquei impressionada...eu achei que foi bom porque eu achei que eles se sentiram mais seguros em relação a mim, mais confiantes em relação a mim, deu para passar para eles que eu valorizo cada um deles, que eu penso em cada um deles não só como aluno... eu acho que deu para eles perceberem que eu me preocupo com eles enquanto pessoas...isso melhorou o meu relacionamento com eles...a confiança que eles tinham em mim mudou, a segurança, sabe? Mesmo o convívio entre eles dá para perceber que teve uma mudança, pequena mas tem...

Márcia – Muito legal! Ficou um trabalho super legal!Agora engraçado é que a Bruna... todos os que paravam na carteira dela não tinham vontade de desenhar no desenho dela então eles rabiscavam...a folha dela ficou assim.....eu falei “quem fez isso está vendo o que foi feito, não é um trabalho bonito, foi um desabafo, talvez da raiva que vocês estavam sentindo dela”.... aí eu falei assim “quem aqui acha que o seu desenho não foi continuado, que não houve continuidade?”...aí ninguém falou nada , só ela falou “eu não quero esse desenho, não vou colocar na minha pasta isso”... “é um trabalho, muitos trabalhos de arte começam assim, com rabiscos, então é um trabalho e se você pintar aqui, localizar um negócio aqui, dar forma geométrica”...aí ela foi aceitando, guardou com desdém mas....

(...)

Inês –...eu peguei as profissões dos pais dos meninos e das mães das meninas (se referindo a uma atividade feita a partir da canção “Passa, passa gavião”), aí fizemos, cantamos na classe....aí caiu para o menino ser babá, aí eu falei “e daí?”...falei para eles “as profissões podem ser tanto para homem quanto para mulher...aqui, no Brasil, a gente pode até não ter mas em outros países sim”....

Observamos que, ainda que de uma forma introdutória, as professoras procuraram explorar os diversos assuntos surgidos nas atividades musicais propostas e, embora não tenham aprofundado o depoimento, não sendo viável afirmarmos a extensão da discussão e reflexão em torno dos assuntos levantados, foi possível observar um desenvolvimento nesse sentido. Os alunos de Márcia, por exemplo, tiveram coragem de

expressar seus sentimentos em relação a uma das alunas³⁰, que, se não fosse por meio da atividade desenvolvida, não o teriam feito. Isso possibilitou à professora discutir a situação e, embora ela não mencione posteriormente os resultados desses acontecimentos, de certa forma a aluna demonstrou haver tomado consciência de que os demais alunos não aceitavam suas atitudes em sala de aula quando afirma não querer o desenho “rabiscado”. Luciana, por sua vez, propôs uma atividade musical – cabe mencionar que a maneira como desenvolveu a atividade partiu de si mesma – cujo objetivo era justamente provocar a expressão dos alunos. Ela não esperava o resultado obtido, no entanto explorou a situação com controle e, ao final, pôde observar maior reciprocidade dos alunos para com ela. Também Inês demonstrou controle da situação quando numa atividade em que ela explorava as profissões dos pais e mães de seus alunos, surgiu a questão do preconceito. Inês discutiu o tema com seus alunos, embora não revele isso com muitos detalhes no seu depoimento.

O envolvimento de professoras e alunos com as atividades musicais parece haver possibilitado nova postura de ambos: o professor dando voz ao aluno e este participando sem receio, emitindo opiniões em vez de apenas ouvir. Alguns aspectos do cotidiano, que nem sempre são destacados em outros momentos da sala de aula passaram a ser após a vivência com atividades musicais. Podemos afirmar, portanto, que a oficina permitiu às professoras a valorização da transversalidade em sala de aula.

4.1.8 REFLETINDO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA E AS NOVAS APRENDIZAGENS

Falar sobre a prática docente, sobre as especificidades dessa prática tornou-se cada vez mais freqüente entre as professoras participantes. No início as falas estavam mais restritas às dificuldades encontradas no cotidiano da sala de aula como a falta de atenção, defasagem de idade e aprendizagem, problemas externos, principalmente relativos às famílias dos alunos, interferindo no desempenho destes. No decorrer do processo, porém, as falas se modificaram passando a destacar os resultados advindos da nova postura, que envolvia o aproveitamento didático do ensino musical. Os alunos valorizando a música,

³⁰ Segundo a professora Márcia, essa aluna apresentava dificuldades de aprendizagem e interação com grupo.

participando das atividades musicais, solicitando-as cada vez; as professoras mais desinibidas, mais unidas, também valorizando de maneira especial a música em sala de aula. O ensino musical – anteriormente visto como uma área muito específica da qual nunca teriam domínio –, diante das experiências vividas na oficina e nas salas de aulas, deixou de ser amedrontador e encorajou as professoras. Exemplos disso foram os alunos criando novas melodias e letras, cantando e se movimentando, as professoras adequando as atividades vivenciadas, propondo novos procedimentos, dando retorno positivo das aplicações realizadas em sala de aula. Refletir sobre a prática, reflexão essa pautada na própria prática pedagógica, mas também em leituras e trocas de experiências, mostrou ser um importante passo para o redirecionamento dessa prática pedagógica. Como afirma Pérez-Gómez (1992), quando o professor reflete *na* e *sobre* a ação converte-se num investigador na sala de aula:

“O pensamento prático do professor é de importância vital para compreender os processo de ensino-aprendizagem, para desencadear uma mudança radical dos programas de formação de professores e para promover a qualidade do ensino na escola numa perspectiva inovadora” (Pérez-Gómez,1992:106).

Também Candau(1992) afirma que os saberes da experiência fundamentam-se no trabalho cotidiano. Afirma ainda que a formação continuada não pode ser concebida como um processo de acumulação de cursos, palestras, de conhecimentos ou técnicas, mas como um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal e profissional, em interação mútua (Candau,1992:146/147).

A reflexão, de acordo com Mizukami et al. (2002), é uma espécie de fio condutor que vai produzindo os sentidos e explicitando os significados ao longo de toda a vida do professor, garantindo, ao mesmo tempo, uma espécie de conexão entre a formação inicial, a continuada e as experiências vividas. No entanto, a autora alerta que, o fato de o professor empregar o conceito de reflexão em sua atuação docente não significa que ele estará refletindo sobre tudo ininterruptamente, pois sempre haverá uma grande dose de rotina em sua atividade:

“Ele (o professor) deve buscar o equilíbrio entre a reflexão e a rotina, entre o ato e o pensamento, não se entregando a modismos, mas decidindo conscientemente o caminho a seguir como professor que constrói a própria prática de forma reflexiva” (Mizukami et al., 2002:18).

Durante o processo de intervenção, tivemos como objetivo aprofundar o contato das professoras com a linguagem musical, permitir que em nossas vivências tivéssemos espaço para refletir sobre o tipo de formação à qual as crianças têm tido acesso não apenas na escola, mas também fora dela, bem como sobre a formação a que as mestras, enquanto tais, tiveram acesso e o quanto essa formação influenciava suas posturas nas salas de aula.

À medida em que essa capacidade de reflexão foi se desenvolvendo, foi possível observar também um desenvolvimento das professoras quanto à capacidade de expressar opiniões, emoções, sensações, ansiedades presentes no cotidiano escolar. A atitude de refletir sobre o cotidiano escolar, em suas várias faces, foi se construindo de tal forma que a expressão dessas reflexões tornou-se mais clara e houve um aumento de interação entre o grupo, passando esse grupo a trocar experiências continuamente.

Márcia –eu já percebi...algumas crianças que liam baixinho , nem elas escutavam o que elas estavam falando, já estão lendo mais alto...então ela está aprendendo...

(...)

Elsa – Uma coisa que eu achei interessante, não sei se a Inês percebeu isso...eu não tinha muita paciência com música e estou adorando...estou adorando...eu acho que a partir do momento que eu comecei ver que com ela eu consigo

Inês – É, mas eu já trabalhava um pouco...

Elsa – Sim, mas não do jeito que eu estou fazendo agora, vou falar a verdade para você...tinha mas não era... mais do cotidiano talvez...

(...)

Cristiane – Eu tenho um menino de três anos e quando, à s vezes, eu altero a voz com ele, várias vezes ele olhou para mim e “mãe, não precisa gritar”...aquilo dá uma sensação, é horrível! Então às vezes a gente está com tanta coisa na cabeça que acaba gritando sem perceber...

No decorrer das reuniões, muitos foram os depoimentos das professoras que nos permitiam verificar desenvolvimento quanto à capacidade de refletir sobre o cotidiano da sala de aula, sobre a prática pedagógica e as novas aprendizagens suas e de seus alunos, porém os depoimentos acima destacados ilustram nossas considerações a respeito da importância do professor enquanto prático reflexivo. Ao refletir sobre a prática, as professoras pareciam perceber-se melhor como professoras, identificar melhor as potencialidades de seus alunos para desenvolvê-las melhor. Márcia observou mudanças em seus alunos quanto à leitura e expressão oral: alunos que liam com volume de voz muito baixo tiveram mudanças nítidas, passando a se expressar melhor e aprender melhor. Elsa refletiu sobre sua própria postura diante da música e do seu papel em sala de aula,

confessando mudança em suas próprias atitudes a partir de um distanciamento da sua atuação em sala de aula. Cristiane pareceu compreender, ao refletir sobre suas experiências pessoais, que suas atitudes refletem sobre as das demais pessoas com que estabelece contato. Assim, se o filho observou sua alteração de voz, também em sala de aula era possível que seus alunos a considerassem como uma pessoa que “grita”, mesmo que ela não percebesse.

Notamos que o professor, ao refletir na ação e sobre suas ações, aumenta, de fato, as possibilidades de um redirecionamento em sua atuação, transformando não só o espaço de sua sala de aula, como também a escola como um todo. Ao que parece, a oficina de música permitiu o desenvolvimento dos professores quanto à capacidade de reflexão. Paulo Freire (2000), nesse sentido, ao abordar sobre a importância da formação continuada, afirma que não se pode pensar em mudar a “cara” da escola, não se pode pensar em ajudar a escola a ir ficando séria, rigorosa, competente e alegre sem pensar na formação permanente do educador, a qual se fará, preponderantemente, através da reflexão sobre a prática:

“...estou convencido de que uma das mais importantes tarefas que a formação permanente dos educadores deveria centrar seria convidá-los a pensar criticamente sobre o que fazem” (Paulo Freire, 2000:123).

Como encerramento desse capítulo, cabe retomar a questão levantada no início dessa parte de nossas considerações: as expectativas e as impressões em torno da oficina de música. As expectativas foram abordadas por ocasião do questionário, aplicado no início da segunda parte da oficina, e as impressões foram sendo construídas no decorrer do processo (Quadro 4.23).

É possível observar que, de maneira geral, as professoras tinham uma expectativa positiva em relação à inserção e integração da música ao cotidiano da sala de aula: a música auxiliando na alfabetização, no desenvolvimento da leitura e escrita, no desenvolvimento das capacidades de concentração, atenção, memorização e organização dos alunos, na ampliação do repertório musical de professoras e alunos, na autonomia para torná-la mais presente no cotidiano escolar.

| Professoras que responderam à questão | Expectativas em relação à oficina de música |
|--|---|
| Elsa – 1ª série | Expectativa de que as atividades aplicadas fossem um instrumento de auxílio na alfabetização. |
| Inês – 2ª série | Expectativa de que as atividades com música ajudassem as crianças nas aulas no processo de aprendizagem da leitura e escrita. |
| Márcia – 2ª série | Expectativa de melhora nas capacidades de concentração, aprendizagem, criação, memorização e organização dos alunos. |
| Cristiane – 3ª série | Expectativa de aprender novas canções e de como inseri-las no cotidiano da sala de aula. |
| Luciana – 4ª série | Expectativa de obter mais autonomia para trabalhar com a música em sala de aula e torná-la mais presente na escola. |

Quadro 4.23 – Expectativas das professoras em relação à oficina de música

Relacionando as informações do Quadro 4.23 com as observações e declarações das professoras no decorrer das reuniões, é possível verificar uma certa correspondência entre as expectativas iniciais e as impressões finais.

Elsa – Muito difícil, eu acho, a atenção...segurar a atenção....eu achei que segurou ...Sabe o que eu notei, Keila? Depois que eu comecei com a música eu notei que eles já estão lendo e já estão escrevendo sozinhos! Notei! Verdade! ...E agora, daqui para frente, eu só vou trabalhar com música na 1ª série!

(...)

Keila – Inês, você sentiu diferença, nos alunos, na questão de concentração, atenção, ou não?

Inês – Olha, hoje ... gente eu fiquei de boca aberta vendo eles trabalhar...

(...)

Márcia – Essa semana foi dez! Hoje ... Nossa.....eles estavam mansinhos, eu estou com a garganta lisa hoje... Eu acho que eles criaram um senso de responsabilidade...então eles já sabem que quando tem música tem que prestar atenção... Hoje a inspetora veio falar para mim que eles melhoraram bastante do dia que eu peguei a classe até hoje, eles melhoraram bastante...elas vieram falar!

(...)

Cristiane - ... eu achei que eles mudaram totalmente... nem eu acreditei...então eu percebi que a letra melhorou, o capricho do caderno, até aqueles que na hora de virar a folha formam aquelas orelhas... E eles leram o texto depois de uma forma diferente, sabe Keila ? Relaxados, quase não gaguejaram...até eu fui embora super tranqüila...

(...)

Luciana – eu acho que deu para eles perceberem que eu me preocupo com eles enquanto pessoas...isso melhorou o meu relacionamento com eles...a confiança que eles tinham em mim mudou... a segurança, sabe?

Como podemos observar, as professoras tiveram, de certa forma, suas expectativas correspondidas. As dificuldades mencionadas no início – falta de atenção, de concentração, de organização, interação no grupo, dificuldades de leitura e escrita, insegurança dos alunos, baixa auto-estima – aos poucos foram sendo minimizadas. As impressões finais das professoras de fato confirmam isso.

5

AVALIANDO APRENDIZAGENS E DISCUTINDO NOVAS PERSPECTIVAS

As entrevistas realizadas com as professoras participantes tiveram um roteiro (Anexo) cujas questões objetivavam avaliar o impacto das experiências vivenciadas na oficina de música sob o ponto de vista das professoras participantes, bem como avaliar que contribuições essa vivência com música sob a perspectiva proposta pela oficina trouxera para alunos e professoras em termos de desenvolvimento de novas habilidades, ampliação do repertório musical, modificação do espaço escolar e da prática pedagógica.

Neste capítulo, apresentamos algumas considerações sobre as relações entre ensino musical, o ambiente escolar e papel do educador, sobre a importância da formação continuada para o desenvolvimento do profissional docente e para o desenvolvimento de novas habilidades do professor, sobre as contribuições geradas pela oficina do ponto de vista das professoras participantes, sobre a transformação do espaço escolar após as experiências vivenciadas pelas professoras e alunos participantes da oficina de música a partir de leituras e das entrevistas realizadas.

5.1 O ENSINO MUSICAL, O AMBIENTE ESCOLAR, O PROFESSOR E O ALUNO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Segundo Jeandot (1993), a conduta do professor é algo essencial no processo de musicalização³¹ da criança, pois, sabendo sugerir com entusiasmo, amando a música, conseguirá torná-la amada também pelo educando:

³¹ De acordo com GAINZA (1964), musicalizar refere-se ao processo por meio do qual a criança cultiva a sensibilidade auditiva (desenvolvimento do ouvido musical).

“Não basta falar de estética e de beleza às crianças, se não as vivenciamos. Daí o papel do educador, que sente, percebe e vive, e que necessariamente deve desenvolver qualidades auditivas e ter gosto pela música e contato com ela” (Jeandot, 1993:132).

Paulo Freire (2000), ao tecer considerações sobre o papel do educador consciente, independente de sua área de atuação específica, afirma que este deve “testemunhar” aos seus alunos, constantemente, sua competência, amorosidade, sua clareza política, a coerência entre o que diz e o que faz, sua tolerância, ou seja, sua capacidade de conviver com os diferentes para lutar com os antagônicos, estimulando a dúvida, a crítica, a curiosidade, a pergunta, o gosto do risco, a aventura de criar.

Nesse sentido, também Gainza (1964) afirma que o educador é aquela pessoa que sente desejo e, ao mesmo tempo, possui a capacidade – natural ou adquirida – de transmitir um conhecimento que o apaixona ou interessa profundamente. A condição primordial para dedicar-se à delicada tarefa de ensinar é sentir uma verdadeira paixão pela matéria que se ensina. O professor deve possuir a capacidade que o habilita a realizar sua tarefa com êxito, ou seja, com o máximo de rendimento e essa capacidade compreende, por um lado, seu domínio da matéria e, por outra, sua preparação pedagógica. Deve ser, acima de tudo, um profundo e paciente investigador de si mesmo, da criança e da música (Gainza, 1964: 27). Verificamos, a partir dessas considerações, que um professor comprometido com o ensino não é aquele que apenas detém muito conhecimento sobre uma determinada área e sim aquele que se apaixona e se dispõe a adquirir a capacidade para ensinar. As professoras da EMEB “Antonio Stella Moruzzi” não detinham conhecimentos profundos na área musical pois, apesar de suas experiências musicais anteriores à oficina, nem sempre essas experiências possibilitaram domínio do conteúdo.

Inês – Eu tinha assim, tipo da 6ª série para frente e o professor, ... aí ele tentou montar um coral na escola, mas ficou tão bonito! Ele fez a roupa, sabe? A gente se apresentava no coral!

(...)

Elsa – Eu cantei no coral também.... 5ª, 6ª série...mas eu sempre gostei de música....o problema, que eu acho, é que você vai parando mesmo, né...sei lá...

(...)

Ana Maria – Eu tive aula de música na minha época...peguei canto orfeônico de 1ª à 4ª, aí depois de 5ª à 8ª era música mesmo, estava no currículo, tinha coral, era por série, era quase que obrigado...você tinha que aprender...era uma disciplina mesmo...então os corais eram por série, toda série tinha o seu coral...

A voz (domínio elementar do aparato vocal em relação ao canto).

O sentido rítmico (manejo expressivo do corpo: da linguagem, em seu aspecto rítmico).

A sensibilidade musical (imaginação, expressão).

(...)

Luciana – ... enquanto eu estudava, sempre que eu tinha oportunidade de fazer um trabalho que envolvesse música, dança, eu estava sempre no meio! Entendeu? Mas cantar, tocar....nunca....a minha avó até que incentivou muito a tocar, mas eu era muito criança, não ligava muito para a coisa, não fui para a frente....

(...)

Márcia -e eu gosto de música desde pequenininha, sempre gostei de cantar, dançar e tocar instrumento, né...então eu tive um contato com violão, com 7 anos, eu fiz dois anos de violão, mas não era o instrumento que eu queria...

Os relatos das professoras mostram que o envolvimento com a linguagem musical na infância era forte e, durante a oficina foi possível, observar que ele se fortaleceu a ponto de incentivá-las a modificar o cotidiano de seus alunos por meio da música. Ou seja, as professoras se “apaixonaram” pela música e assim despertaram essa “paixão” em seus alunos, o que confirma a teoria de Gainza (1964) de que o professor pode desenvolver sua capacidade para ensinar determinado conteúdo. As professoras se dispuseram a aprender e de fato demonstraram maior domínio em relação à linguagem musical, maior segurança e autonomia para trabalhar com as crianças.

Ainda segundo a autora, a tarefa do educador também consiste em vincular a criança à música, em descobrir as capacidades latentes em seus alunos, orientando o seu desenvolvimento: “o professor não deve ser mais do que um discreto guia que conduz a criança até à música” (Gainza, 1964:29).

Também nesse sentido, Rosa (1990) alerta que o professor deve compreender a essência da linguagem musical, facilitando o contato da criança com ela, propiciando situações em que a criança possa olhar o mundo e se expressar. O trabalho com a linguagem musical deve ser prazeroso tanto para a criança quanto para o professor, e isso só ocorrerá se houver respeito à expressividade infantil, se forem criadas oportunidades para que a criatividade esteja presente no trabalho em sala de aula.

Segundo depoimentos das professoras durante as entrevistas, há que se ter realmente cuidado para aproximar de fato a criança à música. Se ao professor cabe apresentar a linguagem musical de forma prazerosa, possibilitando e estimulando a expressividade e criatividade infantil, então não apenas a criança deve estar em contato permanente com a música mas também ele próprio, pois somente assim sentirá a mesma paixão pela música que procura transmitir ao aluno. Isso se mostra fundamental quando analisamos alguns depoimentos das professoras sobre as aulas de música obtidas quando

crianças. De acordo com Luciana, as aulas de música que teve oportunidade de vivenciar no ginásio a frustraram, pois esperava um contato mais próximo com essa linguagem do que simplesmente decorar e cantar o Hino Nacional. Desejava poder tocar um instrumento, experimentar a música de outras formas:

Luciana – Eu tive 1 ano de aula na escola, de música, mas era uma professora também muito...ela só cantava o Hino Nacional... Música era o Hino Nacional...aí tinha todo mundo que cantar, que saber, que aprender, saber o tom, sabe?

Keila – Mas tinha uma aula específica para isso?

Luciana – Era uma aula de música só...só isso, entendeu? E eu até fiquei frustrada porque eu sabia que ela dava aula de flauta em outras salas, para outras séries e a gente ficava naquilo!

Márcia teve oportunidade de tocar um instrumento, ainda que fora do ambiente escolar, mas também mostra frustração dado o modo pelo qual essa aprendizagem se deu. Não houve prazer na aprendizagem, apenas regras a serem seguidas, o que a fez desistir do instrumento:

Keila – Você tinha vontade de aprender piano?

Márcia – Tinha! ...eu tinha um pianinho...sempre lá tocando... então meu pai falava assim “acho que essa menina tem dom para música, né, eu vou colocar ela no piano!”...e colocou no piano....só que eu não tive a sorte de pegar uma boa professora...tinham muitas professoras, mas eu peguei ela como professora e

Keila – Você que desistiu?

Márcia – Eu que desisti...ela insistia muito comigo em usar as notas, os dedos corretos, mesmo em datilografia, quando eu fui fazer curso de datilografia me exigiam usar os dedos certos nas teclinhas certaseu tive muita dificuldade de acertar! Consegui mas eu tive dificuldade e eu só tive êxito porque a minha professora era muito boa! Agora, a de piano não tinha essa suavidez para ensinar...ela era muito rígida mesmo...

Os depoimentos deixam claro que, dentro ou fora da escola, o papel do educador em aproximar a criança do universo musical é fundamental. Não basta colocar músicas para as crianças ouvirem simplesmente, mas ter objetivos nesse ouvir. Estimular a criança a ouvir de maneira concentrada, bem como permitir que ela expresse as sensações vivenciadas nesse ouvir, que se movimente e se expresse corporalmente, que experimente as possibilidades de seu próprio corpo e voz, que conheça um pouco mais de nossa cultura musical de maneira prazerosa.

A oficina permitiu que, por meio de brincadeiras, diálogos, leituras e reflexões, discutíssemos o papel do educador na tarefa de musicalizar, de aproximar a música da criança. Ao final da intervenção, por ocasião da entrevista, foi possível observar um grande avanço nesse sentido, pois a idéia que cada professor possuía inicialmente do que era inserir a música no cotidiano escolar foi se modificando e adquirindo novos

contornos. A música deixou de ser vista como apenas um recurso para ser utilizado em datas comemorativas ou na aprendizagem de algum conteúdo específico. Ainda que possa estar integrada ao programa escolar, a música passou também a ser vista como elemento propiciador de alegria, satisfação, experimentação, extrapolando o ambiente da sala de aula e modificando a paisagem escolar. Era possível observar, por exemplo, o envolvimento e a empolgação de professoras e alunos quando estavam brincando com música no pátio da escola. As próprias professoras afirmaram que os pais começaram a comentar, nas reuniões de pais e mestres, sobre o quanto as crianças passaram a cantar mesmo quando estavam em casa. Também as professoras revelaram que a música passou a estar sempre presente em todos os momentos, não só em sala de aula, nem tampouco apenas fora dela. A sua postura frente à música mostrou ser fundamental para a qualidade de convívio com esta arte por parte da criança. A prontidão das professoras em experimentar e vivenciar a música contagiou também os alunos.

Foi possível verificar, portanto, a necessidade de se estabelecer uma certa reciprocidade entre o ensino musical, a escola e o educador, para que todos os elementos sejam beneficiados: um educador comprometido com a música adequará o ensino musical ao cotidiano de sua escola e esta, apoiando educador e alunos criará maneiras de facilitar o trabalho do educador e possibilitará que este modifique o espaço escolar, ampliando-o e recriando-o.

5.2 A FORMAÇÃO CONTINUADA POSSIBILITANDO NOVAS APRENDIZAGENS E NOVAS FORMAS DE ENSINAR

Segundo Rodrigues (2001), a educação poderia ser comparada ao processo de crescimento das plantas. Após a escolha do que se quer plantar, o preparo do terreno e a semeadura, há que se ter o cuidado adequado para que a semente germine e se desenvolva na forma de planta. Se não houver ações externas à semente, como adubamento e rega, elas tendem a não germinar. O esforço e a intervenção externa, portanto, não garantem o nascimento e sua transformação em árvore. Isso só ocorre se a semente, devidamente adubada e regada, aciona mecanismos internos e próprios que a fazem absorver a água da terra e o alimento que são fornecidos para que cresça em força e vigor (Rodrigues,

2001:237/238). Assim sendo, ao educador cabe promover no educando a capacidade de observação, de análise, de julgamento e adesão. Deve educar-se não só o espírito mas também os sentidos, pois o entendimento não cresce apenas com o alimento provido pelos conceitos, mas também com o que absorve ao interiorizar e processar intelectualmente o mundo observado e vivido. A diretriz básica da educação é, então, educar para a emancipação, para a autonomia; em outras palavras, tornar o indivíduo capaz de atuar no conjunto da vida social de forma independente e participativa. Ainda segundo o autor, cada vez mais a escola exercerá a função de instituição formadora dos seres humanos e não deve priorizar conhecimentos em detrimento de outros.

Nesse sentido, se há necessidade de que todos os sentidos sejam desenvolvidos por meio da formação, não podemos aceitar o fato de a música estar à margem dessa formação como nossas observações mostram que ocorre em muitas escolas. Pior ainda é constatar que a música, enquanto arte, permanece à margem também nos próprios cursos de formação de professores. O depoimento das professoras participantes, durante as entrevistas, confirma a hipótese de que os cursos de formação têm contemplado os conhecimentos porém de forma hierárquica. Assim, em Artes, o que deveria ser um trabalho com as diversas linguagens artísticas – Artes Visuais, Teatro, Música, Artes Plásticas – acaba por tornar-se apenas um “receituário” voltado somente para as Artes Plásticas. A música não recebe a devida atenção na formação do professor e, conseqüentemente, na atuação desse mesmo professor em sala de aula, por falta de contato, de vivência, de construção de conhecimento, como evidencia, por exemplo, o depoimento de Luciana:

Luciana –....a gente não tem segurança trabalhar se a gente não tem aula sobre isso, não aprofunda mais sobre isso, a gente não tem segurança para trabalhar...então automaticamente fica de lado...então a partir do momento que a gente tem contato, passa a vivenciar essas experiências, isso passa a fazer, automaticamente, a fazer parte do meu dia-a-dia...fazer parte da vida da gente, tanto aqui quanto fora daqui...se bem que eu fora daqui já faz parte né....

A formação inicial do professor, portanto, tem enfrentado dificuldades para modificar esse quadro. Porém, como afirma Mizukami et al. (2002), embora a formação inicial sozinha não dê conta de toda a tarefa de formar os professores, também é verdade que ocupa um lugar muito importante no conjunto do processo total dessa formação, se

encarada na direção da racionalidade prática³². No entanto, como a autor comenta, infelizmente essa não parece ser a visão dos responsáveis pelas políticas públicas na área na América Latina, pois analistas têm mostrado que a formação inicial vem sendo cada vez mais desqualificada e substituída pela formação continuada:

“Desvalorizar a formação inicial dos professores – e conseqüentemente sua profissão – e incentivar a formação continuada – esse parece ser o objetivo de nossas políticas educacionais atuais” (Mizukami et al., 2002:26).

A formação continuada, por sua vez, busca novos caminhos de desenvolvimento, deixando de ser apenas uma reciclagem para tratar de problemas educacionais por meio de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas pedagógicas e de uma permanente (re)construção da identidade do docente (Mizukami et al., 2002:28).

Uma escola diferente só poderá existir quando o professor puder aplicar, em sala de aula, o que vê na sua formação, ou seja, no caso específico da música, se não tem contato com essa linguagem artística, se não se aproxima dessa área do conhecimento, muito dificilmente conseguirá ter segurança para torná-la parte do seu cotidiano em sala de aula.

Nas entrevistas realizadas com as professoras, o contato com música na infância foi apontado como um fator de influência na atuação docente, apesar das lacunas deixadas pelos cursos de formação de professores. Todas elas mencionaram, com carinho, as experiências obtidas na infância, mostrando o quanto a música fazia parte de suas vidas e alegrava a infância:

Inês – Eu adorei tanto quando eu fiz isso na escola...

Keila – A participação na escola, você diz? (me referindo ao coral ao qual Inês pertencia na escola)

Inês – Tudo, porque primeiro o professor testou a voz ... fui na primeira voz, então aquilo, para mim, foi...minha mãe fala “ah, Inês, sua voz é feia...” quando eu cheguei em casa, considerada primeira, ela ficou assim, né...até boba, né...ela falou “nossa”, porque ela via eu cantar em casa, né...

(...)

Keila – ...você também menciona que gosta de música, que gosta de cantar...

³² Segundo a autora, a racionalidade prática é um paradigma que concebe a formação como um continuum, sendo a formação docente vista segundo o modelo reflexivo e artístico, tendo por base a concepção construtivista da realidade com a qual o professor se defronta, entendendo que ele constrói seu conhecimento profissional de forma idiossincrática e processual, incorporando e transcendendo o conhecimento advindo da racionalidade técnica (cf. Mizukami, 2002:15).

Luciana – Gosto! Meu avô era maestro...gosto! A família inteira ou toca ou canta ou dança....se tratando de escola, enquanto eu estudava, sempre que eu tinha oportunidade de fazer um trabalho que envolvesse música, dança, eu estava sempre no meio! Entendeu?

(...)

Márcia -e eu gosto de música desde pequenininha, sempre gostei de cantar, dançar e tocar instrumento, né...então eu tive um contato com violão, com 7 anos, eu fiz dois anos de violão, mas não era o instrumento que eu queria.....eu tinha um pianinho...sempre lá tocando.... então meu pai falava assim “acho que essa menina tem dom para música, né, eu vou colocar ela no piano”...

(...)

Ana Maria –...essa música aí, “Uirapuru”, nossa, a hora que você falou (se referindo à Inês) parece que eu estava, eu vi lá aquelas divisões (vozes), aquela coisa mais linda do mundo, nossa! ... “Ave Maria do Morro”, nossa! Gente do céu! “Ave Maria do Morro” eu já participei de um coral com ela assim, quando eu tinha, na 4ª série, na minha formatura de 4ª série...

Em todos os depoimentos foi possível notar satisfação no contato com a música na infância, o que nos permite concluir que realmente a escola tem uma importante papel no sentido de tornar esse contato possível a todas as crianças, pois nem todas as famílias incentivam um convívio musical. No entanto, apesar de terem tido, na infância, um contato prazeroso com a música, as professoras revelam que na formação docente esse contato foi insuficiente, sendo que em alguns casos nem mesmo existiu:

Keila – Na opinião de vocês, o preparo que vocês tiveram na formação, para trabalhar com música, no magistério, formação de professores, foi suficiente para vocês trabalharem em sala de aula?

Inês – No meu caso não...

Ana Maria – Na formação de professores não teve...

Elsa – Muito pouco....muito pouco...o meu foi só no último ano e só para pré...

(...)

Luciana – Não....

Márcia – Não....

Keila – Nenhum, nenhum contato?

Luciana – Não!

Keila – Nem cantar assim aquelas musiquinhas tradicionais....

Luciana – Nada! Tem muita teoria, na verdade, e pouca prática...

Márcia –...Eu fiz especialização para pré e eu não tive música na especialização também! E fiz especialização de crianças deficientes e também não tinha nada de música....é muito pouco , eu acho, o conteúdo para o professora trabalhar é muito restrito! Eles ficam mesmo presos na teoria, não se preocupam muito com o que vai trabalhar na prática, as experiências, eles não abordam as experiênciasnão tem muito tempo...

Verificamos que, além de a música ainda não pertencer aos conteúdos considerados importantes para a futura atuação de um professor, Márcia revela outra dificuldade sentida durante a sua formação: a falta de experimentar não apenas a música mas outros conteúdos aprendidos durante o processo de aprendizagem. Nesse sentido Porcher (1982) afirma que

“... a leitura, a escrita, o cálculo, as datas da História, e as divisões do território nacional – tudo isto pode ser adquirido, aprendido mas a arte precisa ser sentida, experimentada” (Porcher, 1992:14).

Assim, se o professor não tiver um contato com a linguagem musical como algo extracurricular, dificilmente terá segurança para torná-la acessível aos alunos, uma vez que os cursos de formação, como afirmaram as professoras, ainda não têm tornado esse contato satisfatório. Além do mais, o relato da professora Elsa, demonstra que o pensamento que ainda vigora nos cursos de formação para professores é que a música só é importante às crianças da pré-escola, pois só nessa especialização é evidenciada a música como recurso em sala de aula e, ainda assim, se observarmos o depoimento da professora Márcia, que também se especializou em pré-escola, isso não se aplica a todas as situações, pois ela não teve formação suficiente para trabalhar com música em sala de aula nem mesmo durante a especialização.

Se por um lado os cursos de formação parecem ainda não contemplar a música como bem cultural ao qual os profissionais que preparam devam ter acesso, por outro lado o que as entrevistas revelam é que a formação continuada representa um caminho eficaz no sentido de preencher lacunas e desenvolver as potencialidades do professor, propiciando novas aprendizagens. Apesar das lacunas deixadas na formação docente, referentes à área musical, através da proposta dessa pesquisa – investir num programa de formação continuada em educação musical bem como avaliar o processo –, foi possível verificar que houve um reavivamento da linguagem musical no cotidiano da sala de aula, possibilitando às professoras o desenvolvimento de novas habilidades, uma nova postura frente ao ensino musical, diálogos e leituras, possibilidades de reflexão sobre a prática pedagógica. Exemplo disso pode ser observado no depoimento da professora Elsa:

Elsa – Mas você sabe que do ano passado para cá eu voltei a ter amor na música, né...

Keila – É, o que a gente quer é incentivar, né...

Elsa – Valorizei.... Talvez a imagem que passava, assim....está no pré, aí você passa para o 1º ano e parece que já muda alguma coisa, você já não é aquela...e não tem nada a ver! É uma continuação, né?

Keila – Você sente que o teu contato com a música, ela influenciou a tua profissão, o teu dia-a-dia dentro da sala de aula?

Elsa – Influenciou, só que é como eu te falei, foi perdendo, agora está voltando! Legal! Eu acho assim, talvez eu mesma tenha perdido aquele entusiasmo pela música

Inês – E agora está brotando...

Elsa – É do ano passado para cá...

Elsa – Eu sempre gostei, mas sei lá...tem que ser uma rotina....você entendeu? Tinha na nossa época, depois foi parando, parando, aí você faz o magistério, no magistério ele nãonão é muito, né?

Nesse sentido, a formação continuada em educação musical parece ter sido de grande importância na reaproximação das professoras com a música enquanto

linguagem artística, possibilitando também que passassem a valorizá-la mais em sala de aula, desenvolvendo autonomia para propor atividades musicais com os alunos. Se contribuiu para o professor, quanto mais para as crianças, que passaram a ter, por esse meio, oportunidade para criar, exprimir-se, através da voz e do próprio corpo, idéias e sensações. Isso pôde ser observado claramente nas filmagens realizadas com as crianças. A desenvoltura para cantar, dançar, criar, improvisar, interagir no grupo tornaram-se de fato visíveis.

5.3 AS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS SOB O PONTO DE VISTA DAS PROFESSORAS PARTICIPANTES

Paulo Freire (2000) afirma que a escola, sendo séria, jamais deveria tornar-se sisuda. Antes, deve dedicar-se ao ensino de forma competente, sendo ao mesmo tempo geradora de alegria:

“...a alegria de ensinar-aprender deve acompanhar professores e alunos em suas buscas constantes. Precisamos é remover os obstáculos que dificultam que a alegria tome conta de nós e não aceitar que ensinar e aprender são práticas necessariamente enfadonhas e tristes” (Paulo Freire, 2000:37).

As experiências vivenciadas na oficina de música parecem, de fato, haver provocado mudanças de postura nas professoras participantes em relação ao ensino musical, à maneira de encarar o processo de ensino-aprendizagem, às necessidades dos alunos, gerando uma mudança no próprio ambiente da sala de aula. A alegria passou a fazer parte do cotidiano de professoras e alunos.

Conquanto tenhamos presenciado inúmeras demonstrações do quanto a oficina de música provocou um cotidiano escolar diferenciado, mais alegre e consciente, não nos basta chegar a tais conclusões. Por isso, destacamos também opiniões das professoras envolvidas sobre as experiências vivenciadas e que contribuições trouxeram para si mesmas enquanto profissionais da docência, bem como aos seus alunos.

De acordo com as professoras, após o contato que tiveram com a música, tornou-se impossível conceber uma sala de aula na qual ela não estivesse presente, o que é bem exemplificado nos depoimentos seguintes:

Inês - eu acho que facilitaem vez de você pegar aqueles textos...a musiquinha, geralmente, a gente está trabalhando com curtinhas, né...então dá para você fazer um trabalho assim...o trabalho não fica curto porque a música é curta, né...o trabalho ...bem bacana mesmo....em vez de você pegar aqueles texto enormes lá, você pega a musiquinha, com ela você faz uma porção de coisas! Trabalha a parte de...éinterdisciplinar, né? Todas as matérias...você engloba tudo numa música ou nas músicas e vai encaixando...você vai aproveitando o máximo dela!

Keila –E você, Elsa, o que você...

Elsa – Mesma coisa! ...o mesmo que ela falou...Eu achei que dá para trabalhar muita coisa com a música! E eu estava perdendo isso!

Keila – Que bom que você achou!....E você, Ana Maria, o que você destaca?

Ana Maria – Então... é como ela (Inês) disse...ao invés de você pegar aqueles textos assim, né, que não entende a seqüência dele, o significado dele, você pega uma música que tem um texto bemé...que dá mais ali do dia-a-dia...a maior parte dos textos das músicas eles identificam...então...

Elsa – E outra, a gente volta a ser criança um pouco também...

(...)

Luciana – Relacionamento professor aluno, acho que estreita mais os laços né...porque a música, eles gostam de música seja ela qual for, seja essas que tocam, que não transmitem nada e tem aquelas que a gente sabe que são músicas boas e tal...então eles gostam...sabendo que aquela pessoa que está ali todo dia dando aula e tal também gosta e trabalha com isso é uma forma de estreitar os laços né...eles se aproximam do professor, assim como o professor também tem essa brecha para se aproximar do aluno...eles se soltaram mais, eles ...como eu falei, a primeira vez que eu trabalhei música com eles, que fomos lá para fora, aí eu coloquei aquela música tal e de repente todo mundo começou a chorar e aí cada um falando da sua vida, dos seus problemas, até os que não tinham também choraram...então eu acho que é por aí que a coisa funciona...a partir daí mexe com o sentimento...então aquele que é mais marrudo, mais briguento, ele abaixa a guarda sabe....

(...)

Márcia – Sem dúvida nenhuma eles aprenderam a se controlar um pouquinho melhor....minha classe é uma classe muito agitada e eu consegui controlá-los através da música...é um momento que eles prestam atenção, que eles querem aprender a letra, que eles querem ouvir a melodia, então eles aprenderam a se controlar um pouquinho melhor com a música...até usando algumas técnicas né, de alto, baixo, estridente, suave ajudou bastante nesse sentido....então na medida em que eles melhoraram a postura eu também pude abrandar a minha né...então eu fui acompanhando o ritmo dos alunos e vice-versa...e eles também melhoraram por causa da minha postura e eu também e ambos por causa da música...então eu acho que a sonoridade presente dentro da sala de aula ajuda em todos os sentidos a criança e o professor também...

Nota-se uma grande preocupação por parte das professoras no sentido de sensibilizar a criança para ouvir a música, cantá-la, criar e improvisar a partir dela. O ensino musical passou a ser encarado de maneira diferente pelas professoras, sendo possível verificar maior desenvoltura para criar novas possibilidades de atividades a partir das canções trabalhadas na oficina, desenvolvimento da capacidade de propor novas canções e, portanto, expansão do repertório de canções, ampliação da autonomia para adequar canções e atividades musicais às necessidades de suas salas de aulas. O que os relatos das professoras nos permitem verificar é que a música fez diferença, a oficina fez diferença, ao permitir o diálogo, a troca de experiências, a experimentação e a possibilidade de refletir sobre a prática. Foi possível verificar mudança de postura também nos alunos, como afirmam as professoras:

Luciana –....o contato deles, o contato com a música, ele mudou a postura dos alunos com relação a trabalho...mas no final não, no final eu percebi que a postura deles já era diferente! A postura deles era mais tranqüila, mais calma sabe...bem diferente, bem melhor do que da primeira vez...a falta de costume em se trabalhar com isso faz com que eles achem que um trabalho desse tipo é para bagunçar...

Márcia – Principalmente na 2ª série que eles já vêm com essa idéia pré concebida de que aniversário canta, festinha canta...então “é festa! Vamos cantar, então é festa! Pode bagunçar”....

Keila – Mas vocês sentiram que agora, nesse final, ainda continua essa conotação ou eles já conseguiram entender que é diferente?

Márcia – Já...os meus já....

Luciana – Já sim!

(...)

Elsa – Eu achei que eles ficaram mais felizes! A aula não ficou tão chata...a aula não ficou tão cansativa!...eu andava muito nervosa, não sei...depois eu acalmei!

Keila – E para os teus alunos, você achou que melhorou?

Ana Maria – Ah, eu achei ! Nossa!...mas se eles ficarem conversando muito, não tem a história e nem a música, né? Então eu falo “como eu vou contar uma história se vocês estão todos acelerados? Como eu vou colocar uma música se vocês não estão prestando atenção!” entendeu? ...porque eles ficam aguardando a música....

Observamos que o trabalho com música em sala de aula fez diferenciou as atitudes dos alunos. As dificuldades de atenção, de concentração, de interação grupal e sociabilização deram lugar à tranqüilidade e atenção para executar tarefas, à alegria na sala de aula, à espera pelos momentos nos quais teriam contato com atividades musicais. Além do mais, a música deixou de ser considerada momento de “bagunça” e passou a representar momento de relaxamento, de tranqüilidade, de alegria.

Verificou-se, também, que um contato mais próximo com a música possibilitou o desenvolvimento da sensibilidade estética e da percepção auditiva e rítmica por parte das crianças, como mostram os depoimentos das professoras Márcia e Ana Maria:

Márcia – Ah, eles ficaram mais espertos, mais atentos...erros, eles tinham mais tolerância, agora eles já não têm tanta tolerância...então se eu vou aplicar uma música nova e alguém erra ou alguém destoa, “não é assim! O ritmo está errado!”... Então eles já têm um conhecimento....

(...)

Ana Maria – No dia das mães, eu dei três musiquinhas para eles...lenta mesmo, super... Eles acharam a letra, o conteúdo sobre a mãe, da música mais lenta, mais bonita, mais....é... mais profunda, mas na hora de cantar eles queriam a outra porque a outra erae aí eu achei muito engraçado porque como é que eles perceberam quené? O que estava dizendo a letra? Aí eles diziam “essa letra aí é bonita, mas essa musiquinha é melhor!...porque na outra música eles podiam, inclusive, bater palma....eu incentivava a bater palma ou a pular...ou a movimentar, né... te convidava a fazer isso...e a outra não, a outra era para mostrar mesmo, para ...então eles prestaram atenção nas duas coisas!

Não apenas as crianças foram beneficiadas pela convivência com a música, mas também as professoras revelaram ter tido contribuições ao participarem do programa proposto. O espaço cedido para o programa de formação continuada em educação musical acabou por propiciar um diálogo diferenciado entre as professoras participantes, possibilitando que as contratadas pela escola no início do ano, como era o caso de Ana

Maria, Cristiane, Luciana e Márcia, tivessem uma troca de experiências em maior profundidade com as outras que já atuavam nela, o que não era possível, segundo elas, no horário de HTP. Já havíamos observado, nas reuniões ocorridas durante o processo de intervenção, que a integração entre as professoras foi aumentando gradativamente. No entanto, durante a entrevista tivemos oportunidade de confirmar essa observação:

Elsa – ...é que a gente não faz mas....chegar e falar assim “vamos conversar?”...entendeu? Sai um pouco...quando você conversa não melhora? ... Dá a impressão que todo mundo vem aqui para olhar e não é bem assim!

Keila -e sabe o que eu percebi? Que entre vocês, vocês construíram uma amizade gostosa nesse horário, nesse espaço! Porque às vezes vocês estão juntas na mesa ali, mas cada uma fazendo o seu trabalho....sabe?

Ana Maria – É, principalmente a gente assim....elas que já são da rede, que são tudo, não me conheciam, então eu aproximei mais aqui! E mesmo com os outros que não fazem o curso de música, foi mais fácil!

(...)

Keila - ...vocês acham que o projeto abriu espaço para vocês interagirem mais...e conversarem mais?

Elsa – Ah, sim!

Ana Maria – Muito!

Keila – Valeu para você (Ana Maria) para se inserir na turma?

Ana Maria – Isso! Com certeza!

Elsa- Sabe o que você sentiu? ...sabe o aluno que chega e o negócio já está andando...coitadinho....como que ele se sente, Ana Maria? Pára para pensar!

(...)

Keila – ...vocês sentiram que a oficina ajudou a integrar vocês à escola?

Luciana - Ah, eu acho! Só pelo fato da gente estar lá dançando, fazendo aquelas coreografias para cada música já desinibe todo mundo, sabe?

Keila – Vocês tiveram oportunidade de conversar com as outras professoras que já eram daqui....

Márcia – Bastante!

Luciana – Eu acho que ajudou muito! Eu acho que ajudou muito, pelo menos no meu caso, essa integração com quem já era da casa, com quem já se conhecia...porque todo mundo aqui já se conhece há muito tempo né e a gente chega de fora e fica meio deslocado...uma oportunidade assim de estar desenvolvendo atividades juntas e nessa dinâmica toda, com certeza a gente se sente mais próximas umas das outras....

Márcia – ... A união faz a força né?

A dinâmica das reuniões parece haver propiciado momentos diferenciados no ambiente escolar. O fato de a oficina ocorrer no local de trabalho das professoras e no horário de HTP individual parece haver contribuído para que elas tivessem uma participação mais assídua e ativa. Sobre a escola como espaço para a aprendizagem e o desenvolvimento docente, Mizukami et al. (2002) afirmam que essa assume importância considerável na promoção do desenvolvimento profissional de seus participantes, o qual, incorporado pelos próprios participantes, reverte em benefícios para a escola e para o processo de ensino-aprendizagem. Foi possível verificar, portanto, que as experiências vivenciadas no período da oficina deixaram fortes impressões nas professoras participantes,

redimensionando suas práticas pedagógicas, o cotidiano dos alunos e o próprio espaço escolar.

5.4 MODIFICANDO E AMPLIANDO O ESPAÇO ESCOLAR: NOVAS PERSPECTIVAS GERADAS PELA OFICINA DE MÚSICA

Segundo Miel (1956), a escola pode tornar-se um lugar no qual as diferenças sejam usadas para o desenvolvimento, e o aprender seja uma “aventura”. Também Paulo Freire (2000), ao discutir o papel da escola, menciona seu desejo por uma escola transformada em “centros de criatividade”, na qual se ensine e se aprenda com alegria:

“Sonhamos com um escola que, porque séria, se dedique ao ensino de forma competente, mas, dedicada, séria e competentemente ao ensino, seja uma escola geradora de alegria. O que há de sério, até de penoso, de trabalhoso, nos processos de ensinar, de aprender, de conhecer não transforma este quefazer em algo triste. Pelo contrário, a alegria de ensinar-aprender deve acompanhar professores e alunos em suas buscas constantes. Precisamos é remover os obstáculos que dificultam que a alegria tome conta de nós e não aceitar que ensinar e aprender são práticas necessariamente enfadonhas e tristes” (Paulo Freire, 2000:37).

Durante o período em que a oficina de música foi desenvolvida com as professoras da EMEB “Antonio Stella Moruzzi”, tivemos o fundamental apoio da diretora da instituição, Rose. Desde o início, houve grande incentivo de sua parte para que as professoras participassem. Em nenhum momento, Rose demonstrou receio em abrir as portas de “sua” escola para a oficina fosse realizada; ao contrário, nossa intervenção se deu por sua solicitação. Por outro lado, houve interesse das professoras em participar e dinamizar o cotidiano da sala de aula através da vivência com a música.

Elsa – Mudar o estilo de aula, mudar para ver se a criança aprende melhor! Para mim foi...

Inês – Para modificar a aula também...para criança tem que estar mudando...não só música e nem só da outra forma....a gente estar mesclando o trabalho nosso....

Elsa – Porque senão só fica caderno....

Inês – É...

Ana Maria – E quando eu ouvi falar, porque eu fiquei um tempo aí, já tinha tido duas ou três aulas e eu não sabia e eu já tinha dado...assim que eu entrei, na segunda ou terceira semana eu já tinha dado um tipo de música...quando falaram “tem um curso de música”, eu falei “puxa vida, vai me ajudar a trabalhar porque aquele que eu sei, da maneira que eu sei não vai me ajudar não”...então aí, imediatamente eu já vim para cá...

(...)

Luciana – Eu soube que o projeto estava acontecendo na escola, achei interessante por se tratar de música que é uma coisa que eu gosto, fiquei interessada nos resultados que isso podia me trazer trabalhando em sala de aula e por isso eu resolvi fazer...

Keila – ...pensando na tua prática mesmo...

Luciana – Justamente pela falta desse...disso na preparação que a gente tem nos cursos preparatórios, na formação....

Márcia – Mesma coisa eu! Para dar continuidade ao que eu já conhecia e também porque eu sentia falta desse lado na minha capacitação...

Os depoimentos das professoras, ao mencionarem os motivos que as estimularam a participar da oficina, confirmam a necessidade da formação continuada como forma de possibilitar a reflexão sobre a própria prática pedagógica e incentivo à transformação, à experimentação de novos procedimentos, desenvolvimento de novas habilidades ou habilidades que já até existiam mas estavam apenas em potencial. Assim, verificamos que de ambos os lados, professoras e direção, havia de fato preocupação em tornar aquela escola um ambiente mais alegre, no qual o aprender e o ensinar fossem mais prazerosos e o ensino musical mais valorizado.

Na entrevista com Rose, ao final da oficina, verificamos que realmente o espaço escolar foi modificado. Não apenas as professoras que participaram do programa de formação continuada demonstraram mudanças na prática pedagógica, valorizando o contato com a linguagem musical em sala de aula, mas toda a escola, de alguma forma demonstrou maior interesse por essa área do conhecimento.

Rose –a música vai cativando e a gente vai entrando e aí descobrimos que realmente é gostoso, tem professores, o grupo é muito bom, eles têm muita vontade, entendeu? Então nisso que a gente foi crescendo... eu percebo nela mais tranquilidade, mais música na sala da Elsa que também não era muito comum... e eu acho também que a Inês, já tinha um certa experiência, mas era um jeito de trabalhar música diferente...não era esse.... E eu fiquei encantada com os resultados porque também, assim, então a gente às vezes está trabalhando, né, aí você chega, você ouve aquela coisa gostosa, aí eu vou buscar onde eu estava ouvindo e claro, é gostoso, né....aí você entra dentro da sala “descobri, aqui que estava tocando!” Então é gostoso mesmo, realmente...passa na sala, conversa e vê que eles estão curtindo! Você dá uma olhadinha ...e é prazeroso... foi gostoso! Foi prazeroso! Que é o que tem que ser, não é? Tem que ser prazeroso para elas para que elas possam mostrar isso prazeroso para as crianças porque senão....não dá certo!

Rose mostra, claramente, que as experiências vivenciadas pelas professoras transformaram a atuação das professoras. O fato de ela ouvir um “som gostoso” e encontrar esse som nas salas de aulas demonstra que a alegria passou a fazer parte daquele ambiente.

Rose também menciona que os funcionários da secretaria e inspetoras de alunos interessaram-se em aprender mais sobre a música devido aos resultados observados nas crianças. Além do mais, professoras que não puderam participar do programa afirmaram que gostariam de haver participado.

Keila –para as professoras que não participaram, você acha que também houve contribuição...você acha que houve troca de experiências?

Rose – Então...não há ...não está tendo um tempo para isso, mas há muita curiosidade!

Keila – Você percebe isso?

Rose – Eu sinto! Eu sinto assim que elas querem saber...então foi onde nós estávamos falando que nós precisamos organizar nosso HTP coletivo para que as professoras possam trocar essas experiências....que o pessoal da música possa estar passando para eles o que eles fizeram, para os outros, os demais, e que o pessoal do jogo possa estar passando para os outros o que fizeram, porque elas têm muita curiosidade: “que você fez com essa música?” “que você fez com esse jogo?” Sabe? Há essa.... Eu acho que é isso que reflete a própria contribuição! Você percebe que elas viram que foi feito algo que elas também gostariam de fazer... que foi legal e que querem saber...existe aquela curiosidade....

(...)

Keila – Eu queria saber isso mesmo...que mudança você sentiu no ambiente escolar? No ambiente físico da escola?

Rose – Eu diria assim...eu vou usar a palavra harmonia, né...é uma coisa gostosa! Tanto para o pessoal da secretaria que também está ouvindo “olha que gostoso!”... “tão bonitinho, né?” Todo mundo percebeu o que estava acontecendo...eu achei!...

Apesar de a oficina ocupar um tempo relativamente pequeno no contexto do ambiente escolar, restringindo-se a apenas dois semestres incompletos, observamos que possibilitou o desenvolvimento da reflexão e análise crítica, da capacidade de adaptar e propor atividades com música em sala e aula, desenvolvimento a sensibilidade de acordo com o contexto e com as diferenças individuais. O depoimento de Rose permite verificarmos que a proposta oficina – criar condições para a inserção e integração da música ao espaço escolar por meio de um programa de formação continuada – teve resultados. Como a própria diretora afirmou, “é um bebê que está aprendendo a andar com as próprias pernas”, ou seja, é uma situação nova à qual toda a escola tem que se adaptar, mas foi um começo e um bom começo. A oficina gerou novas perspectivas para a EMEB “Antonio Stella Moruzzi” porém, mais do que isso, mostrou que é possível obter resultados quando há investimento na formação continuada do docente. Como observa Nóvoa (1992), o incremento de experiências inovadoras e a sua disseminação podem revelar-se extremamente úteis e consolidar práticas diferenciadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desse trabalho consistiu em analisar que contribuições um programa de formação continuada em educação musical, para professores das séries iniciais do Ensino Fundamental, pode trazer para eles no sentido de estimular novas aprendizagens da docência, novas reflexões sobre sua própria prática pedagógica. Nossos objetivos foram investigar que contribuições esse programa de formação continuada pode oferecer ao professor e ao aluno ao permitir a vivência de atividades envolvendo música no ambiente escolar. De que maneira possibilita a potencialização do ensino musical por parte do professor unidocente, e o quanto isso pode ser importante no cotidiano da sala de aula em termos de redirecionamento da prática pedagógica, de desenvolvimento de novas habilidades, de novas leituras e reflexões, de reorganização do próprio espaço escolar.

Nossa intervenção, ainda que temporária, parece haver estimulado a vida musical da escola como um todo, pois não só as professoras que participaram da coleta passaram a desenvolver um trabalho diferenciado com música em sala de aula mas também as demais.

As experiências vivenciadas com as professoras parecem, de fato, haver provocado uma nova maneira de encarar o ensino musical, a prática pedagógica, o espaço escolar. Por meio da oficina, as professoras puderam experimentar novas possibilidades de trabalho com música, inovar a partir dessas experiências, aplicar tais inovações no dia-a-dia da sala de aula e refletir sobre esse processo. Nóvoa (1992) bem destaca que a formação passa pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio de novos modos de trabalho pedagógico e por uma reflexão sobre sua utilização. A formação passa por processos de investigação, diretamente articulados com as práticas educativas. Observamos que, de fato, as professoras se envolveram com a proposta e passaram a valorizar o espaço escolar como um espaço para novas leituras e reflexões sobre a prática pedagógica, para o desenvolvimento de novas habilidades, para a discussão do cotidiano escolar e suas

particularidades, para a inovação. Esse envolvimento pôde ser verificado quando, ao final da oficina, discutimos com as professoras participantes maneiras de perpetuar o trabalho com música que vinha sendo realizado por elas, em sala de aula.

Elsa – Mesmo que seja outra sala, nunca mais eu deixo agora!...vou começar desde o primeiro dia já com música!

Ana Maria – Ah, isso é outra coisa!

Elsa – O erro meu foi não ter começado desde o primeiro dia! ...a gente acha que a criança não sabe escrever ainda....fica muito mais fácil para ela entender! Olha, “samba-lê-lê tá doente”...ela vai entendendo “sam-ba-lê-lê tá doen-te”...

(...)

Keila –...se você for dar aula numa outra escola hoje, você teria planos de estar aplicando isso, de estar trabalhando com música independente de série, aluno, escola?

Márcia – Sem dúvida nenhuma!

Keila – Você achou que valeu a pena?

Márcia – Nossa! Lógico! A música sempre é produtiva!

Luciana – Claro! Sem dúvida! Porque é o que a gente estava falando desde o começo....a partir do momento que você tem o contato necessário para trabalhar com isso, você tem mais um apoio para te auxiliar no trabalho sempre!

(....)

Rose – Então...e eu pretendo também no HTP estar mostrando...elas estarem partilhando as experiências (se referindo às experiências vivenciadas pelas professoras participantes da pesquisa)...vendo o quanto é gostoso...

Os depoimentos das professoras nos permitem inferir que, quando um conhecimento deixa de ser “obscuro”, o professor adquire mais confiança em torná-lo presente em sala de aula. Permitem também inferirmos que quando há, na escola, um espaço para o desenvolvimento do docente, este se sente valorizado, e o apoio da escola lhe dá segurança para mudar e reconhecer suas limitações e avanços.

Trocando experiências, as professoras se conheceram melhor e puderam compartilhar dificuldades e soluções. Aprofundando o contato com a linguagem musical, elas possibilitaram a si mesmas e aos seus alunos um espaço escolar diferenciado no qual a música passou a ser valorizada, e as capacidades de percepção auditiva e rítmica, de expressão verbal e corporal, de interação grupal, de criação, improvisação, de imaginação, comunicação foram desenvolvidas. Redirecionando a prática pedagógica, as professoras mostraram que é possível fazer uma nova leitura do cotidiano escolar, refletindo sobre os diferentes aspectos que o envolvem e modificando atitudes. Estabelecendo conexão entre a linguagem musical e os conteúdos já desenvolvidos em sala de aula, elas demonstraram desenvolvimento das capacidades de adequação, adaptação e integração. Estimulando a discussão de temas transversais, mostraram que a escola deixa de ser considerada um espaço apenas para a aprendizagem de conteúdos formais para ser um espaço de formação

integral no qual todos os aspectos da vida cotidiana fazem sentido e são importantes. Refletindo sobre a própria prática pedagógica e as novas aprendizagens, elas se sentiram seguras para modificá-la sem contudo descaracterizá-la.

Após o encerramento de nosso contato semanal, verificamos que a semente de fato germinou em termos de continuidade ao trabalho iniciado. Os alunos de Inês, Elsa e Márcia e até mesmo de outras professoras que não participaram da oficina realizaram, ao final do ano letivo, uma apresentação musical enfatizando os diversos momentos da história do Brasil. Para cada canção, as próprias professoras criaram pequenas danças e todas as crianças tiveram oportunidade de participar. A convite das professoras, sempre que possível, estive presente aos ensaios e pude observar o quanto a música, numa perspectiva de valorização do lúdico e da experimentação, envolveu e continua a envolver alunos e professoras. As crianças sorriam, cantavam, dançavam ao sabor da música, e o espaço escolar tornou-se mais valorizado com elas dançando nos pátios e trazendo alegria ao ambiente.

No dia da apresentação, fui à EMEB “Antonio Stella Moruzzi e acompanhei toda a programação. A euforia era visível, os alunos mal se continham antes de entrar em cena, os pais esperaram ansiosamente para aplaudir os filhos, e as professoras mostraram muita segurança e autonomia durante a realização de toda a programação. Ao final, era possível ver expressão de alegria no rosto de todos os envolvidos.

A experiência permitiu que constatássemos o quanto o cotidiano daquela escola já foi modificado. O espaço de aprendizagem deixou de se limitar à sala de aula e outros espaços passaram a ser conquistados: a música tomou conta dos corredores, dos pátios, do refeitório, da biblioteca. As professoras, tão temerosas, receosas para opinar, inovar, mostraram ser capazes de criar, improvisar quando necessário, estimular os alunos, adequar os materiais disponíveis para seus objetivos, buscar novas possibilidades de trabalhar com a música.

As crianças, por sua vez, demonstraram ser capazes de apreciar os momentos dedicados aos ensaios, de interagir no grupo, de se expressarem por meio da voz e do corpo com mais desenvoltura, de se organizarem nas atividades.

Há muito ainda para se fazer, também há muito ainda para aprender. No entanto as professoras da EMEB “Antonio Stella Moruzzi” mostraram que o investimento

no professor em atuação é importante e traz inúmeros benefícios para o docente, para o aluno, para o cenário educacional. Limites existem, mas não precisam representar empecilhos. Não pudemos, nem foi nossa intenção preencher todas as lacunas, referentes aos conteúdos musicais, das professoras que conosco participaram na oficina. Isso não ocorre em 15 encontros. Porém, como afirma Paulo Freire (2000),

“A eficácia da educação está em seus limites. Se ela tudo pudesse ou se ela pudesse nada não haveria porque falar de seus limites. Falamos deles precisamente porque, não podendo tudo, pode alguma coisa” (Paulo Freire, 2000:30)

Nossa intenção foi, sim, fazer alguma coisa, despertando novas habilidades, provocando reflexões, proporcionando novas leituras, diálogos, trocas de experiências tendo como conteúdo a música. Com essa experiência, passamos a compreender um pouco melhor o dia-a-dia do professor de ensino fundamental da rede pública, que muitas vezes possui mais de um local de trabalho mas que, apesar do cansaço, se dispõe a conhecer e aprender mais, inovar, experimentar, refletir, modificar sua prática pedagógica, transformando assim o espaço escolar. O programa de formação continuada aplicado mostrou ser um importante instrumento para incentivo para o desenvolvimento da prática reflexiva, possibilitando, também, às professoras, uma nova postura frente ao ensino musical.

NOVAS PERSPECTIVAS

Durante o ano de 2003 o projeto³³ da EMEB “Antonio Stella Moruzzi” teve como tema “a música e a criança”. Ao longo desse ano tivemos algumas oportunidades de contato com as professoras que participaram do programa desenvolvido em 2001 e 2002. Sempre que possível elas contavam sobre os projetos musicais desenvolvidos com os alunos e, mais recentemente, tivemos oportunidade de assistir uma pequena apresentação realizada por esses alunos cujo tema foi a música da década de 60³⁴. As professoras criaram os figurinos e desenvolveram coreografias muito interessantes, importando ressaltar também a participação dos alunos e pais que estiveram presentes à apresentação. O envolvimento com a música enquanto arte parece se desenvolver a cada dia e a escola atualmente exhibe novos murais com cantigas de roda, músicas folclóricas, o que, sem dúvida, contribui também para um resgate de nossa cultura musical.

O programa de formação continuada em música desenvolvido mostrou ser um importante meio de transformação da prática pedagógica e potencializou o ensino musical desta escola, porém não houve tempo para um trabalho mais minucioso com os alunos e com as próprias professoras em termos de supervisão do trabalho musical realizado por elas em sala de aula. Conquanto tenhamos realizado algumas visitas às salas de aula, filmado algumas atividades desenvolvidas pelas professoras com as crianças, não foi possível desenvolver um acompanhamento mais próximo do trabalho desenvolvido por elas. Nossa futura perspectiva é que esse programa possa vir a ter uma continuidade na qual possamos investigar o que está sendo possível realizar em termos de ensino musical, pelas professoras, após o encerramento da intervenção, bem como possibilitar novas experiências na área musical para professoras e alunos, permitindo também novas leituras e reflexões sobre a prática pedagógica e sobre o ensino musical.

³³ Como mencionado em notas anteriores, a cada ano a escola escolhe um tema a partir do qual as professoras e alunos desenvolvem trabalhos manuais e apresentações.

³⁴ As professoras encarregadas por essa apresentação foram Elsa (1ª série) e Márcia (no ano de 2003 responsável por uma 4ª série)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARDLEY, Neil. **Guia de música para jovens ouvintes**. Tradução de Maria Alice Moura Bessa. Singapura, Civilização Editora: 1996.
- CANDAU, V.M.F. *Formação continuada de professores: tendências atuais*. In: REALI, A.M. de M.R. & MIZUKAMI, M. da G.N. (orgs.). **Formação de professores: tendências atuais**. São Carlos: EDUFSCar, 1996.
- COSTA, L.C.L.M. “*Tempo de começar*”. In: LIMA, S.A. (org.); GAINZA, V.H. (apres.). **Educadores Musicais de São Paulo: encontro e reflexões**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1998.
- BRESLER, Liora. *Metodologias qualitativas de investigação em Educação Musical*. In: **Revista: Música, Psicologia e Educação**, número 2. CIPEM: 2000.
- DALBEN, A.I.L.F.de. “*A educação musical na atual organização do trabalho escolar*”. In: **Cadernos de Educação Musical 2**.
- FERES, J.S.M. **Iniciação musical: brincando, criando e aprendendo**. São Paulo: Ricordi Brasileira S/A, 1989.
- FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Editora Cortez, 2000. 4ª edição.
- FONTEERRADA, M. T. O. “*Formal/Informal: um dilema*”. In: LIMA, S.A. (org.); GAINZA, V.H. (apres.). **Educadores Musicais de São Paulo: encontro e reflexões**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1998.
- GAINZA, V. H. **La iniciación musical del niño**. Buenos Aires: Ricordi, 1964.
- GARCÍA, C. M. *A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor*. In: **Os professores e sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.
- KOELLREUTTER, H. J. “*Educação musical – hoje e, quiçá, amanhã*”. In: LIMA, S.A. (org.); GAINZA, V.H. (apres.). **Educadores Musicais de São Paulo: encontro e reflexões**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1998.
- JEANDOT, Nicole. **Explorando o Universo da Música**. São Paulo: Scipione, 1993.
- JOLY, Ilza Z.L. (org.) **Musicalização Infantil: guia de procedimentos**. Departamento de Artes, Universidade Federal de São Carlos, 2001.

- LIMA, S.A. “*O modelo de ensino artístico musical do homem contemporâneo*”. In: LIMA, S.A. (org.); GAINZA, V.H. (apres.). **Educadores Musicais de São Paulo: encontro e reflexões**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1998.
- MACOMBER, F.G. “*A natureza da criança e a educação social*”. In: **A educação social e a criança**. Belo Horizonte: Empreendimentos Culturais Brasileiros Ltda, Editores, 1956. Tradução de Alice de Souza.
- MANACORDA, Mário Alighiero. **História da educação: da antigüidade aos nossos dias**. Tradução de Gaetano Lo Monaco. São Paulo: Cortez, 1992.
- MARCELO, C. *Pesquisa sobre a formação de professores: o conhecimento sobre aprender a ensinar* (Trabalho apresentado na XX Reunião Anual da ANPEd). **Revista Brasileira de Educação**, número 9, 1998.
- MIEL, A. *A criança no mundo de hoje*. In: **A educação social e a criança**. Belo Horizonte: Empreendimentos Culturais Brasileiros Ltda, Editores, 1956. Tradução de Alice de Souza.
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti, et al. **Escola e aprendizagem da docência: processos de investigação e formação**. São Carlos: EdUFSCar, 2002.
- MIZUKAMI, M.da G. N. *Docência, trajetórias pessoais e desenvolvimento profissional*. In: REALI, A.M. de M.R. & MIZUKAMI, M. da G.N. (orgs.). **Formação de professores: tendências atuais**. São Carlos: EDUFSCar, 1996.
- MOURA, I. C. de., BOSCARDIN, M. T. T. & ZAGONEL, B. **Musicalizando crianças: teoria e prática da educação musical**. São Paulo: Ática, 1989.
- NÓVOA, A. *Formação de professores e profissão docente*. In: **Os professores e sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.
- PENNA, Maura. *Ensino de Arte: um momento de transição*. In: SLEMIAN, Andréa (org.) **Olhando a qualidade do ensino a partir da sala de aula**. Anais II do IX ENDIPE (Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino). São Paulo: Águas de Lindóia, 1998.
- PÉREZ-GÓMEZ, A. *O pensamento prático do professor: a formação do profissional reflexivo*. In: **Os professores e sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.
- PORCHER, Louis (org.). *Aristocratas e plebeus*. In: **Educação Artística: luxo ou necessidade?** São Paulo: Summus, 1982.
- ROSA, N.S.S. **Educação musical para a 1ª a 4ª série**. São Paulo: Ática, 1990.

RODRIGUES, Neidson. **Educação: da formação humana à construção do sujeito ético.** Ed. Soc., out. 2001, vol. 22, número 72, p. 232-257.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte** / Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1997, volume 1.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte** / Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1997, volume 6.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte** / Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1997, volume 8.

SCHÖN, D. A. *Formar professores como profissionais reflexivos.* In: **Os professores e sua formação.** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

SNYDERS, G. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** São Paulo: Cortes, 1992. Tradução de Maria José do Amaral Ferreira.

SNYDERS, G. **Alunos felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

SOLTI, G. **O Mundo maravilhoso da música.** Tradução de Luciano Jelen. São Paulo: Melhoramentos, 1997.

ANEXOS

ROTEIRO UTILIZADO PARA AS ENTREVISTAS COM AS PROFESSORAS PARTICIPANTES DA SEGUNDA ETAPA DA OFICINA DE MÚSICA

- 1) Por ocasião do questionário, vocês mencionaram haver tido experiências com música, na escola ou na família. Digam mais sobre essas experiências. Que tipo de influências elas exerceram na sua atuação como docente? Contribuíram de alguma forma na sua profissão?
- 2) No curso para formação de professores, vocês tiveram algum preparo para trabalhar com música em sala de aula? De que maneira isso ocorreu? Na sua opinião foi suficiente?
- 3) O que motivou a sua participação nessa pesquisa? Qual o papel, na sua opinião, da música na formação da criança?
- 4) Hoje, após a vivência que tivemos na oficina e a partir das atividades aplicadas com os alunos em sala de aula, o que vocês destacariam como positivo no uso da música em sala de aula:
 - para vocês enquanto docentes?
 - para as crianças enquanto alunos?
- 5) Em que aspectos essa vivência com música contribuiu para a vida pessoal e profissional de vocês?
- 6) O que poderia ter sido diferente?
- 7) Que diferenças vocês notam, junto aos seus alunos, após a inserção da música no cotidiano da sala de aula? Houve mudanças? Que tipo de mudanças? Como ocorreram?
- 8) Quais são seus planos no sentido de continuação dessa trajetória de introduzir cada vez mais a música no cotidiano escolar? Existe alguma sugestão para que a música continue fazendo parte do cotidiano da sala de aula mesmo após o término da pesquisa?

**ROTEIRO UTILIZADO PARA ENTREVISTA COM A DIRETORA DA EMEB
“ANTONIO STELLA MORUZZI**

- 1) O que motivou a escola a se envolver nesse programa de formação continuada em educação musical?
- 2) Que mudanças puderam ser observadas desde o início da oficina de música no que diz respeito às crianças bem como aos professores?
- 3) Que contribuições esse programa de formação continuada trouxe às professoras que participaram?
- 4) Que contribuições trouxe para a escola como um todo? Como as professoras que não participaram têm visto as mudanças? Como o ambiente se modificou?
- 5) O que pode ser visto nas atitudes das professoras e crianças que permite acreditar que o programa trouxe contribuições?
- 6) Existe alguma sugestão para que a música continue fazendo parte do cotidiano da sala de aula mesmo após o término da oficina de música?

ATIVIDADES PROPOSTAS NA OFICINA DE MÚSICA

1) RECONHECIMENTO DE TIMBRES

São distribuídas, entre os participantes, fichas contendo figuras diversas (instrumentos musicais, animais, etc.). Cada participante deve pegar sua ficha e não deixar que os demais participantes a vejam. Em seguida, um dos participantes dá início à brincadeira imitando, com a voz, o som da figura que pegou, de forma que os outros colegas possam identificar que objeto ou animal, ou instrumento está sendo imitado. Se nenhum dos participantes conseguir identificar apenas pelo som, o participante que está apresentando pode fazer mímica e assim facilitar a identificação. O primeiro participante que conseguir adivinhar o que está sendo imitado, será o próximo a imitar o som de sua ficha. A dinâmica prossegue até que todos tenham participado.

OBJETIVOS DA ATIVIDADE: Essa atividade permite que os participantes identifiquem diferentes fontes sonoras, reconheçam diferentes timbres e os expressem por meio da voz, permite que se expressem por meio de movimentos corporais realizando mímicas.

2) TIMBRES E INTENSIDADE DO SOM

Atividade realizada em grupos com 3 ou 4 integrantes. Cada grupo dramatiza um ambiente reproduzindo sons característicos do mesmo, procurando evidenciar as diferenças entre os sons quanto à sua intensidade (forte ou fraco). Por exemplo, o grupo responsável pelo ambiente da cozinha, deverá se organizar de tal forma que cada integrante consiga identificar, sonorizar e imitar movimentos de objetos que produzam sons fortes e sons fracos nesse ambiente. Os ambientes a serem dramatizados poderão ser escolhidos pelos participantes ou previamente sorteados entre os grupos.

OBJETIVOS DA ATIVIDADE: Essa atividade permite que os participantes interajam e se organizem grupalmente, que diferenciem os sons quanto à intensidade partindo de situações do cotidiano, que desenvolvam a capacidade de improvisação e expressão corporal ao dramatizar o ambiente escolhido pelo grupo.

3) ALTURA E DURAÇÃO DO SOM

Cada participante diz seu próprio nome combinando sons longos e curtos, bem como alturas diferentes. Por exemplo, uma sílaba do nome pode ser curta e aguda enquanto outra pode ser longa e grave. A atividade prossegue até que todos tenham “cantado” o nome.

OBJETIVOS DA ATIVIDADE: A atividade permite que os participantes diferenciem e classifiquem os sons quanto à sua altura (sons graves e agudos), diferenciem e classifiquem os sons quanto à sua duração (sons longos e sons curtos), expressem-se oralmente, experimentando as diversas possibilidades da voz.

4) “O QUE DESEJO DESENVOLVER NO MEU ALUNO”

Sentados em círculo, os participantes levantam elementos considerados importantes à formação de seus alunos, anotando-os em tarjetas que foram fixadas num mural. Este mural pode ser complementado sempre que os participantes o acharem necessário.

OBJETIVOS DA ATIVIDADE: A atividade permite que os participantes identifiquem aspectos necessários à formação de alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental confrontando necessidades particulares (que cada participante julgue importante) com as necessidades apontadas pelo grupo. Além disso, permite que os participantes classifiquem tais necessidades quanto à prioridade e se expressem oralmente emitindo opiniões sobre as necessidades apontadas.

5) RITMO E PULSAÇÃO DO SOM

Em círculo, todos os participantes batem palmas do início ao fim da atividade, de maneira regular. Cada participante fala seu próprio nome procurando combinar sons longos e sons curtos, com alturas diferentes (por exemplo, uma sílaba do nome pode ser curta e aguda enquanto outra pode ser longa e grave, grossa) procurando enquadrar-se no ritmo das palmas. Em seguida todos procuram imitar os sons produzidos pelo mesmo participante. A atividade prossegue até que todos os integrantes tenham participado.

OBJETIVOS DA ATIVIDADE: A atividade permite que os participantes diferenciem os sons quanto à sua duração (curto ou longo) e à sua altura (grave aguda), expressando essas diferenças por meio da voz. Além disso, permite que todos procurem se enquadrar no ritmo regular marcado pelo grupo e reproduzam os sons criados pelos demais participantes.

6) DANÇANDO COM BALÕES

Cada participante recebe um balão de ar. Ao som de uma música leve, todos dançam, cada qual com seu balão, se movimentando por todo o espaço usado para a brincadeira, sem deixar cair o balão e sem trombar com os demais participantes. Em seguida, outras músicas, com diferentes andamentos podem ser tocadas e os participantes devem continuar dançando com os balões procurando acompanhar, com o corpo, as variações de andamento. Durante a atividade os participantes não devem conversar para que haja concentração e atenção à música tocada.

OBJETIVOS DA ATIVIDADE: A atividade permite que os participantes identifiquem e expressem os diferentes andamentos das músicas tocadas, respeitem o espaço dos demais participantes explorando o ambiente sem “trombar” com os colegas. Permite também o desenvolvimento da capacidade de observação ao estimular a exploração do ambiente.

7) PESQUISA SONORA (1) :

Deixar que os participantes ouçam, durante alguns minutos, os sons que estão ao redor, tendo como momentos de preparação uma música suave: quando a música terminar, todos devem permanecer de olhos fechados e ouvir o máximo de sons que conseguirem. Em seguida todos podem escrever no papel os sons que ouviram e relatar para os demais. É interessante discutir a atividade com os participantes, perguntando o que acharam da sensação de ouvir, de prestar a atenção em sons que normalmente não são notados, que sons mais agradam e que sons não agradam.

OBJETIVOS DA ATIVIDADE: A atividade permite que os participantes sejam estimulados a prestar atenção em sons que normalmente não são notados, estimulando também a audição e concentração na medida em que é necessário silêncio para desenvolver a atividade. A atividade também desenvolve a capacidade de diferenciação dos sons quanto à agradabilidade e permite que os participantes reconheçam os diversos timbres que compõem o ambiente que os rodeiam.

8) PESQUISA SONORA (2)

Propor que os participantes realizem o exercício de escutar os sons ao redor, porém procurando diferenciar os sons quanto à sua localização (perto, longe, fora do ambiente, dentro do ambiente). Em seguida, solicitar que escrevam todos os sons que ouviram numa folha de papel e deixar que relatem oralmente aos colegas, estimulando que não apenas diferenciem os sons quanto à agradabilidade ou não, mas também quanto à localização. Uma variação interessante está em solicitar que os participantes representem por meio de desenhos algum som escolhido, da lista que fizeram. Isso pode ser feito com lápis de cor, giz de cera ou outros materiais (tinta, cola...)Depois, cada participante irá apresentar aos colegas como representou o som que escolheu e imitar esse som.

OBJETIVOS DA ATIVIDADE: Essa atividade permite aos participantes desenvolver a capacidade auditiva ao discriminar os sons que estão ao redor, diferenciando-os quanto à localização. Desenvolve também a capacidade de criar e o respeito entre os participantes na medida em que cada um cria e representa o som à sua maneira.

9) PESQUISA SONORA (3)

Deixar que os participantes ouçam, por alguns minutos, todos os sons possíveis ocorridos no pátio da escola. Deixar que explorem o ambiente, porém sem conversar um com o outro. No próprio pátio, sentados em roda, ou na sala de aula, deixar que relatem o que ouviram. Discutir a atividade classificando os sons relatados: qual o mais interessante, o menos interessante, o mais forte, o mais fraco, o mais longe, o mais perto, o mais diferente.... No trabalho com crianças, o professor pode solicitar que elas desenhem algum som que

consideraram diferente e depois cada criança pode apresentar sua criação aos demais colegas.

OBJETIVOS DA ATIVIDADE: A atividade desenvolve a percepção auditiva e de classificação dos sons, incentiva o respeito ao espaço do outro, estimula a participação oral dos participantes ao descreverem os sons ouvidos, desenvolve o potencial criativo ao permitir que se expressem por meio de desenhos.

10) PESQUISA SONORA (4)

Solicitar que os participantes façam uma pesquisa dos sons existentes no recreio. Cada um deverá levar um papel para anotar os sons que for ouvindo durante o recreio e depois relatar o resultado para os colegas, quando retornar à sala de aula. Quando a atividade for desenvolvida com alunos, o professor pode explorar a importância do controle do volume da voz, a necessidade de ouvir para ser ouvido. O professor pode, também, gravar os sons emitidos pelos próprios alunos durante o recreio, para que ouçam e discutam essas questões.

OBJETIVOS DA ATIVIDADE: A atividade possibilita o desenvolvimento da percepção auditiva, permite a exploração do ambiente, e possibilita que o professor, em sala de aula, discuta com os alunos a questão da necessidade do controle do volume da voz para as diversas situações do nosso cotidiano.

11) PESQUISA SONORA (5)

Levar os participantes para um espaço fora, porém próximo, da escola, e deixar que eles ouçam todos os sons possíveis por alguns minutos. Depois, se o local for apropriado, fazer uma roda e explorar a atividade nesse mesmo local. O coordenador pode solicitar que cada participante escolha um dos sons para imitar. É interessante conversar com os participantes sobre o que ouvirem, deixando que relatem os diversos sons ouvidos, estimulando a diferenciação dos mesmos quanto a:

- Agradabilidade (agradável ou não)
- Intensidade (forte ou fraco)
- Altura (grave ou agudo)
- Sons diferentes em relação ao ambiente da escola

OBJETIVOS DA ATIVIDADE: Essa atividade estimula a capacidade de diferenciação e classificação dos sons possibilitando também desenvolvimento da sensibilidade auditiva.

12) PESQUISA SONORA (6)

Pedir que cada participante pesquise os sons de algum ambiente de sua casa, anotando-os em uma folha de papel. Depois, com os participantes reunidos, deixar que cada um relate os sons que ouvirem nos ambientes escolhidos. Em seguida solicitar que, em grupo, dramatizem algum ambiente que será escolhido pelos componentes do grupo (por exemplo, se o grupo decidir dramatizar o ambiente da cozinha, deverão imitar todos os sons

existentes na cozinha, realizando também mímicas). Cada grupo deverá apresentar sua dramatização de forma que os demais colegas tentem descobrir que ambiente dramatizaram.

OBJETIVOS DA ATIVIDADE: A atividade permite o desenvolvimento da organização grupal e experimentação de sons do nosso ambiente por meio da voz, a interação entre os participantes e o desenvolvimento da expressão corporal.

CANÇÕES TRABALHADAS COM AS PROFESSORAS NA OFICINA DE MÚSICA E APLICADAS COM AS CRIANÇAS EM SALA DE AULA

1) CANÇÃO SAMBA-LÊ-LÊ

Samba-lê-lê está doente,
Está com a cabeça quebrada;
Samba-lê-lê precisava
de umas dezoito lambadas.

Samba, samba, samba, ô lê lê,
Levanta a pontinha da saia, ô lê lê,
Samba, samba, samba, ô lê lê,
Pisa na barra da saia, ô lê lê.

— Olhe morena bonita,
Onde é que você mora?
— Moro na rua Formosa,
Digo adeus e vou-me embora

Por ser uma canção do folclore brasileiro bastante conhecida, Samba-lê-lê é uma canção interessante para trabalhar em sala de aula. O professor pode cantar a música com as crianças, explorando a letra da canção, cantando-a de diversas maneiras: variando a intensidade (forte e fraco), o andamento (rápido e devagar), a altura (grave e agudo). Pode também propor movimentos, improvisando uma pequena dança: em roda, na introdução todos ficam no lugar apenas batendo os pés. Quando cantam as duas primeiras frases da música, a roda gira para um lado, nas outras duas para outro lado. No refrão, todos param e batem palmas e os pés. Quando há a preparação para cantar a segunda parte da música, girar no próprio lugar para um lado e depois para o outro. Na segunda parte da música repetir os mesmos movimentos da primeira. A canção pode se tornar uma brincadeira de “siga o mestre”: cada criança pode improvisar movimentos para as diferentes partes da canção. O professor pode ir coordenando quando um aluno começa e outra termina, deixando que cada criança tenha oportunidade de criar movimentos para os demais colegas imitarem.

OBJETIVOS DAS ATIVIDADES: As atividades propostas a partir da canção estimulam o desenvolvimento da coordenação motora, por meio da expressão corporal; desenvolvem a capacidade de interação grupal, na medida em que todos os participantes devem realizar os movimentos sincronizadamente, estimulam a participação de alunos que muitas vezes, por timidez, não conseguem se encaixar no grupo, estimulam a experimentação da voz e as várias possibilidades de cantar uma mesma canção, desenvolvem o potencial de criação e improvisação na medida em que os participantes propõem movimentos para os demais colegas imitarem.

2) CANÇÕES “O SAPO BATENDO PAPO” E “O GRILO”:

“O SAPO”

Nós vimos um dia
com muita alegria,
Um bando de sapos fazendo folia.
Que coisa boa a gente ver o sapo
Batendo um bom papo na beira da lagoa.

Foi, foi não foi, foi não foi, foi, foi, não foi! (Bis)

“O GRILO”

Olhem só o que eu estou vendo,
Cri, cri, cri, cri,
Um grilinho a cantar,
Cri, cri, cri, cri,
Eu só sinto não saber o que ele quer falar!
Cri, cri.

Cantar as canções com as crianças, explorando as várias possibilidades da voz: mudando a intensidade (forte e fraco) mudando o andamento (rápido e devagar), mudando a altura (grave e agudo). Posteriormente, quando as crianças já estiverem dominando a melodia e a letra das canções, separar as crianças em grupos, deixando que criem uma estória inspirada em alguma das canções ou em ambas. Além de criarem as estórias, cada grupo deverá incluir, na estória, a música que a inspirou. Depois, as crianças ainda poderão representar por meio da voz ou objetos existentes em sala de aula os sons da estória que elas fizeram e apresentar o resultado para os colegas. As estórias criadas pelos alunos podem inclusive ser analisadas pelos alunos, podendo ser trabalhado entendimento de texto, gramática, etc.

OBJETIVOS DAS ATIVIDADES: As atividades propostas a partir da canção possibilitam o desenvolvimento das capacidades de expressão vocal e corporal, o desenvolvimento da capacidade de criar e improvisar em grupo, um vez que a estória é fruto de construção coletiva. Permitem também o desenvolvimento da escrita, da noção de construção de texto (começo, meio e fim).

3) CANÇÃO “PERIQUITO MARACANÃ”

Periquito Maracanã, cadê a tua Iaiá?
Faz um ano, faz um dia que eu não vejo ela passar.

Ora vai chegando, ora vai chegando, ora vai chegando, até chegar!
Ora vai afastando, ora vai afastando, ora vai afastando, até afastar!
Ora vai pulando, ora vai pulando, ora vai pulando, até pular!
Ora vai rodando, ora vai rodando, ora vai rodando, até rodar!

O professor pode cantar a música com as crianças, explorando a letra da canção, cantando-a de várias maneiras: mudando a intensidade (forte e fraco) mudando o andamento (rápido e devagar), mudando a altura (grave e agudo). Pode também criar uma pequena dança com as crianças a partir da própria letra da canção, enfatizando a localização espacial (o perto e o longe): duas fileiras, uma de frente para outra, na primeira parte batem palmas, na 2ª andam para frente, na 3ª afastam e pulam, na 4ª rodam no próprio lugar. A dança também pode ser realizada com as crianças em roda: na primeira parte, as crianças cantam e giram ora para a direita, ora para a esquerda. Na segunda parte, as crianças imitam o que diz a letra da música: chegando, afastando, pulando e rodando. A música também pode ser cantada omitindo palavras (por exemplo, cantar a música sem falar a palavra “maracanã”): na palavra omitida as crianças podem bater palmas para representá-la. As crianças podem desenvolver pesquisa sobre animais silvestres, o professor pode trabalhar as rimas existentes na música...Uma variação interessante é deixar as crianças brincarem de regência: cada criança terá oportunidade de reger a canção para os colegas, escolhendo se a quer mais rápida, mais devagar, mais forte, mais fraca, mais aguda, mais grave, indicando que sinais usará para representar as diferentes maneiras de cantar (por exemplo, quando o regente erguer o braço para o alto, todos devem cantar forte...)

OBJETIVOS DAS ATIVIDADES: As atividades propostas a partir da canção incentivam a autonomia ao permitir a criação, pelas crianças, de gestos para regência, desinibição e socialização na medida em que todos participam juntos da atividade e respeitam o colega que está sendo o maestro, desenvolvimento da percepção auditiva (identificando e executando, por meio da voz sons mais fortes ou mais fracos, cantando mais depressa ou mais devagar) desenvolvimento do ritmo (batendo palmas para acompanhar a letra da canção), da expressão corporal, da capacidade de interagir com o grupo (todos realizando movimentos juntos), desenvolvem a atenção e a noção de ritmo ao omitir palavras e bater palmas ou fazer outros gesto no lugar da palavra.

4) CANÇÃO “ATIREI O PAU NO GATO”

Atirei o pau no gato
Mas o gato não morreu,
Dona Chica admirou-se
Do berro, do berro que gato deu!

Cantar com as crianças, permitindo que experimentem a própria voz, inventar uma estória para o gato: ele acordando, com pressa para ir à escola, cansado por correr muito, alegre por estar com os colegas, triste porque acabou a aula, contente e votando para casa marchando ao lembrar do almoço que o espera, cansado e com preguiça na hora de dormir. A partir das várias atitudes do personagem, deixar que as crianças cantem a música e se movimentem imitando o gato: acordando, com pressa, cansado, triste, marchando, com sono. Além dessa atividade, o professor poderá propor que as crianças inventem uma continuação para a canção, em que haja incentivo à proteção dos animais e natureza: o que aconteceu com o gato? Como podemos evitar que isso aconteça? Vamos alertar para que não machuquem o gato criando uma nova parte para a canção? Utilizando a mesma melodia, as crianças criarão novas letras e apresentarão aos colegas dramatizando-a

(imitando os personagens da canção, improvisando movimentos, utilizando objetos sonoros para acompanhar a música).

OBJETIVOS DAS ATIVIDADES: As atividades propostas a partir da canção permitem que a criança desenvolva o controle da voz, ao experimentar as várias maneiras de cantar, permite também o desenvolvimento da expressão corporal, ao criarem movimentos para dramatizar a canção, improvisação coletiva, ao criarem uma nova letra para a mesma, incentivo à proteção do meio ambiente, estímulo à criatividade ao criarem sons a partir de objetos, desenvolvimento da capacidade auditiva e rítmica ao cantarem e acompanharem a canção com objetos sonoros.

5) CANÇÃO “A LUA” (RENATO ROCHA)

A lua,
Quando ela roda,
É nova,
Crescente ou meia lua,
É cheia,
Quando ela roda,
Minguante, meia,
Depois é lua novamente...bis
Quando ela roda,
É nova,
Crescente ou meia lua,
É cheia,
Quando ela roda,
Minguante, meia,
Depois é lua novamente
Quem diz que a lua é velha,
Mente quem diz,
Que lua é velha,
Mente quem diz.

A lua,
Quando ela roda,
É nova,
Crescente ou meia lua,
É cheia,
Quando ela roda,
Minguante, meia,
Depois é lua novamente... bis
Quando ela roda,
É nova,
Crescente ou meia lua,
É cheia,
Quando ela roda,
Minguante, meia,
Depois é lua novamente,
Quem diz que a lua é velha,
Mente quem diz que a lua é velha,
Mente quem diz...

A lua, lua, lua....A lua, lua, lua...

Mente quem diz que a lua é velha,
Mente quem diz...

Atividades propostas a partir da canção:

- 1) Ouvir e posteriormente cantar a canção com as crianças, esclarecendo dúvidas que surgirem.
- 2) Pedir que as crianças criem sons para cada fase da lua, sendo que cada criança poderá apresentar o som que inventou para os demais colegas.
- 3) As crianças poderão inventar, com o auxílio da professora, uma pequena dança para a canção.
- 4) As crianças poderão criar, em grupos, uma pequena história ou poema em que os personagens sejam as “quatro luas”. Essas histórias poderão ser dramatizadas para os demais colegas da seguinte maneira: um aluno lê a história enquanto os demais imitam os personagens da história e imitam os sons que houverem na história.
- 5) As crianças poderão desenvolver uma pesquisa sobre as quatro fases da lua, que influências ela exerce na maré, nas colheitas...

OBJETIVOS DAS ATIVIDADES: As atividades propostas a partir da canção permitem o desenvolvimento da percepção auditiva e rítmica, da expressão vocal e corporal, da concentração para ouvir, da criatividade, da capacidade para trabalhar em grupo, do respeito aos colegas.

6) CANÇÃO “A VOZ DOS ANIMAIS”

Foi Deus quem fez os bichos,
Sua voz eu vou imitar,
E bem igual a eles,
Bonito eu vou cantar.

O pato faz quá, quá;
A vaca fa mu,mu;
A ovelha faz mé, mé
E o peru faz glu, glu, glu.

O sapo faz quachar;
O cachorro faz au, au;
O galo co-ró-có-có
E o gato, miau, miau, miau.

Pintinho faz piu, piu;
Burrinho faz hip,hip;
Angola faz trofac;
O cavalo, chip, chi.

A mula faz ploc, ploc;
O grilo faz cri, cri;

Uma ave diz arara
E a outra bem-te-vi.

Mosquito faz zim, zim;
Abelha faz zum,zum;
Muitas vezes eles picam
Machucando o meu bumbum.

Como faz o papagaio?
Vou imitar o macaquinho,
Ele é muito engraçado
E como é lindo o golfinho!

Atividades propostas a partir da canção:

- 1) Perguntar para as crianças que sons fazem os diversos animais da canção, antes deles ouvirem a mesma. Deixar que elas imitem com a voz esses sons
- 2) Deixar que as crianças ouçam a canção, cantar a canção com elas explorando a letra da mesma (representação gráfica dos sons dos animais).
- 3) Deixar que as crianças se movimentem ou pela sala ou pelo pátio imitando os animais da música enquanto a ouvem e cantam. Eles poderão imitar não só o som mas o movimento também. É importante que o professor participe dessas atividades para conduzir as mesmas e ao mesmo tempo brincar com as crianças.
- 4) Desenhar os animais da música: A partir do tema da canção, colocar uma tira de papel pardo (em torno de 3 metros) no chão e fazer uma fila com as crianças. As crianças andarão, em fila, em torno da tira de papel cantando a canção. Quando a música parar, todos deverão ficar no local em que pararam e desenhar no pedaço de papel que está à sua frente. Quando a música inicia novamente, as crianças voltam a caminhar em volta da tira de papel porém, ao ser a música interrompida novamente, as crianças deverão continuar o desenho que estiver à frente, mesmo que não seja o seu, da maneira como desejar. A brincadeira prossegue até que as crianças cheguem ao desenho que começaram. Feito isso, o professor pode explorar a questão da coletividade, pois o desenho não foi feito por uma só pessoa, todos tiveram participação e outras questões relacionadas a essa, deixar que as crianças expliquem a idéia que tinham originalmente e o que acham que o desenho final representou. A música deve estar sempre tocando durante a atividade, mesmo que seja necessário colocá-la mais de uma vez.
- 5) Pode ser solicitado às crianças uma pesquisa sobre os animais da canção. A pesquisa pode ser feita em grupos e cada grupo pode escolher apenas um dos animais para pesquisar. Depois, eles poderão apresentar para os colegas o resultado da pesquisa sobre a vida desses animais (onde vivem, o que comem, etc.)

OBJETIVOS DAS ATIVIDADES: As atividades propostas a partir da canção permitem o desenvolvimento da expressão vocal (cantando, imitando os diversos animais), da expressão corporal e coordenação motora ao imitar os movimentos desses animais, da criatividade (desenho coletivo), permitem também que as crianças conheçam melhor nosso meio ambiente por meio da pesquisa sobre os animais da canção.

7) OLÊ, OLÁ

Não chore ainda não,
Que eu tenho um violão e nós vamos cantar.
Felicidade é que pode passar e ouvir,
E ela for de samba, há de querer ficar.

Seu padre toca o sino
Que é prá todo mundo saber,
Que a noite é criança,
Que o samba é menino,
Que a dor é tão velha que pode morrer,
Olê, olê, olê, olá
Tem samba de sobra,
Quem sabe sambar,
Que entre na roda,
Que mostre o gingado,
Mas muito ciudado, não vale chorar.

Não chore ainda não,
Que eu tenho uma razão prá você não chorar.
Amiga me perdoa,
Se eu insisto à toa,
Mas a vida é boa para quem cantar.

Euplínio toca forte
Que é prá todo mundo acordar,
Não fale da vida
Nem fale da morte,
Tem dó da menina,
Não deixe chorar,
Olê, olê, olê, olá,
Tem samba de sobra,
Quem sabe sambar,
Que entre na roda,
Que mostre o gingado,
Mas muito cuidado, não vale chorar.

Não chore ainda não,
Que eu tenho a impressão que o samba vem aí.
É um samba tão imenso,
Que eu às vezes penso,
Que o próprio tempo vai parar prá ouvir.

Luar espere um pouco
Que é pro meu samba poder chegar,
Eu sei que o violão
Está fraco, está rouco,
Mas a minha voz
Não cansou de chamar,
Olê, olê, olê, olá.
Tem samba de sobra,
Ninguém quer sambar,
Não há mais quem cante,
Nem há mais lugar,
O sol chegou antes

Do samba chegar.
Quem passa nem liga,
Já vai trabalhar.
E você, minha amiga,
Já pode chorar.

Atividades propostas a partir da canção:

- 1) Ouvir a canção com as crianças, deixando que acompanhem com a letra, tirando todas as dúvidas em relação à mesma. Num primeiro momento a ênfase pode estar na letra da canção e posteriormente o professor pode chamar a atenção das crianças para as variações da canção: quando fica mais rápida, quando fica mais devagar, que momento é mais alegre, que momento é mais triste, como é importante o controle do volume da voz, pois mesmo quando a música está mais fraca é possível ouvir o que está sendo cantado.
- 2) Deixar que as crianças cantem e se movimentem livremente pela sala ou pátio acompanhando o ritmo da canção: quando o andamento for mais rápido fazer movimentos mais rápidos, quando o andamento for mais devagar, movimentar-se mais devagar.
- 3) Deixar que as crianças improvisem uma pequena dança para a canção acompanhando a variação de andamento da mesma (devagar e rápido)

OBJETIVOS DAS ATIVIDADES: Essas atividades permitem que a criança experimente, com movimentos corporais, as diferenças de andamento da música: o rápido e o devagar, além de diferenciar também o forte e o fraco. Através desses movimentos a criança está também desenvolvendo o controle do espaço que explora, na medida em que pode se movimentar, mas não pode trombar ou atrapalhar os colegas.

8) A MARÉ ENCHEU

A maré encheu
A maré vazou
Os cabelos da morena
O riacho carregou

Sete e sete são quatorze
Com mais sete vinte e um
Tenho sete namorados
Mas não gosto de nenhum

Em cima daquele morro
Tem um velho gaioleiro

Quando vê moça bonita
Faz gaiola sem poleiro

Em cima daquele morro
Tem um velho relojoeiro
Quando vê moça bonita
Faz relógio sem ponteiro

Atividades propostas a partir da canção:

- 1) Deixar que as crianças ouçam a canção acompanhando a letra, esclarecendo quaisquer dúvidas quanto à mesma.
- 2) Cantar a canção com as crianças, procurando chamar a atenção para a mudança de andamento entre uma parte e outra (algumas partes são cantadas mais devagar enquanto outras são mais rápidas).
- 3) Deixar que as crianças se movimentem imitando o andamento da música, quando o andamento for rápido devem se movimentar rápido, quando for devagar devem se movimentar devagar.
- 4) Com a música sendo tocada, deixar as crianças criarem desenhos a partir da mesma, pedir que as crianças imaginem uma gaiola sem poleiro, um relógio sem ponteiro: como seriam?
- 5) Explorar diferentes profissões ou apenas as profissões ressaltadas na música: relojoeiro e gaioleiro.

OBJETIVOS DAS ATIVIDADES: A partir dessas atividades as crianças são estimuladas a criar movimentos, expressar-se corporalmente diferenciando o andamento da música quanto ao rápido e devagar, conhecer mais sobre profissões, desenvolver a imaginação ao criar desenhos baseados na música.

9) PASSA, PASSA GAVIÃO

Passa, passa gavião
Todo mundo passa (bis)

As lavadeiras fazem assim (bis)
Assim, assim (bis)
Os sapateiros fazem assim...
As cozinheiras fazem assim...
Assim, assado
Carne seca com ensopado.

Atividades propostas a partir da canção:

- 1) Deixar que as crianças ouçam e cantem a canção.
- 2) Fazer uma fila com as crianças, sendo que uma criança com a professora farão a “ponte” sob a qual as demais irão passar. As crianças devem cantar a música e se movimentar no ritmo da mesma. Quando “a ponte” prender alguma criança, essa deverá imitar a profissão que está sendo cantada. A brincadeira deve prosseguir até que todas as crianças tenham tido oportunidade de serem “presas” pela ponte e imitar alguma profissão.
- 3) Explorar as diversas profissões da canção, pedir uma pequena pesquisa sobre a profissão dos pais das crianças e depois explorar esse tema com elas.

OBJETIVOS DAS ATIVIDADES: Por meio dessas atividades as crianças estarão desenvolvendo a expressão corporal e vocal, a noção de ritmo, estarão conhecendo as

diferenças entre as várias profissões, pesquisando e conhecendo um pouco mais sobre a profissão de seus familiares, interagindo com os colegas de classe.

10) CANÇÃO “SAI, SAI PIABA”

Sai, sai, sai ô piaba
Saia da lagoa (bis)

Bota a mão na cabeça
Outra na cintura,
Dá um remelexo no corpo
Uma umbigada na outra

Atividades propostas a partir da canção:

- 1) Deixar as crianças ouçam e cantem a canção, sempre esclarecendo dúvidas quando houver.
- 2) Improvisar uma pequena dança com as crianças a partir do que sugere a letra da mesma.
- 3) Explorar as regiões do Brasil, contando que essa canção é uma samba de roda do Recôncavo Baiano, etc.
- 4) Deixar que as crianças improvisem um arranjo para a música com pequenos objetos da sala de aula ou objetos sonoros trazidos de casa.

OBJETIVOS DAS ATIVIDADES: Por meio dessas atividades a criança estará desenvolvendo percepção auditiva e rítmica, capacidade de improvisação, expressão corporal, além de melhor interagir em grupo.

11) CARANGUEJO

Caranguejo não é peixe
Caranguejo peixe é
Caranguejo só é peixe
Na vazante da maré

Palma, palma, palma
Pé, pé, pé,
Roda, roda, roda
Caranguejo peixe é

Caranguejo não é peixe
Caranguejo peixe é
Caranguejo não é peixe
Na enchente da maré

CANGRESITO

Cangresito, cangresito (caranguejo)
Cangresito de coral

Cangresito pata chueca (de pata quebrada)
Que no puede caminar

Sempre de costado (sempre andando de lado)
Vie y vá
Cangresito, cangresito
Cangresito de coral

Atividades propostas a partir da canção:

- 1) Ouvir e cantar a canção com as crianças, tanto a versão brasileira quanto a melodia tradicional mexicana.
- 2) Explorar os hábitos do caranguejo, onde vive, do que se alimenta, como se locomove
- 3) Improvisar uma pequena dança com as crianças, imitando o caranguejo, a partir da versão brasileira e depois a versão mexicana.

OBJETIVOS DAS ATIVIDADES: Por meio dessas atividades a criança estará desenvolvendo percepção auditiva e rítmica, capacidade de improvisação, expressão corporal, além de melhor interagir em grupo e conhecer mais sobre sua própria cultura musical e a de outros países.

13) ESCRAVOS DE JÓ

Escravos de Jó
Jogaam caxangá
Tira, põe, deixa ficar
Guerreiros com guerreiros
Fazem zigue, zigue, zÁ

CANÇÃO DE GHANA

Oh o bom ni sah nya na
O bom so ni sah
(Nós somos crianças e estamos brincando com pedras)

Atividades propostas a partir da canção:

- 1) Deixar que as crianças ouçam a canção Escravos de Jó, e em seguida a canção de Ghana, cuja melodia é muito parecida. Cantar, se possível, com as crianças as duas versões. Ambas sugerem brincadeiras.
- 2) Na canção Escravos de Jó, muitos objetos podem ser utilizados para a brincadeira, inclusive o próprio corpo. Uma das maneiras é passar pequenas pedrinhas ou copinhos plásticos ao companheiro ao lado (sempre no mesmo sentido) no tempo forte da música:

ESCAVOS DE JÓ
JOGAVAM CAXANGÁ
TIRA, PÕE, DEIXA FICAR
GUERREIROS COM GUERREIROS
FAZEM ZIGUE, ZIGUE, ZÁ

- 3) Os movimentos também podem ser feitos com o corpo, deslocando-se para o lado no tempo forte da música.
- 4) Na canção de Ghana, as crianças podem sentar-se em círculos, cada uma tendo uma pedrinha à frente e, seguindo o pulso da música, pegam a pedra da direita (no tempo fraco) e passam para a esquerda (no tempo forte).

OBJETIVOS DAS ATIVIDADES: Essas atividades permitem que a criança desenvolva a coordenação motora, a sensibilidade rítmica, conheça mais sobre outras culturas que influenciam a nossa, interaja com o grupo.

14) CAJUEIRO PEQUENINO

Cajueiro pequenino
Carregado de fulô
Eu também sou pequenino
Carregado de amor

Ai, meu cajueiro
Vento norte abalou
Que foi isto cajueiro
Sericóia anunciou

Atividades propostas a partir da canção:

- 1) Deixar as crianças ouvirem a melodia, enfatizando a região de origem (Pernambuco), cantando a canção com as crianças.
- 2) Improvisar uma pequena dança a partir da canção, deixando que cada criança proponha movimentos para as demais imitarem.

OBJETIVOS DAS ATIVIDADES: As atividades propostas permitem à criança experimentar a voz, desenvolver a expressão corporal, conhecer canções de outras origens, e conhecer as próprias regiões brasileiras, desenvolver a imaginação, a percepção auditiva e rítmica.